BIZZ

EDITORA AZUL

5 ANOS

O adeus de **CAZUZA**

BARÃO VERMELHO

PAULA ABDUL

NOTTING HILLBILLIES
a nova banda
de MARK KNOPFLER

PETER GARRETT
(MIDNIGHT OIL)
no "entrevistão"

LONDRES/EXCLUSIVO

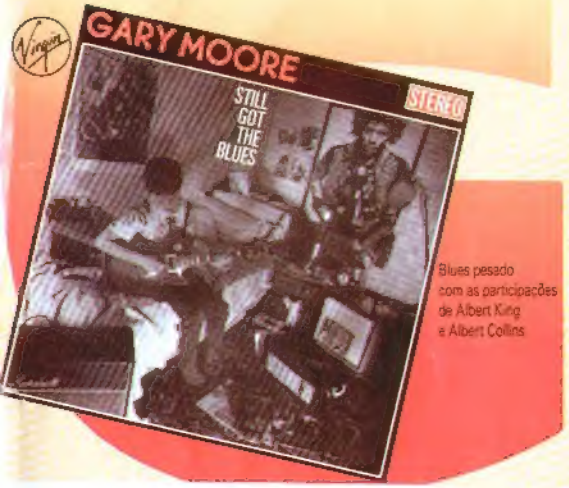
SEPULTURA
A Força Internacional do Metal Brasileiro

TECHNOTRONIC!
dance sem parar

ROBERT PLANT ★ ERIC CLAPTON ★ LOU REED E JOHN CALE ★ NICK CAVE ★ AS CRUZADAS BIZZ CONTINUAM!!!

CADA GUITARRA NO SEU GALHO

GARY MOORE



Blues pesado com as participações de Albert King e Albert Collins

VIXEN

EMI

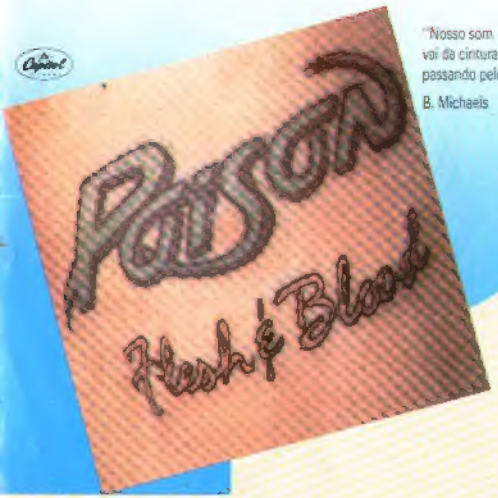
"Four ladies who can really play"

East Coast Rocker

POISON

"Nosso som vai da cintura à cabeça passando pelo coração"

B. Michaels



BILLY IDOL

Capitol

Após 4 anos de ausência, a volta do bad boy rebelde

EM DISCOS EMI E FITAS

Já estava mais do que na hora de eles serem capa da BIZZ. Em um ano, os quatros mineiros deixaram sua posição de "apenas" mais uma banda quente e se transformaram num verdadeiro fenômeno internacional. Os **Sepultura** esperam você na pág. 24, numa entrevista feita em Londres, por Anamaria G. de Lemos, no dia em que o quarteto lotou o lendário Marquee. A matéria traz também uma lista dos grupos pesados que estão seguindo a rota para o exterior e outra dos discos de heavy mais vendidos.

Peter Garrett, do Midnight Oil, estava há um bom tempo na fila do *Entrevistão*: além de líder de um grupo em ascensão meteórica, o careca é inteligente e articulado como poucos — cheque na pág. 39. E, para calar de vez quem andou achando a BIZZ muito pop e pouco rock'n'roll, demos também uma geral na carreira do velho/novo **Barão Vermelho** (pág.34) e outra nos Notting Hillbillies, o grupo que substituí os Dire Straits no coração de Mark Knopfler.

Foto de Paulo Mendes Abril

Quer mais? Tem para todos os gostos: um papo na cozinha da cantora-coreógrafa-designer de tênis (?) Paula Abdul, que conta a Ana Maria Bahiana porque seu sonho de adolescente era ser jornalista. Peter Hook, do New Order, apresentando seu novo grupo, o Revenge, e explicando porque fazer sucesso é a melhor vingança. Tem a história por trás do sucesso do conglomerado belga Technotronic. E ainda as *Fichas do Rock*, editadas por Marisa Adán Gil; todas as seções que você conhece e adora (se não adora, escreva para cá dizendo por quê); e mais Inspiral Carpets, Robert Plant, Eric Clapton, Dorsal Atlântica, Electribe 101 — até um *Ao Vivo* da Angélica! Falando sério: melhor que esta edição, só a do mês que vem (vem chumbo grosso por aí, pessoal). Beijos e até lá.

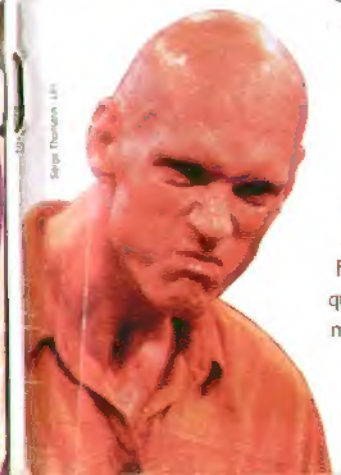


Foto de capa: Paulo Mendes Abril (Sepultura), Chantal Poirier (Technotronic)

Eric de Paula Abril

INDICE

BIZZ

6 **SHOWBIZZ**
Duran e Pet Shop Boys no Brasil

12 **FAST FORWARD**
Revenge, Helloween, Carpets

30 **NOTTING HILLBILLIES**
Os Dire Straits já eram?

52 **PAULA ABDUL**
Comendo pizza e contando sua vida

54 **TECHNOTRONIC**
Como ficar rico e influenciar pessoas

56 **DANCE MUSIC**
Electribe 101, Badinha, pistas

58 **CONEXÃO BRASIL**
Zines, bandas, imprensa alternativa

60 **AO VIVO**
Grace Jones, Angélica

64 **JUKEBOX**
Os guitar heroes desconhecidos

65 **DISCOS**
Songs For Drella, Cramps, Nick Cave

74 **PARADA**
Legião e Sinéad na frente

76 **LETRA TRADUZIDA**
Trouble With Classicists, L. Reed e J. Cale

78 **CARTAS**
Os leitores aprovam a psicodelia

80 **DISCOTECA BÁSICA**
É Proibido Fumar, Roberto Carlos

82 **BIZZ 5 ANOS**
Saudade não tem idade

NIKE AIR CROSS TRAINER. PARA ELE, UM ESPORTE SÓ É POUCO.

As pessoas que fazem esportes estão cada vez mais praticando vários esportes.

Esta tendência mundial foi detectada pelo pioneirismo da Nike, que lançou o conceito "cross training".

Depois de criar os melhores calçados específicos para cada esporte, os laboratórios Nike agora desenvolveram Nike Air Cross Trainer: o primeiro específico para todos os esportes.

Nike Air Cross Trainer reúne características poliesportivas e é equipado com o sistema Nike Air, exclusivo, de amortecimento e impulsão.

Você joga tênis, basquete, anda de bicicleta, faz jogging e pratica aeróbica, sem precisar mudar de tênis a cada vez que muda de esporte.

Nike Air Cross Trainer. Para ele, um esporte só é pouco.

E para você?

NIKE AIR CROSS TRAINER. O PRIMEIRO TÊNIS ESPECÍFICO PARA TODOS OS ESPORTES.

SHOW BIZZ

DURAN E PSB NO BRASIL

Esse mês desembarcam no Brasil o Duran Duran, os Pet Shop Boys e a mais recente estrelinha produzida pelo trio Stock, Aitken & Waterman, Sonia. Só que até o fechamento desta edição, não estava programada nenhuma apresentação ao vivo dos ingleses: a EMI-Odeon está trazendo os astros só para fazer "promoção" — a saber, entrevistas e aparições na televisão. As duranies que se preparem para ver Simon, John e Nick sendo chamados de "gracinha" por Hebe Camargo... Pelo menos, estão confirmadíssimos os shows do Eric Clapton em setembro e Jethro Tull em outubro.

MOMENTOS INESQUECÍVEIS

Dinho, do **Capital Inicial**, posou seminu para a página central da *Sétimo Céu* e declarou, entre outras pérolas, que não quer ser símbolo sexual e que sonha em transar com duas garotas ao mesmo tempo. Cafona desse jeito nem uma você arruma, meu filho.

AXL CASADO, BON JOVI SOLO

Deve ser alguma espécie de recorde: em menos de um mês, **Axl Rose** se casou e entrou com um pedido de divórcio. A (ex) esposa é Erin Everly, namorada de Axl há anos e filha de Don, dos Everly Brothers. Outra notícia envolvendo um galã metálico: **Jon Bon Jovi** lançou em julho seu primeiro LP solo, com músicas "de e inspiradas por" um filme, *Young Guns 2*, western estrelado por Emilio Estevez e Kiefer Sutherland, em que Jon faz uma pontinha. O LP tem participações de Jeff Beck e Little Richard e saiu ao mesmo tempo que o primeiro solo de **Richie Sambora**, o que aumentou os boatos sobre o fim do Bon Jovi.

JB PASSA SÓ AS NOITES NO XADREZ

O vovô do soul **James Brown** entrou num regime de semiliberdade: de dia trabalha para uma organização de assistência aos idosos e doentes, dando palestras e cantando seus hits. De noite, volta para a cadeia. JB, que tem 57 anos, está presa há um ano e meio e só se torna elegível para uma condicional no ano que vem.

A ERA DOS FESTIVAIS

Dois megafestivais de metal assolam a Europa este mês. Primeiro é o tradicional **Monsters Of Rock**, no próximo dia 18, na Inglaterra, com **Quireboys**, **Poison**, **Aerosmith** e **Whitesnake**. Ainda em agosto chega à Europa a tour **Clash Of Titans**, com **Slayer**, **Testament**, **Suicidal Tendencies** e **Megadeth**. A idéia é promover os novos discos das quatro bandas *thrash*, que saem até o final do ano.

No dia 24 é a vez de outro festival britânico tradicional, o **Reading Festival**, que este ano tem como *headliners* **Cramps**, **Pixies** e **Inspiral Carpets**, e como convidados especiais **Nick Cave**, **Buzzcocks** e **The Fall**. Os promotores esperam bater o recorde de público em 1990, na Grã-Bretanha, que é dos **Stone Roses**. Em maio, eles reuniram 28 mil pessoas em Manchester.

ROCK AMARELO

O governo chinês descobriu que rock dá pé e está incentivando os jovens chineses a tocarem e montarem grupos. Vale tudo, de heavy metal a pop, contanto que as letras não tenham um pingo de contestação. Tudo bem, porque os roqueiros rebeldes montam suas próprias bandas sem aprovação oficial e tocam direto no secretíssimo circuito alternativo de Pequim. O mais famoso é **Qi Jian**, que está proibido de tocar ao ar livre mas ficou milionário ano passado com seu primeiro disco, chamado *Nada Em Meu Nome*.

O ADEUS DE CAZUZA

No dia sete de julho, Cazuza morreu. O moleque que para muita gente representou melhor que ninguém a trajetória de sua geração foi enterrado no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro. Mais de mil pessoas compareceram, entre parentes, amigos e fãs. O caixão, coberto por flores e lacrado por determinação dos pais do artista, foi levado à sepultura por seus ex-companheiros do Barão Vermelho, Frejat, Guto, Dé, Maurício, e o produtor Ezequiel Neves. Agenor de Miranda Araújo Neto, o Cazuza, tinha 32 anos de idade ao morrer. Pesava 38 quilos. A causa oficial da morte foi choque séptico, causado pela Aids, que Cazuza combatia com bravura desde 1987.

Cazuza morreu junto com a década que ele retratou no imaginário de seus fãs, do início libertário e repleto de possibilidades do Brasil de dez anos atrás ao final melancólico, em que só a raiva temperada pelo deboche tornam a vida palatável. Virtudes de compositor e cantor à parte, Cazuza já mereceria um capítulo na história da música popular brasileira só pela imagem que passou — primeiro, a de garotão Zona Sul com sede de experiências, defendendo o direito de viver sua vida como bem entendesse; depois, a de cronista da esculhambação nacional, dando chicotadas para todos os lados, inclusive em si mesmo.

Depois de quatro anos lutando contra sua doença e sofrendo muito, Cazuza cansou de dar murro em ponta de faca, se desinteressou do planeta Terra. Tomou um milk-shake, fumou um cigarro, foi dormir e não acordou. Está enterrado a cinco metros de Ary Barroso, Vicente Celestino e Francisco Alves, como ele boêmios, como ele figuras maiores dentro da música brasileira.

Claudia Dantas Azul

Cazuza pode ter morrido moço, mas aproveitou cada minuto, se divertiu horrores e esfregou sua verdade no nariz de uma nação. É bem mais do que a maioria de nós consegue realizar.

Ronaldo Kaber Azul

Frejat e Ezequiel Neves durante o enterro de Cazuza

"JOVEM" (Cazuza/Arnaldo Brandão)

Jovem
Bicho revoltado
Mamãe roubou suas revistas
De sacanagem

Jovem
Papai está ocupado
Não é só você
Que come a empregada

Jovem
Você tá muito avançado
Seus amigos desconfiam
Que você é viado

Antigamente era mais fácil
Ser a grande novidade
Você vai ser alistado
Pela faculdade

Jovem
Não vá chegar tarde
A sociedade está pronta
Pra ligar o alarme

Jovem
O seu primeiro amor
Acabou de repente
Num elevador

Jovem
Você também votou errado
Porque não viu que o futuro às vezes
Repete o passado
E o mundo inteiro
Parece escapar pelos seus dedos

Lavando a cara de manhã
Pergunta pra espelho
Afinal quem é você?

"Jovem" foi a última letra de Cazuza a ser gravada. Está no disco *O Ser E O Nada*, do Hanoi Hanoi. Catorze canções que sobraram das gravações de *Burguesia* estão sendo remixadas pelo produtor Mayrton Bahia, da PolyGram, e recebendo participações especiais. O lançamento do disco depende da mãe de Cazuza, Lucia Araújo. Em 90, Cazuza compôs "Portuga" e "Oriental" com Orlando Morais, que os gravou, e "Hey Rei", uma homenagem a Roberto Carlos composta com Frejat, inédita. Nos últimos anos Cazuza também escreveu muitos poemas, quase todos inéditos. Entre os publicados estão "Jogo de Vôlei" e "Jogo de Futebol".

OUÇA ESSA

"Richard Marx é um escroto pretensioso."
Robert Plant

"Fiz cinco álbuns nos últimos dez anos e todos são uma droga."
Chryssie Hynde, Pretenders

"A cena de Manchester é uma celebração de ser um jovem branco com uma graninha no bolso, um pouco de Ecstasy na cabeça e um corte de cabelo realmente cool."
Johnny Marr

"Eu é que tinha as idéias no **T. Rex**. Eu formei os **Sex Pistols**. Eu inventei o design punk, e não **Vivienne Westwood**. Eu escrevi o primeiro LP do **Clash** inteiro. E comecei o selo de rap **Def Jam**, com Russel Simmons. Eu fundei o **Wag Club** *(meca acid londrina)."* *Bernie Rhodes, ex-empresário do Clash*

"**Sinéad** não era nenhuma drogada ou ninfomaníaca quando adolescente. Só me preocupei quando ela foi agarrada roubando um par de sapatos numa loja."
John O'Connor, pai de Sinéad

"No ano passado, 93% dos discos lançados na América foram de uma das seis grandes gravadoras — Time-Warner, BMG, MCA, Sony, Phillips e Thorn-EMI. A porcentagem deve aumentar em 1990."
Michael Goldberg, na Rolling Stone *de junho*

NAS TELAS

Parem as máquinas! Quentíssimo depois do sucesso de *Dick Tracy*, **Warren Beatty** agora prepara uma nova versão da comédia clássica de Billy Wilder, *Quanto Mais Quente Melhor*, com Madonna, Tom Cruise e Michael "Batman" Keaton nos papéis feitos originalmente por Marilyn Monroe, Tony Curtis e Jack Lemmon • O **ZZ Top** aparece tocando num bar em *De Volta Para O Futuro 3*, que tem na trilha o estouradíssimo single do ZZ, "Doubleback" • A barra vai pesar em *Return Of The Superfly*, continuação do clássico do *blaxploitation* de 68. Entre os atores estão os rappers mais radicais da costa oeste americana, entre eles **Eazy-E**, **Tone Loc** e **Ice-T** ("Colors"), que colaborou com o mestre do soul **Curtis Mayfield** na tema do filme.

CARA NOVA
WILSON PHILLIPS

Wilson Phillips não é um homem: é um grupo formado por três garotas. Seu compacto de estréia, "Hold On", chegou ao primeiro lugar da parada americana. Seria só mais uma história de sucesso repentino, não fossem duas coisas. Um, a música é muito legal — pop feminino atmosférico e delicado. Dois, as meninas são legítimas herdeiras dos *sixties*: **Carnie** e **Wendy** são filhas do beach boy **Brian Wilson** e **Chynna** é filha de John e Michelle Phillips, do **The Mamas and The Papas**.

MARCAMOS

A matéria sobre Madonna na BIZZ 60 saiu com dois erros. Na página com os astros que aparecem em "Vogue", William Powell saiu no box reservado a Jean Harlow (foto). E, na pág. 35, as legendas das fotos 3 e 4 foram invertidas.

Recorte e cole no lugar certo

RÁPIDO E RASTEIRO

Geração 75: **Deborah Harry, Jerry Harrison, Tom Tom Club** e **Ramones** estão excursionando juntos • Três livros sobre os **New Kids On The Block** ocuparam a lista de mais vendidos do New York Times em junho • **Morrissey** e **Tom Verlaine** estão compondo juntos • A EMI mundial dobrou seus lucros, em um ano, de 73 para 150 milhões de dólares • **Bono Vox** escreveu duas faixas com os **Neville Brothers** e agora entra em estúdio para gravar o novo do **U2**, sob a produção de **Brian Eno** e **Daniel Lanois** • A Sony apresentou numa feira seu novo **Walkman** transparente, que chega ao mercado em 92 • **Prince** está de barba em sua temporada européia • Os ídolos juvenis da house **Candy Flip**, depois de regravarem "Strawberry Fields", atacam de "Calling Occupants", velho hit do **Klaatu** e dos **Carpenters** • Saiu na Europa em CD todo o catálogo da gritona **Lydia Lunch** • O **Moby Grape** original se reformou e prepara disco • **The Mission, Cure** e **Robert Plant** tocam no próximo dia 25, em Londres, num supershow beneficente para o Greenpeace e a Anistia Internacional • Dois grupos legais acabaram: o inédito por aqui **Spacemen 3** e as deliciosas **Bangles** • E **Angélica**, depois de namorar Supla no último filme dos Trapalhões, ataca de lambada: seu novo disco traz a participação do **Kaoma** em "Me Dá Um Beijinho".

TÁ RUSSO

Pérolas para a biografia de Renato Russo: na madrugada de dois de junho, o rapaz telefonou para a Fluminense FM do Rio (rádio que lançou a banda ainda em demo tape) e rasgou quinze minutos de seda a favor da "maldita". Eufórica, a emissora reprisou a "entrevista" e fez um especial apresentando outros depoimentos de artistas também lançadas por ela, como Plebe Rude e Celso Blues Boy.

Uma semana depois, durante um show da Legião em Belo Horizonte, Russo convidou Juninho Bill, do Trem da Alegria (?!) para engrossar (!) os vocais de "Pais E Filhos"...

VINIL FRESCO

Milhões de lançamentos estão esquentando o verão acima do Equador. Se teu negócio é *indie rock*, tem **Aztec Camera**, *Stray*; **Marc Almond**, *Enchanted*; **Hothouse Flowers**, *Home*; **The Icicle Works**, *Permanente Damage*; **James**, *Gold Mother*; **Kid Creole**, *Private Water And The Great Divide*; e **Darling Buds**, *Crawdaddy* • Para dançar: *25 Years Later*, da **Blaze**; *Killer*, dos **Ruthless Rap Assassins**; as voltas do **Coldcut** *(Some Like It Cold)*, **Cameo** *(Real Men Wear Black)*, **Eric B. & Rakim** *(Let The Rhythm Hi-'Em)* e **Mantronix** *(This Should Move Ya)*; e as estréias das **Chimes** *(The Chimes)*, **Bell Biv Devoe** *(Poison)*, **Jamie Morgan** *(Shotgun)*, **Snap** *(World Power)* e do feroz **Ice Cube** *(Amerikkka's Most Wanted)* • Dois pontos para o tecnobeat atmosférico: *Groovy Laidback & Nasty*, do **Cabaret Voltaire**, e *United State 90* do **808 State** • Odeia dançar? Tudo bem, porque o mês traz os novos vinis de veteranos de primeira, como **Etta James** *(Stickin' To My Guns)*, **Mick Taylor** *(Stranger In This Town)* e **Roy Harper** *(Once)* • Seção baba: **Lita Ford** lançou *Stiletto* e até **Andrew Ridgeley**, ex-parceiro de George Michael no Wham!, voltou com *San Of Albert* • A melhor cantora de country com cabelo punk do mundo, **k.d. lang**, aparece com *Absolute Torch And Twang* • Barulheira de montão: **Thee Hypnotics**, *Come Down Heavy*; **Revolting Cocks**, *Beers, Steers And Queers*; **Giant**, *Last Of The Runaways*; e a estréia do grupo de garotas **Dickless**, *I'm A Man* • O mês também é fantástico para pioneiros punk, com as voltas de **Jello Biafra** *(Last Scream Of The Missing Neighbours*, com o D.O.A.] e a parceria entre **Johnny Thunders** (New York Dolls) e **Wayne Kramer** (MC5), *Gang War* • E para fechar, duas bizarrices: o novo da dupla **Mojo Nixon & Skid Roper**, *Unlimited Everything*, e a estréia da megatrash **The Lee Harvey Oswald Band** (é o nome do cara que matou John Kennedy).

SHOW BIZZ

É IMPOSSÍVEL
VIVER SEM IRA!

JÁ À VENDA EM LP, CD E K-7

wea

TE CUIDA, NEW ORDER!

REVENGE

MONTAR UM GRUPO PRÓPRIO É A MELHOR VINGANÇA

"No Brasil", diz **Peter Hook** todo entusiasmado, "a garotada de 13, 14 anos fica na rua até as três da manhã... É incrível!"

Estamos sentados na grama do Hyde Park, num dia quente e ensolarado. Peter Hook está contando a Dave Hicks e Chris "CJ" Jones, respectivamente guitarrista e tecladista de sua nova banda, **Revenge** [Vingança], sobre a turnê do **New Order** no Brasil. "Um cara de Portugal me mandou o artigo da BIZZ... Minha namorada, Jane (*antes apenas roadie do N.O.*), gostou tanto de ser comparada a Sigourney Weaver que emoldurou a foto da revista e pendurou na parede!" É uma razão a mais para Hook voltar ao Brasil, o que deve acontecer em janeiro, quando ele toca no país com o Revenge.

O LP *One True Passion* não é um trabalho solo de Hookie: o Revenge é uma *banda*. Peter Hook: "Quando faz tempo que você está fazendo uma coisa, é um luxo poder começar novamente sem cometer os mesmos erros. E o pique destes dois me *empolga*". Os outros dois também são de Manchester. Dave tocou em várias bandas desconhecidas e CJ trabalhava no estúdio de Peter Hook. O projeto Revenge começou ao contrário, conta Hook. "Nós já tínhamos o equipamento, o contrato com a **Factory** e os shows marcados... Mas não tínhamos nenhuma música. A idéia original era fazer um doze polegadas, mas aí o CJ entrou e resolvemos fazer um disco inteiro."

A imprensa britânico, claro, caiu de pau. Não faltaram comparações com o Joy Division e o New Order. Peter Hook reage com calma: "É óbvio que soamos como o New Order! É tão óbvio que só jornalistas burros insistem em nos comparar". Para os novatos Dave e CJ, a crueldade jornalística machuca mais profundamente. Dave: "Eu fico muito chateado, porque eles não estão julgando a música, só fazendo ataques pessoais ao Hookie".

A recepção ao projeto solo de outro membro do New Order, o Electronic, de **Barney Sumner,** foi bem diferente. "As pessoas acham estranho que eu esteja trabalhando com Dave e CJ, mas não se importam de Barney estar gravando com **Johnny Marr** e os **Pet Shop Boys**. Mas eu gosto do Electronic, acho 'Getting Away With It' (*único single lançado pelo supergrupo*) uma ótima música."

Aproveito a oportunidade para descobrir mais sobre a famosa e superpropagandeada "cena" de Manchester. Quando conto que os **Inspiral Carpets** me disseram que foi apenas uma coincidência três boas bandas terem saído de lá, Peter Hook fica furioso. "Ridículo! A cena de Manchester existe há muito tempo. Mas ela não gira em torno das bandas. Os **Stone Roses** são diferentes, acho que eles serão o novo **U2** e gostei de trabalhar com eles, produzindo o single 'Elephant Stone'. O negócio em Manchester é o seguinte: tem o **Hacienda** (*clube de propriedade do New Order e do selo Factory*), onde a cena é muito mais importante que as bandas — e acho isso ótimo. É a imprensa que fica exagerando e distorcendo a coisa toda." Dave completa: "Aqui em Londres as pessoas se dividem muito. Ou você é punk, ou rocker, ou gótico... Em Manchester, não importa a maneira como você se veste".

Peter Hook finaliza: "Manchester melhorou muito. Mas não entendo esses jornalistas que me pedem 'conte um pouco sobre o que está acontecendo *agora* em Manchester'. Como se fosse uma coisa nova! E os **Smiths**, o **Fall**, o **New Order**, **A Certain Ratio**? Tem gente que age como se nenhum deles tivesse existido!"

ANAMARIA G. DE LEMOS

"No Brasil, garotos ficam na rua até de madrugada"(Hook)

Dave Hicks, Chris "CJ" Jones e Peter Hook

Divulgação

Depois de deixar os Titãs e o Cabine C, Ciro Pessoa quer ser jovem guarda

CPSP

Octavio Arruj

O vocalista e compositor **Ciro Pessoa** está fazendo a terceira manobra radical de sua carreira. No primeira, saiu da formação inicial dos **Titãs** por causa de uma implicância com o baterista, na base do "ou ele ou eu". Na segunda, optou por lançar o único disco da **Cabine C**, *Fósforos De Oxford*, pela gravadora criada por Paulo Ricardo e Schiavon, do RPM — um malogro.

A manobra mais recente, iniciada com o **CPSP**, radicaliza no vocabulário básico do rock, fazendo-o quase dietético. Ciro Pessoa, que anda ouvindo Odair José, volta como "jovem guarda" e gravou com a banda uma demo com três músicas que cairiam bem na voz de um Jerry Adriani: "Tudo Que Me Faz Sentir Você", "Calendário" e "Dúvidas E Sonhos".

Foi uma mudança e tanto da sombria "Pânico e Solidão", lançada pelo Cabine C, até "Efeito Bumerangue", gravada pelo Ira! em seu novo disco. O clima alternativo e contraproducente que cercou o lançamento de *Fósforos De Oxford* (87) é em parte responsável por essa virada. Depois de dar um bom estúdio (o Transamérica) para a gravação do LP, a dupla Paulo Ricardo/Schiavon ficou, segundo Ciro, sem dinheiro para divulgá-lo. "O disco simplesmente não foi lançado", afirma. "Fomos quixotescos, apostando em uma gravadora alternativa quando havia outras grandes interessadas."

"Quero o mesmo ultra-romantismo de Odair José, de Jerry Adriani e das duplas sertanejas"

Depois disso, Ciro passou três anos experimentando novos ofícios. Com o Cabine C reduzido a ele e Wania Farghieri, compôs a trilha do filme *Oceano Atlantis* e traduziu dois livros de Jim Morrison, *The Lords* (prosa) e *The New Creatures* (poemas).

Formou o CPSP em fevereiro. "Meu equívoco no Cabine C foi pensar em alargar as fronteiras do pop. O CPSP nasce desta autocrítica. Não quero ser transgressivo, quero o ultra-romantismo."

"E vamos colocar pela primeira vez os pingos nos is nessa história com os Titãs", anuncia Ciro, co-autor de "Toda Cor" e "Sonífera Ilha". "Eu discordava da presença de André Jung na bateria porque na época ele não tinha a menor noção do que era rock'n'roll. Quatro meses depois que eu saí dos Titãs, o Charles Gavin, que era do Ira!, foi para o lugar do André nos Titãs e o André foi para o Ira!, onde aprendeu a tocar. Tire suas próprias conclusões."

ANA CARMEN FOSCHINI

DELUQUI VAI À LUTA

O guitarrista deixa Paulo Ricardo e monta sua banda, Louco Vício

O RPM continua espalhando suas crias pelo mundo. Desta vez, é o guitarrista **Fernando Deluqui** que ataca com uma nova banda, chamada **Louca Vício**. Guilherme Canaes (baixo), Leonardo Giordano (bateria, também do Lagoa 66), Gilvan Gomer (guitarra, ex-Gang 90), Luciano Kurban (teclados, também do Soho) e Deluqui mostraram, em sua estréia em São Paulo, um repertório formado por canções pop na linha RPM ("Sensação" e "Pouco A Pouco"), rocks mais pesados ("Fotos Do Bar") e blues ("Imaginação Ou História").

A banda começou a ensaiar em março, mas o repertório vem sendo preparado há três anos. "São todas composições minhas, que não tiveram espaço nos discos do RPM ou do **Paulo Ricardo**", explica Deluqui. Ele deixou o ex-vocalista do RPM no final do ano passado, "porque já tinha um trabalho próprio em condições de ser mostrado".

Fernando não nega as semelhanças entre o som do Louco Vício e o do RPM, mas diz que o novo grupo "é bem diferente nas letras, que são mais diretas, sem metáforas. O Paulo é um poeta. Eu queria fazer algo mais rock'n'roll".

MARISA ADÁN GIL

"Meu novo grupo é mais direto"

Rui Mendes/Arte

ESTRADEIRO

Alceu Valença: "Vou de Catolé da Rocha a Frankfurt e volto"

O espírito cigano de **Alceu Valença** volta a dar as cartas em *Andar, Andar* — 14.º LP de uma carreira itinerante. Há tempos Alceu decidiu tomar-se cidadão do mundo. Das cidades que o acolheram, algumas inspiraram as canções desse disco, como, "Loa de Lisboa", "Te Amo Brasília", e "O Ovo e A Galinha", que faz parte de *Saudade De Pernambuco*, Lp gravado em Paris em 79 e ainda inédito. Alceu: "Estou sempre na estrada. Toco em espaços dos mais sofisticados aos humildes, do Catolé do Rocha a Frankfurt. Essa vida de viajante é o conceito de *Andar, Andar*. "Sempre trabalho ao lado do pop, fazendo o rock, o samba e tudo mais a minha maneira. Meu samba, por exemplo, é diferente, é moderno. Nunca me encaixei em vertente nenhuma, nem sou MPB, nem nada. Assim como ouvi Luiz Gonzaga, ouvi também Ray Charles, Elvis e Little Richard. Queriam me colocar como nordestino, mas não é esse o meu destino. Voltei da Europa em 80 e aqui estava havendo um *boom*, o nordeste ficou *in*. Eu não tinha nada a ver e paguei o pato. Era um saco de gatos, um cara do Ceará não tem nada a ver com Pernambuco, culturalmente.

Alceu também não está preocupado se suas letras são herméticas ou se certas passagens folclóricas escapam à compreensão do público — até mesmo do brasileiro. "Isso não interfere. Veja só, no Brasil, quantos entendem o inglês? Acho que há um certo descaso do próprio país. Eu canto em português em qualquer lugar no mundo. Eu, por exemplo, confesso que não sei o que é cabra cabriola. Não sou um folclorista."

Sobre David Byrne: "Não posso considerá-lo oportunista por trabalhar com música brasileira se não quem fizesse rock aqui também seria. Só que ele não tem a mesma intimidade que eu tenho com o rock. Avise a ele que se quiser conhecer mesmo o forró, meu endereço em Olinda está à disposição" *(entre risos)*.

LORENA CALABRIA

Divulgação

Revivendo a ópera-rock nos Estados Unidos

DORSAL ATLÂNTICA

Depois do Sepultura e dos Ratos de Porão, chegou a vez dos bronzeados cariocas mostrarem o seu valor. A **Dorsal Atlântica**, agora contratada pelo selo independente americano Wild Rags, está lançando nos EUA a ópera thrash *Searching For The Light*, disco conceitual cujo enredo se passa numa futurista sociedade brasileira. Carlos Vândalo, guitarrista e cantor, explica: "Buscamos revitalizar idéias como *Tommy*, do Who e *The Wall*, do Pink Floyd, utilizando linguagem e visão antropofágicas nos moldes de *Macunaíma*, tudo isso embalado por um som pesado". A edição americana do disco virá acompanhada de um libreto em quadrinhos. Algumas dessas cópias importadas poderão ser compradas aqui via mala direta (Caixa Postal 33132, CEP 22450, Rio de Janeiro). A Heavy Discos vai lançar o LP no Brasil dentro de algum tempo, mas sem o libreto. Essa é a segunda investida da Dorsal no exterior: o álbum *Dividir e Conquistar*, de 89, recebeu uma edição vertida para a língua do tio Sam, que correu mundo e levou ao contrato internacional.

CLÁUDIO MENEZES

MINHA VOZ MINHA VIDA

Pobre **Cássia Eller**. Há um bom tempo ela vem aguardando seu grande momento no showbiz. Aos trancos e barrancos, chegou: ela já tem a bênção de Ezequiel Neves e o amparo de uma grande gravadora. O Rio de Janeiro tem essa mania curiosa de idolatrar cantoras novas, e Cássia virou o *must* da temporada. Só que ela não se contenta em cantar. Invade o repertório alheio com arrogância e um certo despeito. Tenta fazer graça, criar um tipo. O repertório é recheado com Arrigo Barnabé, Jimi Hendrix, Beatles, Legião Urbana. Quando o original já é fraco, a gente perdoa. Quando o original é bom, ela se encarrega de destruir. Pobres compositores.

CELSO MASSON

Ana Salvo

A REDAÇÃO RECOMENDA

ALTA ROTAÇÃO

DOOLITTLE, Pixies Um ano depois de lançado chega ao Brasil o segundo disco do grupo de Black Francis, mais domesticado que em *Surfer Rosa* (vide "Here Comes Your Man") mas não muito (cheque "Wave Of Mutilation"). Talvez a melhor *guitar band*. **A.F.**

DIRTY MIND, Prince Nas preliminares, Prince já insinua perfeição. No terceiro LP, o insolente rapaz canta, toca, arranja e produz delícias do pop carnal. Pecado é não sentir prazer. **L.C.**

CAUTION HORSES, Cowboy Junkies Eles estão de volta. Eles permanecem os mesmos. Amém!... E **THE ULTIMATE OTIS REDDING**, não só pelo grande cantor como também por Booker T. (teclado), Steve Cropper (guitarra), Duck Dunn (baixo) e Al Jackson (bateria). **J.A.L.**

THE ULTIMATE OTIS REDDING A série *Discoteca Básica* da WEA nem sempre tem honrado a seção da BIZZ na qual se inspirou, mas desta vez acertou em cheio. Vinte canções na voz de Redding merecem muita rotação. **C.M.**

SONGS FOR DRELLA, Lou Reed/John Cale Pode parecer um pouco cedo para apontar o melhor disco de 90. Mas eu seria capaz de apostar nessa nova obra-prima de Reed e Cale. **M.A.G.**

MOVEMENT, New Order Numa leva que inclui Otis Redding e Lou Reed/John Cale, outro petardo. Emergindo das regiões abissais do Joy, o grupo aponta novos rumos musicais em seu álbum de estréia, ainda sob a sombra de Ian Curtis. **C.P.**

HEIL HEAVY!!

O HELLOWEEN dá o salto para uma grande gravadora e torna-se o grupo alemão de metal mais bem-sucedido desde os Scorpions

Foto: Hans Aziz

Hamburgo, 1978: o guitarrista Kai Hansen ignora o rebuliço do movimento punk e funda o Iron Fist. Quando entram o guitarrista Michael Weikath, o baixista Markus Gronkopf e o baterista Ingo Schwichtenberg, o nome da banda é mudado para Helloween. A estréia vem com a inclusão de duas faixas na coletânea *Death Metal Sampler*, do selo independente Noise Records.

Doze anos depois — após a entrada do cantor Michael Kiske e seu famoso vibrato e do lançamento de três LPs, *Walls Of Jericho* e *Keeper Of The Seven Keys*, partes um e dois — o Helloween é a banda alemã de metal que mais vende no mundo, ultrapassando até seus conterrâneos Scorpions.

A chegada do sucesso trouxe duas mudanças importantes. O guitarrista Michael Weikath analisa a entrada da banda na gravadora EMI e a saída do fundador do Helloween, Kai Hansen, que montou seu próprio grupo, o Gamma Ray: "Kai saiu porque estava cansado desse estilo de vida, quer passar mais tempo com a família. No lugar dele entrou Roland Grapow, mas nosso primeiro lançamento pela EMI vai ser *Live In The UK*, ainda com o Kai. Ou seja, ninguém precisa se preocupar por estarmos entrando numa gravadora grande. Não vamos mudar". Por que "ao vivo na Inglaterra" e não na Alemanha? "Porque nós adoramos o público britânico. Vendemos mais aqui que o Motorhead — e olhe que adoro o Motorhead, sou amigo do Lemmy."

Falar de heavy metal com o Helloween é procurar problemas. O baterista Ingo se apressa em afirmar que "somos apenas músicos de rock e é assim que queremos ser vistos. Nossas letras sempre evitaram os clichês do HM". Michael: "As pessoas têm um preconceito enorme contra qualquer coisa chamada de heavy metal"

Mas essa atitude é da boca para fora. Os boches conhecem a fundo o que se passa com as novas bandas e o mercado metálico. Ingo e Michael reconhecem que assinar com a EMI foi estratégico, num momento de crescimento do mercado mundial do rock pesado. Detestam o thrash de grupos como Napalm Death, ouviram falar muito bem do Sepultura e adoram o híbrido *funk metal* do Faith No More. E apostam no futuro do heavy. Ingo: "Só a Noise Records está contratando mil bandas — mais do que deveriam, até. O mercado vai explodir, porque, para os selos independentes, se uma banda nova vende cinco mil cópias, o lucro está garantido".

O próximo disco de estúdio do Helloween acaba de ser gravado este mês e sai em novembro. Será mais melodioso e menos rápido. Entre as músicas estão uma cover de "Blue Suede Shoes" e "Keeper Of The Seven Keys, Part III". A produção é de Chris Tsangarides (Thin Lizzy, Bruce Dickinson). Michael Weikath não diz nada mais que isso — a não ser que sua intenção é fazer com que o disco tenha "dez faixas que pareçam ter saído de dez álbuns diferentes, e cada um de uma banda diferente!"

ANAMARIA G. DE LEMOS

FAST FORWARD

I WANT

I CAN

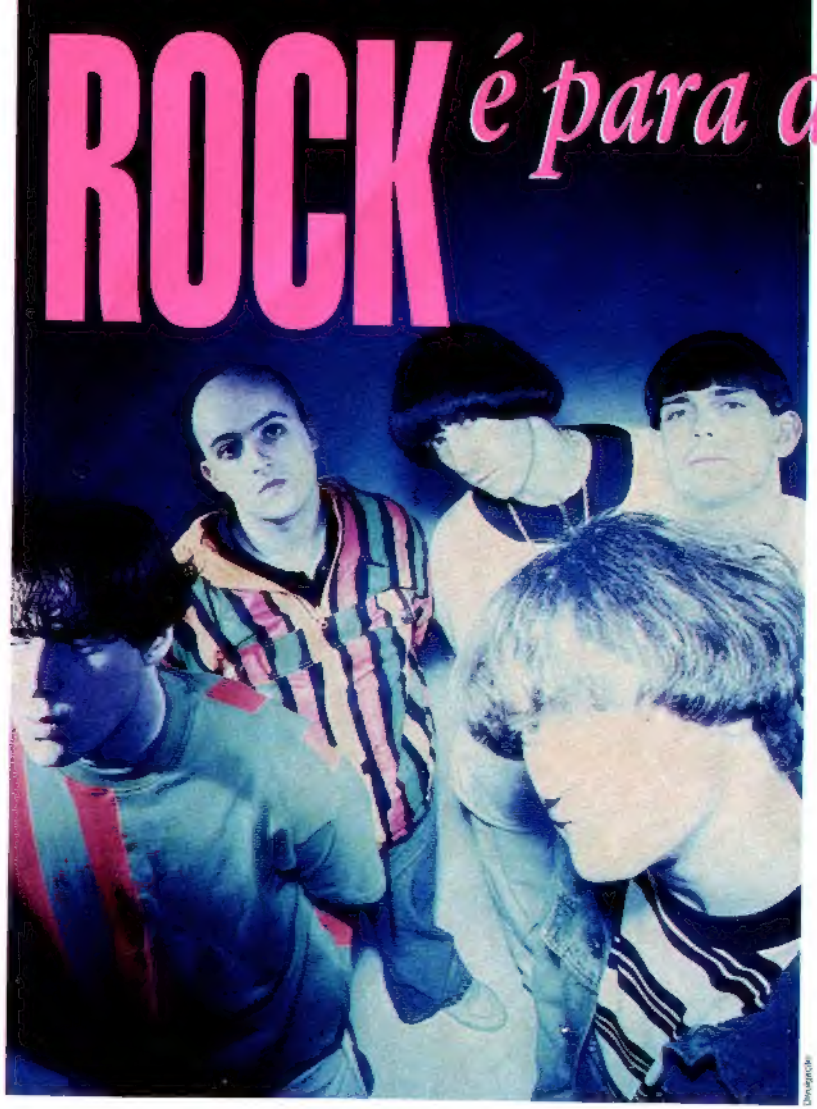
adidas
TORSION

Torsion. A parte dianteira e a parte traseira do pé movendo-se independentemente. Livre como andar descalço. Tecnologia Adidas.

ADIDAS DO BRASIL — R. FLORIDA, 1595 — 15º - TEL.: 531.8044

YUR

ROCK é para dançar



Divulgação

Os INSPIRAL CARPETS fazem sucesso nas pistas unindo rock básico e dance

Com os Stone Roses e os Happy Mondays, os **Inspiral Carpets** completam o santíssimo trindade no Manchester de 1990. A crítica chama os três bandas, e a cena musical de onde saíram, de "scally". Um "scally" usa calças boca-de-sino ou baggy, camisetas coloridas e os cortes de cabelo mais horrendos do pedaço, de preferência com uma franjinha Beatles 64. A idéia básica é parecer com o Salsicha, aquele amigo do Scooby-Doo.

Mas os Inspiral Carpets não nasceram ontem. O currículo: em 87, um flexidisc chamado *Garage Full Of Flowers*. Em 88 os EPs *Crash* e *Trainsurfing*.

Mas foi em 89 que as coisas explodiram. Primeiro com o EP *Joe*, produzido pelo grupo de dance music 808 state, também de Manchester. Depois com as camisetas da banda — com a vaquinha do logotipo do selo do grupo, o Cow, e o slogan "Cool As Fuck" — tornando-se o acessório mais requisitado nos clubes ingleses. Em novembro, o single "Move" os colocou no Top 100 britânico. O LP de estréia, *Life*, lançado pelo selo Mute, sai no Brasil em agosto.

Eu, o cantor Tom Hingley e o guitarrista Graham Lambert tomamos chá no Holliday Inn de Londres. Abaixo, algumas coisas que eles disseram.

Origens da banda: "Começamos soando como Echo e Doors, que era o que curtíamos".

Comparações com o Madness: "As letras têm a ver com Madness, com Kinks... falam sobre situações do dia-a-dia".

Rock inglês: "Aqui todas as influências se misturam, muito mais que nos EUA".

Sobre a febre de Manchester: "Tem duas razões. Primeiro, três bandas fortes vindo de lá. Segundo, foi o primeiro lugar depois de Chicago a entrar com tudo na house music, ainda em 87. Mas o tal 'cena de Manchester' não existe, é só um mito criado para algumas pessoas ganharem dinheiro".

O que eles têm em comum com os Stone Roses e os Happy Mondays: "Os três misturam dance music e o rock independente inglês mais tradicional".

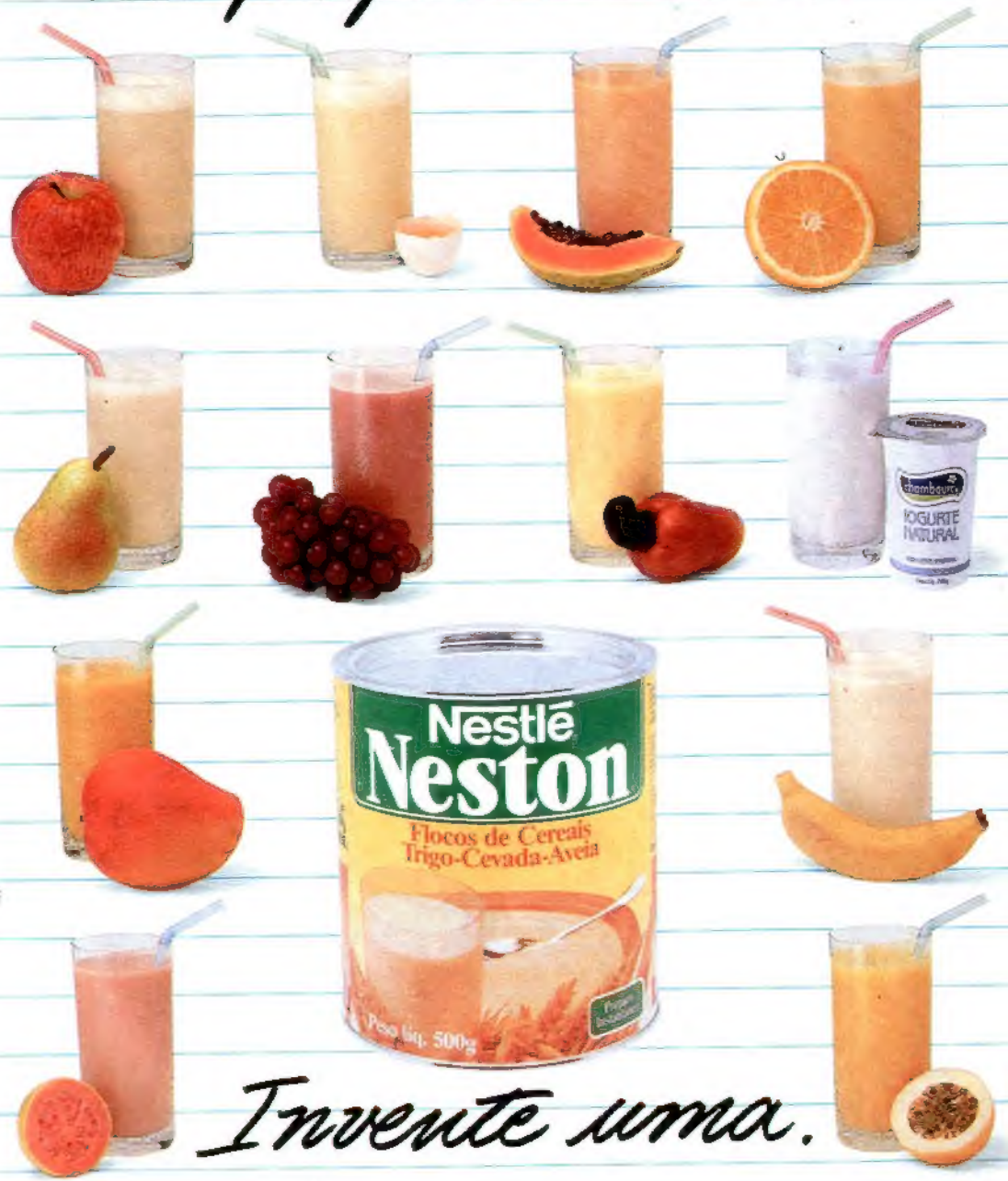
Dance music: "Adoramos, mas não é a única coisa que fazemos. E há pessoas que dizem que, se uma música não tiver um *beat*, é ruim. Isso é besteira".

Política: "É uma palavra redundante, hoje em dia. Nosso dever é observar e aprender. A coisa mais política que alguém pode fazer é levantar e dançar".

ANAMARIA G. DE LEMOS

FAST FORWARD

Existem mil maneiras de preparar Neston.



Invente uma.

UM CONTO DE FADAS

A irresistível ascensão de Oleta Adams

Nascida em Washington filha de um pastor ela começou a cantar bem cedo. Embora o amor pelo ser soprano nunca lhe tenha dado a segurança Oleta Adams forçou demais a voz e teve de remover nódulos em suas cordas vocais. Foi então que precisou de cantar e começou a tocar piano e a compor.

Quando me recuperei comecei a tocar em bares de hotel. O que se pode fazer enquanto se espera um contrato com uma gravadora? É um bom treino.

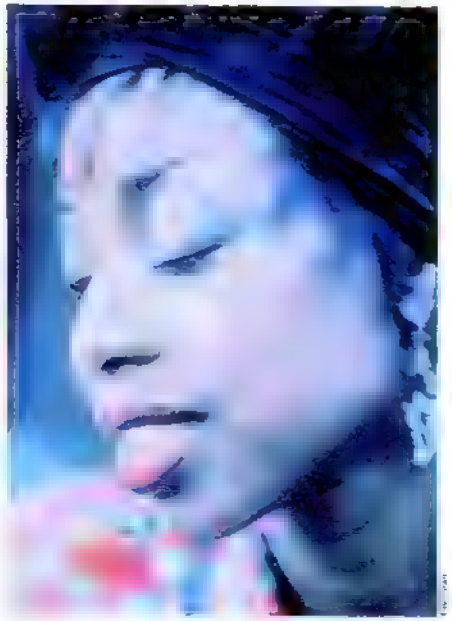
Uma noite, em Kansas City, ela foi "descoberta" por **Curt Smith** e **Roland Orzabal**. Curt e Roland estavam hospedados no hotel em que ela trabalhava e viram ao ouvir pedaços do show deles estavam chateados. Ser tem se amargurados as madrugadas e quiseram se beber. Viram que o pub do estava realmente prestando atenção à minha performance. Fiquei emocionada. Mas não foi nesta noite que os conheci.

Logo depois deste incidente Oleta passou por uma fase de aprendizado segundo os conselhos de um empresário. Ela se endividou até o pescoço comprando roupas e bens novos, contratando músicos e roadies. Foi aí que percebeu descobriu que o empresário não estava mais trabalhando para ela. Oleta voltou a tocar sozinha, desencantada com tudo e com todos. Foi então que Curt e Roland entraram em contato com ela e o resto todo mundo já sabe. Sucesso instantâneo, o contrato lhe essencial para o disco Sweet Oblivion. Achou que o sentimento e mútuo dizer o. Tive sorte em tomar parte deste grande projeto. Eles são artistas extremos.

Embora ainda não tenha um **Tears For Fears** Oleta precisará se preparar para o lançamento desse segundo disco solo. Sweet Oblivion. Estou empolgadíssima, porque a música que tenho feito ultimamente tem sido muito legal. Uma das músicas foi composta por Roger para o álbum. É bom escrito para Sweet Oblivion mas como não gostaram muito resolvido tive gerar no para mim. É o mesmo que tolamente.

Oleta não tem medo de se conectar com a dança. Estamos em uma grande banda são pessoas alegres e isso significa que será elevado a sério. Mesmo para o Brasil e os amigos de Oleta Adams estão bem. Quero voltar no Brasil. Acho muito com a quem a gravadora acha que vai ser possível. Mas tomara que isso aconteça logo. Os shows que fiz lá foram emocionantes são os lugares que ficam na memória.

CONTINUA NA PÁGINA 22

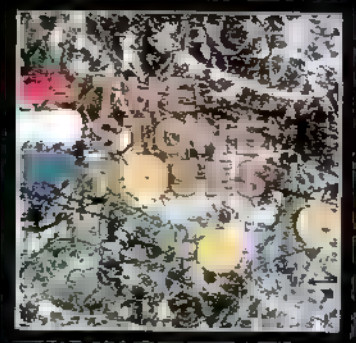


"Tocar em bares é um bom treino"

THE STONE ROSES

A MAIOR REVOLUÇÃO DO ROCK INGLÊS DESDE OS ROLLING STONES

AS PEDRAS VÃO ROLAR NOVAMENTE



BMG

LP • K7

SILVERTONE records

BREVE NO AR

Nunca mais
eu vou ver o que
vai passar na TV.
Minha MTV
vai passar o que eu
quero ver.

MUSIC TELEVISION

TE VEJO NA MTV.

TVAbril

SEPULTURA!

Os deuses brasileiros do thrash detonam uma turnê européia, gravam a seqüência de Beneath The Remains *e abrem caminho para outros grupos nacionais*

O Marquee, templo do rock britânico, começou como um clube de jazz na velha Oxford Street de Londres em 1958. Quando o Alexis Korner's Blues Incorporated começou a tocar toda quinta à noite, o público inglês teve seu primeiro gostinho de rhythm n' blues.

Mas foi nos anos 60, quando Alexis Korner convidou uma banda nova chamada Rolling Stones para tocar, que o rock n' roll invadiu o centro comercial de Londres e as filas começaram a aumentar. Em 1964, na noite de abertura do novo endereço do clube, na Wardour Street — entre casas de strip-tease e sex shops —, o Marquee foi o cenário de um show histórico, com Sonny Boy Williamson, Rod Stewart e Yardbirds ainda com Eric Clapton. Todos os grandes nomes começaram no pequeno clube com paredes pintadas de preto e um teto baixíssimo: The Who, Pink Floyd, David Bowie. Em 67, Jimi Hendrix tocou até altas horas para um público totalmente hipnotizado. Durante os anos 70, o clube serviu de fundo para bandas como Queen, Genesis, The Police e The Jam, e mais tarde, nos anos 80, U2, Simple Minds e Billy Idol, entre muitos outros. Em 88, ao completar 30 anos de existência, o Marquee se mudou para um velho cinema na Charing Cross Road, e ninguém reclamou.

Hoje o Sepultura volta ao Marquee para dois shows de sua turnê européia. No ano passado, eles roubaram o show dos headliners, o Sodom, e desta vez foram promovidos à banda principal. Lá fora tem gente que chegou de manhã e quando as portas se abrem, às sete da noite, a comoção é grande.

No backstage, há um clima de confusão controlada. O baixista Paulo me acusa de difamação e me conta da reação de sua mãe ao saber que o seu filho não havia tomado banho durante uma semana, na turnê de 89. O assunto da falta de banho continua quando Igor conta que, na entrevista da banda no *Jô Soares*, Jô e Neia, o tema principal foi a (falta de) higiene dos rapazes. Desta vez, eu juro que eles estão tomando banho todo dia. No meio dos roadies, garrafas de água mineral (cada cerveja é equipamento), está Gloria, a nova empresária americana da banda, que trabalha também com o Sacred Reich. Empresto o passe de um dos roadies e eu e Paulo saímos para comprar uma garrafa de Jack Daniel's. Na rua somos parados freqüentemente para autógrafos e apertos de mão. Para o Brasil, o Sepultura talvez seja só aquela banda que se deu bem. Aqui eles são deuses, e o fato de serem brasileiros alimenta o mito.

As nove e meia o teto vem abaixo com a apanção de Max, Andreas, Igor e Paulo no palco. Esta noite eles tocam com uma intensidade assustadora. Tem gente fazendo fila para o *stage-diving*, e um fã suicida se atira da pilha de caixas de som. Felizmente, é pego pela platéia. O show do Metallica que eu havia visto quatro dias antes vai se apagando da minha memória.

No dia seguinte, estamos todos no bar do Columbia Hotel, tradicional ponto de parada de bandas passando por Londres, e Max está pronto para falar do passado.

"No começo era só zoeira, matar o tempo. Mas consegui-mos fazer umas três ou quatro músicas, e começamos a tocar em festinhas de colégio, tipo 'Hoje é dia de rock' (risos). Tocamos em vários e organizamos o primeiro festival de heavy. Era a gente, o Sagrado Eterno — uma banda da época —, o Minotauro.

Aí a Cogumelo se interessou por nós e nos convidou para gravar um LP com o Overdose, um lado para cada banda. Tínhamos quatro músicas, ideal para um EP. Depois deste disco, *Bestial Devastation*, deu para fazer os primeiros shows só da gente. Fizemos São Paulo e Rio. Foi então que viramos uma banda de verdade, o lance ficou mais sério.

"O disco seguinte foi o *Morbid Visions*, em 86, que ficou uma merda", Andreas. "Mas o disco teve uma boa repercussão."

Max continua: "Metade do *Schizophrenia* estava pronta, e quando o Andreas entrou acabamos a outra metade e gravamos em Belo Horizonte. Na época foi o disco independente mais bem produzido do Brasil. Tinha capa dupla e tudo, e foi muito bem recebido. Tocamos no Mambembe em São Paulo. Esperávamos que desse só para cobrir e conseguimos lotar o lugar! Ficou até gente de fora, e saiu na *BIZ*.

Foi aí que começou todo o agito. Começamos a mandar coisas para fora, a receber cartas, fanzines, até que pintaram as gravadoras. Várias se interessaram: Noise, a Combat... a CBS chegou a escrever, mas quando mandamos o material, eles responderam que não podiam fazer mais nada por nós, o material era muito agressivo para eles. O que rolou foi o seguinte: eu consegui um trambique muito louco, consegui uma passagem para Nova York, tipo como funcionário da Pan-

"Assinamos um contrato péssimo, tudo que a gente ganha tem que devolver depois"

Am, algo assim. Fiquei dois dias e voltei. Fui com trinta discos debaixo do braço, batendo de porta em porta, vendo o que rolava. Deixei tudo lá, com a Combat, a Roadrunner, com várias revistas. Um tempo depois a Roadrunner ligou e queria assinar o contrato; assinamos para sete anos, gravamos o LP *Beneath The Remains* no Rio e mixamos nos EUA. Tudo o que eles falaram que ia rolar — turnê, e tal — está rolando.

Assinar um contrato com uma gravadora americana pode parecer muito glamouroso — mas a realidade é outra, e o Sepultura não foi exceção. Max: "A gente assinou um contrato péssimo, porque na hora, comparado com o da Cogumelo, parecia bom. Agora é que a gente começou a ver direito. Os caras tiram o dinheiro do merchandising etc., então tudo o que a gente ganha tem de dar de volta. Vendemos cem mil copias e não vimos nada ainda. Quer dizer, ver você vê, mas você devolve: eles te dão dez mil, mas você tem de pagar turnê, vídeo etc. Nessa turnê estamos conseguindo fazer um pouco de dinheiro com camisetas. Ontem vendemos quatrocentas! Esse pessoal todo, Slayer etc. faz mais dinheiro vendendo camiseta do que disco. No Brasil não, porque lá é difícil vende-las. Aqui o pessoal chega com dinheiro para o ingresso e para a camiseta.

Embora o Sepultura esteja no caminho para o sucesso internacional no Brasil as coisas continuam sendo difíceis. "A gente fez o Jo Soares", diz Max, "mas... por exemplo, se vem um cara tipo Fagner aqui e toca numa casa noturna brasileira para um público brasileiro, os caras dão a maior cobertura. A gente vem, lota os lugares, tocando para ingles, e nada! A Globo não passa nosso vídeo porque não foram eles que fizeram! Também não vamos implorar. Eu só acho que a gente está fazendo um puta lance para o país, um lance cultural... Em certos países, o governo paga para a banda ensaiar, da apoio cultural. Para nós não tem nada, não facilitam nada, muito pelo contrário. É difícil entrar no país com instrumento, encontrar lugar para tocar. Há um preconceito enorme contra nosso tipo de música.

Com o estouro do Sepultura, a imprensa internacional já começou a dar atenção para outras bandas brasileiras, e a primeira a ser beneficiada por isto foi a Ratos de Porão. "Isso era de se esperar" diz Max. "Quando a gente começou a fazer esse barulho todo, a pergunta era sempre: qual é a banda seguinte? E também, os Ratos merecem, eles são bons para caralho. Tocam bem, são profissionais. O show deles é a maior zoeira, mas é o show dos Ratos."

A novidade do set do Sepultura é uma versão de "Polícia" dos Titãs. Max: "Acho que os Titãs não têm muitas chances de sucesso fora do Brasil, por causa da língua. Titãs é totalmente Brasil". "Eu não gosto de tudo dos Titãs" diz Andreas, "mas gosto de três ou quatro músicas, e 'Polícia' é uma delas. Gosto da letra e tem a ver com o estilo da gente. No Brasil os Titãs são originais, mas aqui o que eles fazem não seria novidade nenhuma. O que marca os Titãs são as letras, musicalmente falando a coisa não é muito forte. E então se você perder as letras..."

Na noite anterior, antes do show, Max estava reclamando do apelido "jungle boys", garotos da selva. Paulo vem e explica: "Isso aí foi no começo. Foi o empresário que pôs o apelido na gente. Ele chegou no Brasil e disse: 'Isso aqui não é selva, eu quero ver a selva' Nós dissemos que, se eles pagassem, a gente levava lá imediatamente." (risos).

Em 89, após uma pequena turnê européia com o Sodom, o Sepultura partiu em busca de sucesso nos Estados Unidos, onde fez mais de vinte shows, de costa a costa. Max: "Primeiro tocamos no Ritz, em Nova York, com o King Diamond, na noite de Halloween. Depois fizemos nossa própria turnê. Teve cidade onde só foram umas cem pessoas, mas em outras, tipo Oakland, em San Francisco, estava superlotado. Em Long Beach estava quase *sold-out*, mas foi cancelado por problemas de seguro do lugar. Também fizemos dois shows na cidade do Mexico, para duas mil pessoas por noite. O pessoal lá é bem louco. A turnê foi bem melhor que com o Sodom, as bandas americanas são bem mais legais."

Com esta segunda tour européia, o Sepultura vai consolidando sua posição e encontrando um público cada vez maior. "Viemos mesmo foi para o Dynamo Open Air Festival, na Holanda", explica Max. "Vamos tocar para 25 mil pessoas com o Death Angel, o Sacred Reich etc. Mas aí pedimos para a gravadora arrumar outros shows, para podermos fazer uma grana e tocar mais. São dez shows só na Holanda, mais dois no Marquee. Amanhã vamos para a Irlanda. Acabou virando uma se-

"A Globo não passa o nosso vídeo, só porque não foram eles mesmos que produziram"

"Nos EUA querem que a gente abra para uma banda grande, tipo Anthrax ou Slayer"

mitumê, e está sendo melhor do que esperávamos. Na Bélgica tocamos num festival que foi uma loucura. Tocamos durante uma hora e meia, tivemos que repetir 'Inner Self', porque o pessoal queria mais e não tínhamos mais músicas (*risos*). Não nos deixavam ir embora. Quando lançarmos o disco novo, faremos uma turnê grande.

"O básico do disco já está pronto, mas sempre fazemos muita coisa no estúdio, por causa do equipamento. Está bem legal, mais do que o *Beneath The Remains*! O disco vai ser mais na linha de 'Inner Self', mais pesado do que rápido. Vamos usar o mesmo produtor, mas gravaremos nos EUA. Iamos gravar agora, mas o estúdio já estava reservado. Devemos gravar em setembro, e lançar no final do ano. Desta vez vamos ter uma infra-estrutura bem melhor, a gravadora vai dar mais dinheiro. Antes eles investiam mais no King Diamond e no Annihilator. O King Diamond afundou, e nós vendemos quase tanto quanto o Annihilator, sem a mesma promoção. Vendemos por causa do som. Agora, aos olhos da gravadora, estamos no mesmo nível do Annihilator. Nos Estados Unidos, eles querem que a gente abra para uma banda grande como Megadeth, Anthrax ou Slayer. Quase fizemos isso com o Overkill no ano passado, mas havíamos acabado nossa turnê e não ia ser legal tocar de novo. Então a estratégia é essa: nos EUA, vamos abrir para uma banda maior, e aqui vamos ser *headliners*, talvez com os Ratos de Porão abrindo para nós. Existe esta possibilidade.

A opinião sobre o show da noite anterior é unânime. Igor: "Foi muito bom. Desta vez pareceu ainda mais cheio, mais apertado. Estávamos visivelmente mais soltos". Segundo Max, o desta noite vai ser melhor ainda. A fila está novamente imensa, mas agora os seguranças do Marquee controlam a multidão e fica ainda mais gente trancada para fora. Lá dentro, o Sepultura repete sua performance histórica.

Para terminar, quem vai ganhar a Copa do Mundo? (*essa entrevista foi feita no final de maio*). A pergunta-bomba provoca uma guerra. Igor e Max apostam na Itália, Andreas no Brasil, Paulo não está interessado. Mas o Sepultura não vai estar grudado na TV durante o campeonato. Eles planejam viajar pela Grécia e Egito, de mochila nas costas. Afinal, eles merecem um descanso!

ANAMARIA G. DE LEMOS

O Sepultura é, hoje, o produto mais pontuano da Roadracer Records, a gravadora nos EUA. Prova máxima disso é o lançamento da versão remasterizada de *Beneath The Remains*, que saiu há quatro meses na América.

Segundo Max Cavalera declarou à revista inglesa *Kerrang!*, houve duas razões. Primeiro, "a falta de peso do baixo, que nós só notamos dois meses depois que *Beneath* ficou pronto". Segundo, a má qualidade dos instrumentos usados na gravação—problema superado pela nova empresária, a americana Gloria Bujnowski, que descolou instrumentos novos para o grupo.

A Roadracer também está tentando convencer a Cogumelo Discos a liberar os primeiros discos do Sepultura, *Morbid Visions* e *Schizophrenia*, para serem lançados nos EUA após serem remasterizados pelo produtor Scott Burns. O próximo passo é o lançamento americano da versão em CD de *Beneath The Remains*, como já foi feito na Europa — tudo isso antes de sair o novo LP da banda, o que não deve acontecer antes do final do ano.

OS PRÓXIMOS

Os grupos nacionais que estão na mira de gravadoras estrangeiras

SARCÓFAGO (Cogumelo)
VIPER (Rock Brigade/Eldorado)
THE MIST (Cogumelo)
CHACAL (Cogumelo)
WITCH HAMMER (Cogumelo)
ACID STORM (Rock Shot)
KORZUS (Eldorado)

OS MONSTROS DE VENDAGEM

Os discos de heavy metal mais vendidos no ano passado

1 **GN'R LIES** Guns N' Roses
2 **...AND JUSTICE FOR ALL** Metallica
3 **NEW JERSEY** Bon Jovi
4 **SKID ROW** Skid Row
5 **A SHOW OF HANDS** Rush
6 **BENEATH THE REMAINS** Sepultura
7 **PRACTICE WHAT YOU PREACH** Testament
8 **BRASIL** Ratos de Porão
9 **ROTTING** Sarcófago
10 **OPERATION: MINDCRIME** Queensryche

"O novo disco vai ser todo na linha de 'Inner Self', mais pesado do que rápido"

NOTTING HILLBILLIES

A VOLTA DO SULTÃO DO SWING

Buscando retomar o filão folk da primeira fase dos Dire Straits, Mark Knopfler vem com sua "outra banda"

Ele tardou, mas não falhou. Foi só em meados de 77, prestes a completar 28 anos de idade, que o ex-crítico musical e professor de literatura Mark Knopfler registrou em uma fita demo os primeiros trabalhos dos Dire Straits — grupo formado por ele e seu irmão David nas guitarras, John Illsley no baixo e Pick Withers na bateria. A repercussão destas gravações não demorou a acontecer, com a banda sendo convidada no ano seguinte para abrir a tour européia dos Talking Heads e, logo em seguida, apresentar seu álbum de estréia homônimo (o primeiro de uma série de campeões de vendagem encabeçado pelo hit-marca registrada do grupo, "Sultans Of Swing").

A fórmula do sucesso era simples mas eficaz: uma base instrumental de *country music* com sutis incursões para o rock'n'roll servia de moldura para os riffs e solos cristalinos da guitarra de Mark — herdeira direta do som de J.J. Cale — em constante diálogo com seus vocais *dylanescos*. *Communiqué* (79), o segundo álbum dos Straits, seguiu a mesma trajetória vitoriosa do anterior e consolidou a reputação do grupo como uma grande promessa para os anos 80.

Mas as coisas não iam tão bem como pareciam e, ainda durante as sessões de gravação do LP *Making Movies* (80), David Knopfler abandonou a banda — no que foi logo seguido pelo baterista Withers. O esfacelamento da formação original dos Straits não aparentava, a princípio, ter importância maior, mas a longo prazo mostrou-se letal para a verve criativa do grupo. Recrutando outros músicos e dando mais espaço para os teclados nos shows e discos posteriores, Mark sofisticou a música dos Straits, mas ao mesmo tempo matou aquilo que os primeiros trabalhos da banda tinham de mais precioso: a espontaneidade.

Foi talvez em busca dessa qualidade perdida que Mark mergulhou de cabeça no projeto dos Notting Hillbillies. Depois da incrível projeção alcançada pelos Straits, do longo hiato que se sucedeu ao último LP da banda — *Brothers in Arms*, de 85 — e de suas incursões pela música cinematográfica, nada mais justo que ele tentasse voltar à simplicidade e à magia das seis cordas de guitarras e violões. É o que está fazendo com Brendan Croker, Steve Phillips e o dire straits Guy Fletcher nos Notting Hillbillies. Se conseguiu ou não o seu intento, isso são outros quinhentos. Com a palavra Mark Knopfler.

CELSO PUCCI

NOTTING HILLBILLIES

Como foi que os Notting Hillbillies surgiram?

MARK KNOPFLER O que aconteceu é que eu ia produzir um disco do Steve (Phillips). Logo depois, ele estava pensando numa parceria com Brendan (Croker), o que me agradou muito porque nessa época eu já estava totalmente encantado pelo trabalho da banda de Brendan, The Five O'Clock Shadows — até tocava com eles de vez em quando. Ao mesmo tempo, Guy (Fletcher) e eu vínhamos trabalhando em trilhas sonoras como *The Last Exit To Brooklin* e, mais recentemente, num álbum com músicas de Chet Atkins. Tivemos essa idéia de fazer um disco com Steve e Brendan, começamos a discutir idéias e acabamos rapidamente nos transformando numa pequena banda. Passamos de dois para quatro, pois no fim também decidi tocar e, é claro, tivemos a enorme colaboração de Guy em todos os teclados, Synclavier e bateria eletrônica. Assim todos participaram e interferiram no disco.

BRENDAN CROKER Isto foi um ponto-chave.

O álbum foi todo gravado em Londres?

MARK Todo, a não ser a *pedal steel*.

BRENDAN Ela foi gravada em Nashville, por Paul Franklin.

Quem é ele?

MARK Foi Chet Atkins que me apresentou a ele. Paul é muito bom e eu sabia que daria certo. Queria um som de *pedal steel* em grande parte do material e ele se revelou também uma pessoa muito legal. Vai fazer parte do grupo e excursionar conosco.

E quanto ao repertório?

MARK Nós passamos tanto tempo com outros projetos que, ao fazer esse disco, nos pareceu natural que quiséssemos incluir nossas músicas nele. Mas também tentamos fazer algo com certas coisas que nunca receberam a devida atenção... coisas dos anos 20, 30 e 40. Nunca quis me prender a reconstituir estas melodias como eram originariamente. Este nunca foi o meu estilo e Brendan não é assim também. Jogamos uma influência diferente ali, marimbas mais adiante, o que sentíssemos que havia necessidade. Outra coisa boa é que o disco foi gravado em etapas. Eu saía para fazer outras coisas, Steve e Brendan partiam em turnê e depois voltávamos para escutar mais algum material com Guy. Em vez de usarmos só três semanas, isso levou meses!

BRENDAN Acho que ao todo uns dezoito meses.

Quando a banda começou a tocar?

BRENDAN Ah! Eu me lembro do dia. Foi no aniversário da Corinne, não foi?

MARK Isso mesmo.

BRENDAN A filha do Steve. Ele tinha acabado de voltar para casa e pensamos: "Que boa desculpa para estarmos reunidos!" Então organizamos esse pequeno evento. Cada um trouxe seu equipamento, carregamos aquelas caixas de som e nós dois, sendo de Yorkshire, cobramos entrada de todo mundo, lembra? Afinal, não íamos deixar ninguém entrar de graça só porque era aniversário da Corinne.

MARK (*sério*) Não sei nada sobre isso Bren.

BRENDAN Você ganhou 22 libras, gastou tudo em cerveja! (*Risos*).

E quanto ao Steve? Quando vocês o conheceram?

MARK Eu era e sou um fã de *country blues*. E Steve estava tocando num *pub*, pensei: "Isso é para mim!" Acabei conhecendo-o, não sei como, não me lembro... simplesmente nos ligamos quase que imediatamente.

BRENDAN Eu vou contar praticamente a mesma história que você. Me mudei para Leeds para fazer um trabalho sobre estradas de ferro. Um dia, fui a um show. E lá estava aquele cara tocando alucinadamente. Era o Steve Phillips. Quando eu o vi naquela época, ele era o líder da Juke Band, que é uma das melhores bandas rockabilly que já vi. Tinham o maior swing, lembra Mark?

MARK E... Mais tarde Steve teve uma banda rockabilly fantástica, eram só três integrantes, mas era ótima.

Vocês já haviam feito um trabalho nesse estilo, não é?

MARK Sim, fazíamos, embora eu não tocasse muito, estava mais ligado ao blues e r&b, um som mais elétrico. Depois, Steve e eu formamos uma dupla acústica chamada The Duolian String Pickers. O nome era tirado de uma marca de violão do tipo National, o Duolian. Para nós o National sempre foi uma coisa meio mágica, sempre associado basicamente ao blues e à *country music*. Nessa última, o equivalente ao National é o dobro — um violão de madeira que tem um ressonador de metal, aquela coisa circular que você vê. Mas a maioria do pessoal que toca nas ruas usa o National, pois o ressonador joga o som para fora e você pode usá-lo com um *bottleneck*, um tubo de metal, ou mesmo tocá-lo deitado sobre os joelhos, no estilo havaiano.

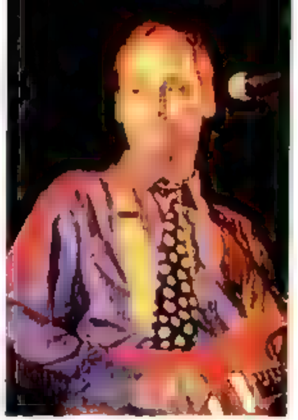
E sobre suas músicas gravadas pelo pessoal da country music?

MARK Algumas coisas que compus foram gravadas pelo pessoal de Nashville, The Judds e Waylon Jennings e por aí afora... Chet Atkins e os Everly Brothers gravaram coisas minhas, mas eles não gravaram "Tunnel Of Love" ou "Sultans Of Swing", nem fariam "Money For Nothing". Mas tem algumas músicas que compus que eles fariam e "Your Own Sweet Way" parece ser o tipo de música que eles poderiam gravar. E achei que também funcionava com o Hillbillies. Até o Dire Straits poderia fazê-lo. Posso fazer com que a banda a grave sem qualquer problema, e provavelmente vamos fazê-lo. Mas tenho certeza de que quando acabarmos com ela, no Dire Straits, será uma coisa totalmente diferente.

Como vocês definem o som do Notting Hillbillies?

MARK São companheiros curtindo uns aos outros. Não é estritamente a reconstrução de material antigo. O que queremos na música, encaixamos. Assim, algumas coisas soam como tradicionais, porque achamos que era a melhor maneira de fazer tais músicas. Mas não é uma banda ligada a raízes. Os puristas não vão gostar muito do que fazemos. Não é uma banda *hillbilly* (*caipira*). Não tem banjo, bandolim, nem rabeca.

[illegible]



Mark: "Os Hillbillies são companheiros curtindo uns aos outros"

Com um novo disco que investe nas sonoridades acústicas e três novos integrantes, uma das bandas pioneiras da geração 80 do rock brasileiro se reinventa para a nova década

Barão VERMELHO

DA ESQUERDA PARA A DIREITA: FREJAT, GUITARRA E VOZ; DADI, BAIXO; PEMINHA, PERCUSSÃO; FERNANDO MAGALHÃES, GUITARRA; E GUTO, BATERIA

Um condomínio na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, 1981. Cinco garotos que mal se conhecem estão tocando pela primeira vez juntos num lugar público. O vocalista tem língua presa e não canta, berra. O som é Stones puro. O show é curto, amador, stico e causa pouca impressão na audiência.

Corta para nove anos depois, maio de 990. Dos cinco moleques, só restaram res o guitarrista Roberto Frejat, o baterista Guto Goffi e o baixista De. O tno e o Barão vermelho e está gravando seu oitavo disco. *Na Calada Da Norte*, quando De decide deixar o grupo, cobrando Frejat de acusações de egoísmo. segundo De, Frejat não permite que ninguém mais no grupo se destaque. Ele é imediatamente substituído por Dadi, ex-Cor do Som. A mudança detona a admissão no Barão do percussionista Peninha e do guitarrista Fernando Magalhães, que desde 85 acompanhavam a banda no palco. O Barão é um quinteto de novo — mas, da formação original, só restaram dois.

Frejat está achando ótimo. Principalmente porque tudo isso "a são águas passadas. Com o novo disco chegando este mês nas lojas, Frejat diz que nunca teve tanta certeza quanto ao espírito da banda: "Agora estamos com as pessoas certas nos lugares certos", agulha o guitarrista. "Na verdade já éramos um quinteto, embora não em nível oficial. Com a saída do De, não dava para virar uma dupla caipira, eu e o Cuto, tocando rock". Sobre a saída de Maurício e De, Frejat se defende: "Minha maior preocupação sempre foi preservar a banda, e os dois tentaram fazer coisas que iam contra a personalidade do grupo".

Se você faz parte do numeroso time que considera Frejat a alma do Barão e o responsável pela personalidade do grupo, isso é verdade. Maurício Barros jogava no time oposto. "Eu queria ter mais espaço, cantar mais, não era possível. A única coisa que interessava era afirmar o Roberto como cantor", conta Maurício, que deixou o grupo em 88 para formar sua própria banda, o Buana 4. Diz que em nenhum momento houve briga. "Foi só uma situação desagradável". Tanto que ele participou como tecladista em duas faixas do novo disco do Barão.

Mas, se para Maurício as diferenças com Frejat já ficaram para trás, para os outros membros da banda a coisa é bem recente. Em um certo momento, houve até a possibilidade de o Barão deixar de existir. Já parava no ar a chance de De deixar o grupo, ameaça feita pelo baixista ainda em 89. Guto: "Fiquei com um medo danado, até falei: 'Se ele sair, eu saio também'". Foi Frejat quem o convenceu do contrário: "Eu disse que, se o De saísse, a banda não deixaria de existir. Que o Barão só acabaria quando acabasse o que ele representa. Mas se o Cuto também saísse, eu é que não ia ficar aqui com uma bandeirinha. Ninguém aqui é herói. De: "A gente brigou, sim. Mas não se pode a por causa disso, porque os motivos foram musicais e não pessoais".

O primeiro desses motivos, segundo De, foi sua tentativa de fechar o trabalho do Barão em cima dos três membros originais, uma mudança em relação aos dois LPs anteriores, *Rock 'N' Geral* e *Carnaval*, que tinham contado com uma participação grande de Fernando Magalhães e Peninha. Guto: "Eu estava um pouco saturado daquela estética pesadona, achava que era hora de dar uma guinada radical. Então até cheguei a concordar com o De, que achava que para mudar o som teríamos que voltar ao núcleo original".

Mas o motivo decisivo foi a escolha do repertório. Guto explica: "Como não gravávamos há muito tempo, a gente tinha muito mais músicas que o necessário para um disco, e algumas, lógico, teriam de dançar. No caso, foram as três do De. O problema foi que ele já tinha o disco pronto na cabeça, sem nem ter ouvido as minhas músicas nem as do Frejat. Fiquei sentido com isso". Frejat insiste na subordinação dos projetos

CÉREBRO PROFISSIONAL

"Sou uma madrasta" define Ezequiel Neves sua parceria de quase dez anos com o Barão Vermelho indo além das participações como coprodutor e letrista. Servindo-se do lado conceitual mais do que do técnico, prefere lidar com "a essência, com a farra". Segundo Frejat "ele sabe bem a hora de chegar e participar nos momentos cruciais. É essencial ter alguém com intimidade para dizer 'tá achando uma tática, over demais' ou 'por favor, me poupe desse tipo de absurdo'. Sempre discutimos muito. Ele não entende nada de técnica, mas ajuda a manter a concepção". "Gosto de chegar no final da mixagem", exemplifica Ezequiel, "tiro tudo de nível, ponho a guitarra bem alta".

O termo "Profissional Brain" é, na opinião do baixista De, o mais adequado. "Tem grupo que precisa, e, afinal, foi o Zeca que descobriu o Barão." "No terceiro mundo não pagam por ideias. Talvez, se eu morasse em Nova Iorque...", comenta Zeca, entre uma gargalhada e outra.

Considerando favoráveis as mudanças ocorridas dentro do Barão, ele acha que, sem alarde, o rock sai perdendo. Seria uma mentira se o Cazuza continuasse no Barão. Tanto o Maurício quanto o Dé fizeram suas opções. Suas idéias não cabiam dentro da banda.

Com 55 anos de idade, Ezequiel autoproclama-se "avô do rock" com a seguinte ressalva: "Um avô rabugento". "Por causa da idade, já ouvi muita coisa. Vi tudo o que tinha de ver quando morei em Londres, em 70. Era metido a besta, meio intelectual. Mandei tudo às favas quando descobri o rock, aos 31 anos".

E o brilho de Zeca ficou reservado a outro tipo de platéia. Como crítico musical desde 63, ele passou por diversas publicações e lançou, com Luiz Carlos Maciel, a revista *Rolling Stone* no Brasil. "Tivemos um ano de glória." Por enfado, ele deixou o jornalismo em 85, depois de revelar um estilo peculiar, sob a alcunha de Zeca Jagger, Zeca Zimmerman, Zeca Summer ("eu adorava 'Bad Girls' da Donna Summer") e da implacável Angela Dust. "Em cada veículo era de um jeito, escrevia epidermicamente, sem forçar nada. Deixei de escrever porque dá muito trabalho ouvir discos por obrigação e, ainda por cima, pagam muito mal".

Além do Barão Vermelho e Cazuza, seus trabalhos como produtor musical incluem dois discos do grupo Made In Brazil, *Jack, O Estripador* (76) (ainda fazia backing vocal nos shows) e *Paulicéia Desvairada* (78), *Rosas e Tigres* (85) da Gang 90 e *Nico Rezende* 89).

"Tanto o Dé como o Mauricio Barros tentaram fazer coisas que iam contra a personalidade do grupo" (Frejat)

pessoais ao grupo. "Tinhamos sempre essa discussao. Quando alguem compoe uma musica, quem manda é a musica. O único direito de quem a compôs é tirar ela fora, se nao gostar do arranjo que a gente fez.

Segundo Dé, na prática esse "centralismo democratico" nao funcionava: "Toda vez que mudavam uma musica minha, ficava uma merda. 'Manhã Sem Sonho', do segundo disco, por exemplo. Nao gostei do resultado. Dessa vez, eu queria cantar 'Empada Com Bunta' e tocar guitarra em 'Helice' Ai eles simplesmente tiraram as musicas, não acharam legal". Guto defende a decisão, sem entrar em detalhes: "As musicas estavam fora do conceito do disco

De caiu fora. Foi prontamente substituido por Dadi, que regravou o baixo em todas as faixas e deu algumas idéias, que foram aceitas pelo grupo — então reduzido a Guto e Frejat, que diz que "sem querer desmerecer o Dé, o Dadi tem uma competência absurda". O ex-baixista aprovou a escolha: "Ele é um dos meus idolos, eu era bete da Cor do Som. E achei uma atitude normal ele regravar os baixos que eu tinha feito". Maurício Barros tambem aprova a nova formação do Barao. "O Peninha e o Fernando sempre foram da banda. Pensando bem, ficava mais falso quando eles eram apenas contratados do que agora." Mesmo os ex-integrantes concordam: o Barão Vermelho, apos anos de turbulencias, finalmente se resolveu musicalmente.

Os LPs antigos, da fase pos-Cazuza, recebem hoje uma autocritica de Frejat. "A cada final de disco, fazemos um balanço. *O Declare Guerra* é forte musicalmente mas sentiu que as letras precisavam ser mais representativas do que somos. No *Rock'N Geral* já tinhamos achado o caminho, mas nao conseguimos pôr em pratica — alem do que a capa é horrorosa, um erro na imagem Musicalmente é mais ecletico, e as letras melhoraram. Ja em *Carnaval* conseguimos sedimentar tudo que buscavamos. E o *Ao Vivo* é a cara do Barao, faltava um ao vivo na nossa discografia. Mesmo assim, para não ficarmos acomodados só com musicas antigas, gravamos duas meditas.

O novo disco, *Na Calada Da Noite* traz uma surpresa: o Barão Vermelho apostou numa sonoridade mais leve que no passado, com ênfase no lado acustico. "Não queria virar um arquetipo de banda de hard rock explica Frejat, "somos muito mais flexiveis do que isso." Essa investida na variedade se estende tambem à tematica do grupo, agora tratada por letristas diversos, como Sérgio Serra (do Ultraje), Jorge Salomao, Duke Quental, Ezequiel Neves e Luiz Melodia, que fez a letra de "Na Calada Da Noite

O Barao está amadurecendo? Frejat pensa para responder. "Musicalmente, nosso caráter é o mesmo. Nas letras, a intenção é fazer crescer a mentalidade do rock'n roll. Adoro coisas como 'Buly Negão', e juvenil para caralho, e vanas músicas do Barão têm isso. Mesmo com quarenta anos, você tem que cantar para o brotinho de dezoito. Mas tem de ter tambem momentos para pensar, ou até fazer coisas mais romanticas."

'Esse disco tem muito isso, é muito coerente com a nossa vivência. Isso e o que o Lou Reed faz, o Keith Richard, o Jagger fazer o rock crescer, sem ficar sob a ameaça da eterna juventude. E meio ridiculo um velhinho de jaqueta de couro, posando de garotao. Agora, acho do caralho um coroa de jaqueta de couro. Isso é totalmente rock'n roll. E por ai."

LORENA CALABRIA

AS NOVAS CARAS DO BARÃO VERMELHO

Dadi baixo

Com mais de 15 anos de estrada, o baixista Dadi já integrou os Novos Baianos, a banda de Jorge Ben e gravou, com a Cor do Som, dez LPs. No ano passado, após uma rápida apanção com a banda Nata Carioca, ao lado dos ex-Cor do Som Gustavo e o irmão Mu, ele passou a excursionar com a cantora Rosana. Agora, reencontra no Barão uma afinidade musical, a mesma que marcou o inicio de sua carreira.

Aos treze anos, tocava covers de Beatles, Stones e Kinks com seu primeiro grupo, The Goofies. "Acompanho o trabalho do Barão desde o começo", declara Dadi. "Estava louco para voltar a ter uma banda.

Fernando Magalhães guitarra

Nunca tive prazer tão grande ao tocar com outro guitarrista. Temos um bom entendimento, uma preocupação em acrescentar algo ao trabalho do outro. O Barão é a combinação das duas guitarras, juntas ou separadas", define Frejat.

Desde os quatorze anos tocando com bandas alternativas, Fernando Magalhães conheceu Guto e Frejat durante um show de covers do Who em 83. Dois anos mais tarde foi convidado a acompanhar o Barão em shows e, ocasionalmente, em estudio. Agora, como membro atuante, ele comenta. "Fiquei triste com a saida do Dé. Eu até curtia ficar como musico contratado. Estava mais preocupado com o som. Meu gosto é bem parecido com o do Frejat, mas tambem gosto das primeiras bandas punks, Sex Pistols, Clash e Damned"

Peninha (Paulo Pizzialli) percussão

Rock é aquela coisa meio dura, a percussão não tem muito espaço. Como o Barão toca um rock surrigado, meio Santana, isso me favorece." Quanto a sua entrada oficial na banda, ele brinca. O cachê é maior. Minha participação sempre foi grande: fiz algumas musicas, só não era considerado do Barão Vermelho"

Participando dos discos da banda desde 83, dois anos depois começou a atuar em shows. Quem já viu há de concordar: ele é o que mais se diverte no palco.

Peninha, que iniciou sua carreira de percussionista há mais de vinte anos em orquestras de baile, já tocou com Johnny Alf, Sivuca, Gal Costa e Simone, entre outros.

Buana 4

Mal saiu do Barão Vermelho, o tecladista Mauricio Barros pôs suas idéias em prática com a banda Buana 4. Suas primeiras participações, em 88, foram marcadas pelo blues e pegavam o psicodelismo pela tangente. "Nesse trabalho, procuro expandir o que fazia no Barão. As vezes, me sentia pessimo por ter de pôr um piano. Nunca fui fã de sintetizador, só quando é preciso."

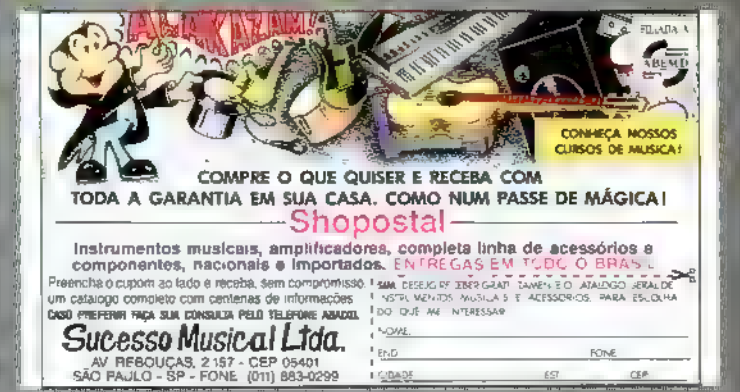
Em agosto de 89, a EMI-Odeon lançou seu primeiro LP e a banda ficou conhecida pela musica de abertura da novela das sete — bem diferente da proposta inical do Buana 4. Mesmo obtendo a marca de dez mil cópias vendidas, a gravadora não apostou num segundo LP "Estamos ensaiando um novo repertório", conta Mauricio, conformado mas confiante.

Discografia

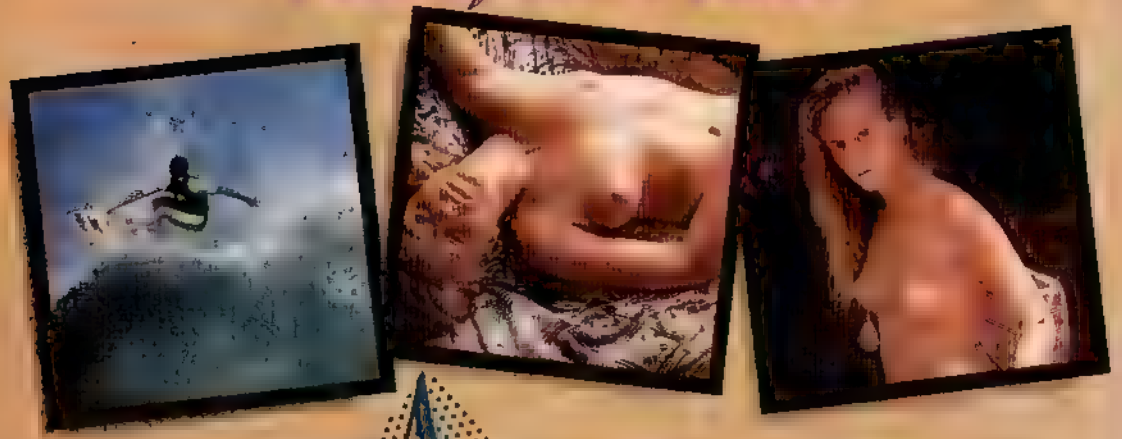
Barão Vermelho
82 - *Barão Vermelho* - LP - Opus Columbia
83 - *Barão Vermelho* - LP - Opus Columbia
83 - "Pro Dia Nascer Feliz" - compacto - RGE
84 - "Bete Balanço" - compacto - Som Livre
94 - *Maior Abandonado* - LP - Som Livre
85 - "Eu Queria Ter Uma Banda" - compacto - Som Livre
86 - *Declare Guerra* - LP - Som Livre
87 - *Rock'n'Geral* - LP - WEA
88 - *Carnaval* - LP - WEA
89 - *Barão Ao Vivo* - LP - WEA
89 - *O Melhor de Cazuza e Barão Vermelho* - coletânea - Som Livre
90 - *Na Calada Da Noite* - LP - WEA

Cazuza
85 - *Cazuza* - LP - Som Livre
87 - *Só Se For A Dois* - LP - PolyGram
88 - *Ideologia* - LP - PolyGram
88 - *O Tempo Não Para* - LP - PolyGram
89 - *Burguesia* - duplo - PolyGram

SHOPPING



Deixe a emoção fluir.



Aquela gatinha que você sempre quis por perto, agora é toda sua. Nas páginas de Beach Girls, o encarte especial da revista Fluir que todo mês traz um ensaio fotográfico com as mais belas garotas da praia.

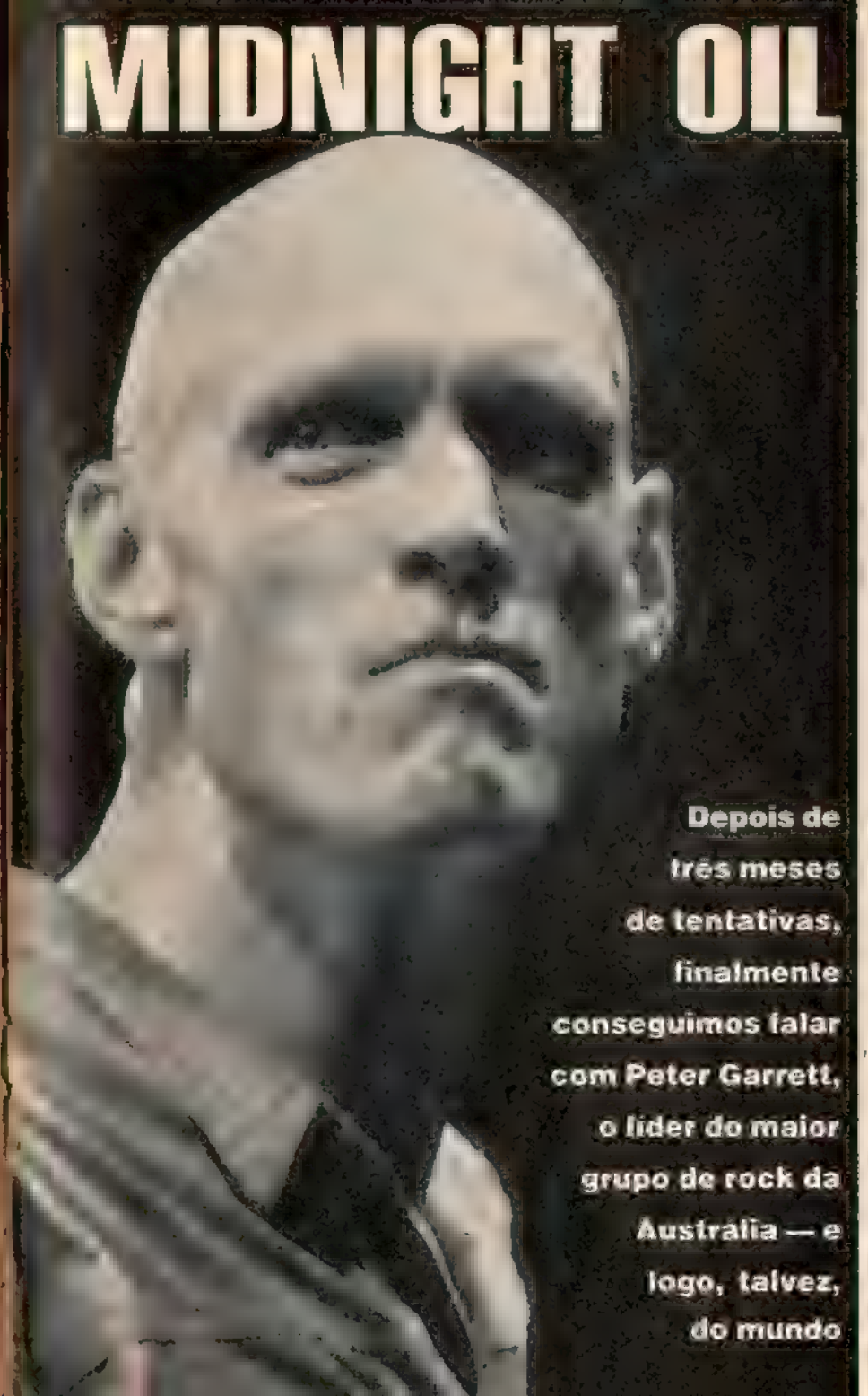
Fique atento. Na primeira edição de Beach Girls, você vai se deliciar com o charme e a sensualidade de Dominique Scudeler, bodyboarder carioca de 17 anninhos, vista pela lente mágica de Fábio Cabral.

Prepare-se para viver uma forte emoção.

FLUIR

EDITORA AZUL

MIDNIGHT OIL



Depois de três meses de tentativas, finalmente conseguimos falar com Peter Garrett, o líder do maior grupo de rock da Austrália — e logo, talvez, do mundo

ENTREVISTÃO

BIZZ

Sergio Thomaz I.F.

Não se cutuca uma onça com vara curta. Da mesma forma, não se ofende um entrevistado. Pior se ele for famoso e poderoso. Ainda por cima no começo de uma entrevista, quando uma palavra errada ou uma frase mais áspera pode fazer com que o dito cujo "feche o tempo" e saia da sala ou bata com o telefone no gancho, deixando o entrevistador desesperado e solitário com suas vinte e tantas perguntas que, agora, jamais terão resposta.

Foi assim, por exemplo, com Harrison Ford. Por causa de uma infeliz pergunta, selecionada para abrir uma sessão que se transformaria numa entrevista publicada mais tarde na revista SET, Ford virou fera — ele, que é dos entrevistados mais amistosos — e disparou: "Essa era sua pergunta final?" A diplomacia, porém, interveio, e Ford retomou a sabatina. Peter Garrett — o gigante careca do quinteto australiano *Midnight Oil* — também não gostou de ter sido atingido logo no começo desta entrevista (o momento universalmente usado para quebrar o gelo com amenidades, cumprimentos e insignificâncias) com a pior pergunta que se pode fazer a um artista de rock: "Por que o show do dia tal foi tão ruim?" Garrett, entretanto, não rugiu, não fez ameaças, nem se refugiou em monossílabos amofinados. Respondeu à pergunta com todo o bom senso que pode ter uma pessoa recém-chegada de uma viagem curta, porém internacional, e com toda a honestidade de um astro de rock que mantém a bolinha firme no chão mesmo quando chamam sua banda de "The next big thing": "Isso é fantasia sua."

Ufa! Tudo, afinal, havia conspirado para que esta entrevista não acontecesse. Marcada inicialmente para Chicago, em Illinois, ela foi transferida, sucessivamente, para Nova York, Los Angeles, São Francisco, Washington e, por fim, Vancouver, no Canadá, onde acabou sendo feita.

O Oil entrava no terço final de uma excursão norte-americana cansativa e vital para a carreira do grupo. Até o lançamento de *Diesel And Dust*, em 1988, o Oil era uma ilustre exportação australiana que ainda não havia "emplacado" no maior mercado fonográfico do mundo, os Estados Unidos. Com *Diesel And Dust* porém, a banda foi guindada ao superestrelato internacional, graças a vendas espetaculares — mais de um milhão de cópias somente na América; o dobro disso no resto do mundo — e a shows eletrizantes que renovavam a esperança de sobrevida do rock, um gênero tão desgastado, vulgarizado e diluído. Ao vivo, em 1988, o Oil era uma epifania no sentido mais puro da expressão: uma manifestação divina que elevava a alma do mais corrosivo e destrutivo dos cínicos. Quando tudo parecia perdido — com o rock reduzido a um denominador comum rastaquera, indócil, boçal, pobre de ideias mas cheio de pose, atitude, "timbres", "propostas", "comebacks" e "revisões"; híbrido de nada com porra nenhuma, assexuado, frio, careta, modernoso e "transgressor" — o Oil subia ao palco como se o rock fosse uma página em branco pronta para ser rascunhada. De novo.

O lançamento de *Blue Sky Mining* tornou tudo mais difícil para o Oil. Praticamente desconhecido até então — só agora está sendo editada no mundo a discografia completa da banda, iniciada em 1978 —, o Oil dos anos 90 está na mira de sua gravadora (fadada à extinção) para virar o que se convencionou chamar de megabanda: um portento pop revestido de uma pomposa "divindade" que o torne uma unanimidade inatingível, indiscutível. Como aconteceu, recentemente, com o U2. Ou seja, tem gente torcendo (e trabalhando, e gastando muita grana e saliva) para transformar o Midnight Oil no "próximo U2".

O melhor, porém, é enxergar o Midnight Oil como se fosse uma popularíssima banda alternativa que se fez por si própria, contra tudo e contra todos, uma ex-"banda de surfistas" que gradualmente engrossou o caldo politizado de suas canções para hoje ser sinônimo de ativismo político no rock, a ponto de os últimos três shows que fez na Austrália terem sido exclusivamente "benefits", eventos beneficentes.

Acredite quem quiser nas convicções do Midnight Oil. Ou, principalmente, nas de Peter Garrett, presidente do Australian Conservation Fund (organização de defesa do meio ambiente) e quase senador pelo distrito de Canberra, pelo Partido do Desarmamento Nuclear (perdeu a eleição, mas ganhou 300 mil votos), atividades refrescantes num universo de pop stars proselitistas e demagogos.

O mais importante, ainda, é a música.

Tanto que espantou ver o show do Oil no Universal Amphitheater de Los Angeles: era uma banda cansada, desanimada, confusa, que em quase nada lembrava o furacão de 1988. Um susto para quem havia chamado o Oil de "a melhor banda do mundo".

Mas é desses altos e baixos que se nutre o rock and roll: se uma banda consegue ser diferente dia a dia, se consegue apresentar defeitos vacilos e surpresas, é porque está viva.

Ainda bem.

Vamos começar falando do último show da série de duas apresentações que vocês fizeram no Universal Amphitheater em Los Angeles. Logo no início parecia que tinha alguma coisa errada: a banda parecia desligada, vocês não conseguiam acertar direito muitos dos vocais de harmonia, e na terceira música você mesmo reclamou que o lugar não era um dos mais apropriados para rock. Jim Moginie (guitarra/teclados), em particular, parecia muito distante. O que estava acontecendo? Havia algum problema?

Ah, isso é fantasia sua... (*pausa*) Sempre vai haver uma noite em que as coisas não começam exatamente do jeito que você espera. Na verdade, a segunda noite no Universal acabou sendo uma das noites mais fortes da turnê, daquelas em que você vai progredindo de *momentum* em *momentum* e acaba pegando fogo... quando o show terminou a gente estava bastante satisfeito com ele.

Essa turnê que o Oil está fazendo agora é bem extensa. É muito difícil manter o mesmo nível de energia do começo ao fim em uma excursão assim?

(*Depois de longa pausa*) Acho que a única saída é botar para quebrar noite após noite, como se cada noite fosse a última noite. É a única atitude que você pode ter. Se você fosse olhar sua planilha de viagem e visse onde ia estar dali a treze meses, talvez se sentisse sendo castigado, mas nunca nos sentimos assim. O importante é estar tocando no maior número possível de lugares. Quando você faz mais de um show num mesmo lugar há um elemento de repetição que é inegável. Mas acho que a gente está conseguindo se "recarregar" bem. Estamos bem.

Como você vê a conscientização do público norte-americano em relação a questões do meio ambiente? Eles estariam simplesmente se divertindo com uma banda que é muito energética ao vivo ou estariam, também, ouvindo com atenção o que está dizendo Peter Garrett, cidadão preocupado com estas questões?

Bom, acho que estão fazendo as duas coisas, em graus variados. Depende de cada pessoa, do interesse... de como foi o dia dessas pessoas. É impossível julgar ou prever o que uma plateia pensa ou vai pensar, ou fazer. O que nós da banda fazemos é nos mantermos fiéis aos nossos propósitos. O grau de conscientização do público americano cresceu enormemente nos últimos dois anos. Decerto mudou, se compararmos à primeira vez

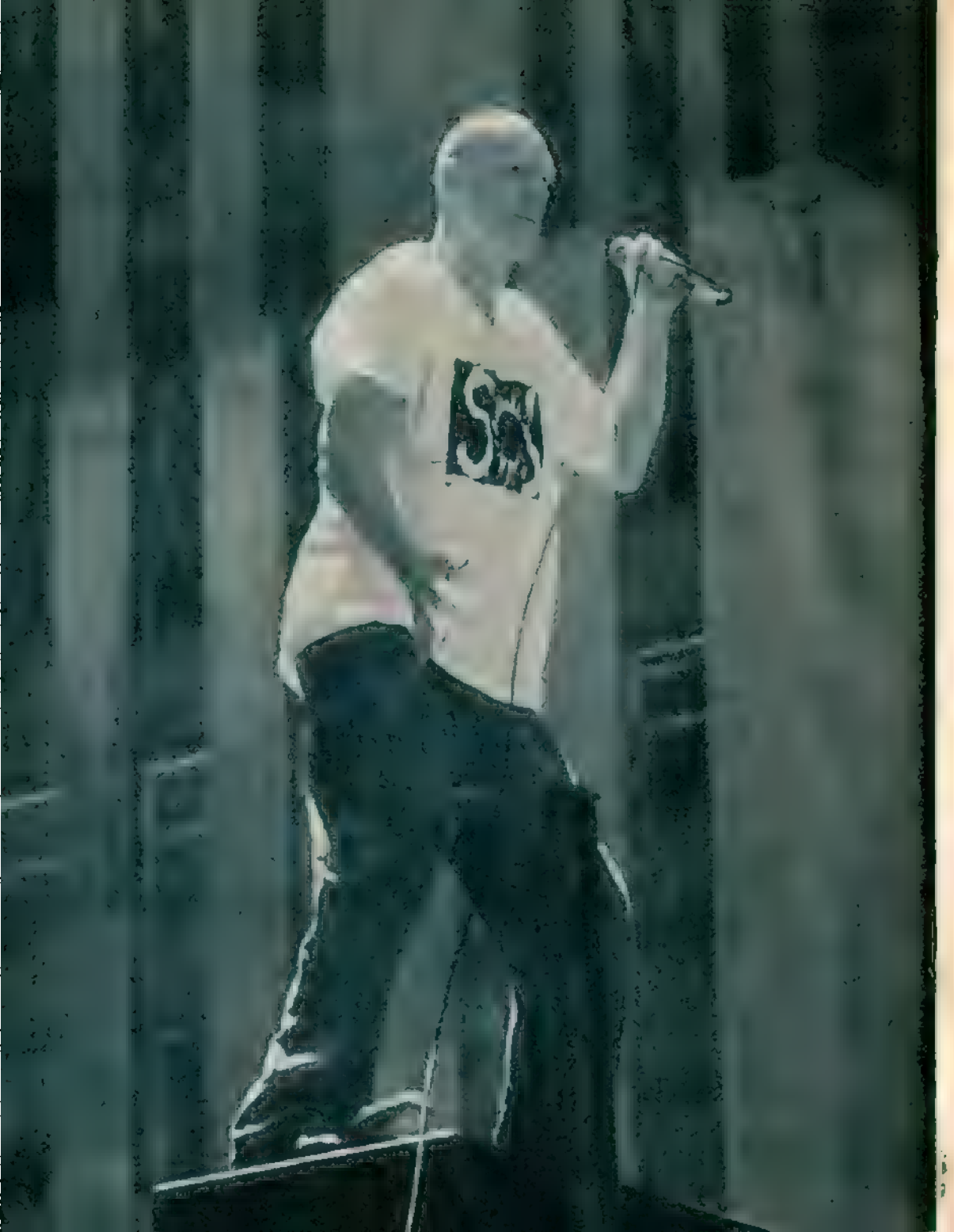
R. Workman/FI

PORTÁTEIS SONY

A MELHOR MANEIRA DE OUVIR O MIDNIGHT A QUALQUER HORA.

SONY

"Quando estivemos na América em 85, as pessoas nos olhavam como marcianos, porque falávamos de política"



"O LP *Blue Sky Mining* é um disco-polaróide do Midnight Oil vagando pelo mundo"

que estivemos aqui, em 1985, quando as pessoas nos olhavam como se fôssemos marcianos recém-chegados do espaço porque estávamos falando de política, entendeu? "Rock deveria ser entretenimento, e nada mais." Obviamente há uma visão melhor, embora sempre vá existir aquela pessoa que chega e vai embora sem ter prestado atenção em nada do que a gente falou. Mas existem outras que vão aos shows justamente para ouvir o que estamos dizendo.

Soube que esta turnê está sendo filmada para virar um documentário. É verdade?

Filmamos basicamente um "show-guerrilha" que fizemos nas ruas de Nova York, o show em frente ao prédio da Exxon. Toda aquela experiência foi filmada por Larry Jordan. No futuro vamos acabar usando esse material de alguma forma, talvez num vídeo de longa-metragem. Mas não temos uma equipe de filmagem nos seguindo de show em show.

Pode-se argumentar que *Blue Sky Mining* é um disco à parte do restante da discografia do Oil, no sentido de que não é necessariamente um disco preocupado apenas com questões australianas. O baterista da banda, Rob Hirst, disse numa entrevista que as canções deste disco falam "de como nós estamos encontrando nosso próprio lugar no mundo".

Não há dúvida de que isso é verdade. Mas se você for ver *10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1*, acho que ele também tem um sabor bem internacional. Ambos os discos foram moldados pelo mesmo tipo de experiência: a gente estar a trinta mil quilômetros de casa, se atracando com as "geladeiras culturais" de outras pessoas. Você acaba criando "sabores diferentes" e eles vão parar no disco. Sim, *Blue Sky Mining* é um disco-polaróide do Midnight Oil vagando pelo mundo. Mas não é o único.

Lidar com a fama no rock não é fácil. Especialmente quando se é um artista como você, que combate a irresponsabilidade das empresas corporativas em relação à comunidade, mas que ainda assim está trabalhando, até certo ponto, dentro de uma situação corporativa, com uma gravadora. Como é que se equilibra a fama e a responsabilidade social num business tão mesquinho, inchado e arrogante quanto a indústria do rock?

Você já podia escrever seu artigo, só com essas perguntas maravilhosas (*risos*). Bom... com precariedade. O que vou dizer? Você precisa é tentar fazer o melhor que pode, apoiando questões que você considera importantes: a reci-

clagem de matéria-prima é uma questão que obviamente está preocupando as pessoas, nós inclusive. Conseguimos contribuir para isso com *Blue Sky Mining* (lançado com capas feitas de material reciclável), o que nos alegra. No mais é ir para casa e lá se refugiar e viver uma vida normal, mediana, trabalhando com as coisas que são verdadeiramente importantes. Dar apoio às questões sociais que consideramos importantes sempre que pudermos. É preciso fazer mais do que apenas posar para fotos e tocar em shows. É preciso incorporar estas questões naquilo que vem a ser seu método de trabalho. Isso e achar na indústria do rock pessoas que respondam a este tipo de coisa. Se você fizer isso, consegue sobreviver

Ainda sobre a indústria do rock, atualmente estão sendo discutidos exaustivamente dois tópicos: embalagens recicláveis que não tragam prejuízos ao meio ambiente, e o fantasma da censura que anda assombrando os Estados Unidos. Queria que você comentasse estas questões.

As "long boxes" (embalagens de CDs que têm o dobro do tamanho do disco-laser, usadas pelas gravadoras para tornar o produto mais "atraente" e "vistoso") são um desperdício ridículo. E pelo que sei não existem em parte alguma do mundo, exceto nos Estados Unidos. Devem ser deixadas de lado imediatamente. Estão com os dias contados. Se conseguirmos reunir e organizar os artistas mais famosos de todo o mundo para exigir que as gravadoras eliminem as "long boxes" e adotem imediatamente embalagens recicláveis...

Meses atrás alguns selos menores publicaram anúncios nos Estados Unidos pedindo o fim das "long boxes".

É, a Geffen e a I.R.S. são algumas que estão fazendo isso. E acho que no final, este sentimento vai acabar contagiando toda a indústria. Você vê que hoje já existe um bom número de artistas que exigem contratualmente o uso de material reciclável em todos os shows que fazem. Sobre a censura, acho que o grande problema é o tipo de material que estão usando como exemplo — o álbum *As Nasty As They Wanna Be*, do grupo de rap 2 Live Crew — porque é um tipo de material difícil de defender, do ponto de vista da liberdade de expressão. Provavelmente é obsceno, e se for é preciso que haja, no meu entender, algum tipo de proteção adequada para que crianças, adolescentes menores de idade e os pais saibam que aquilo com o que estão se metendo é obsceno. Não acho que discos assim devam ser eliminados de uma vez por todas. Infelizmente, esta questão pode acabar sendo usada como instrumento das pessoas que querem restringir a liberdade de expressão. Mas não vejo o 2 Live Crew — com todo o seu espírito gozador e derivativo, com toda sua credibilidade de rua — como sendo pessoas que, por causa do que fazem, mereçam esta proteção. Acho que eles estão sendo julgados dentro de bases legais, o que me parece apropriado. O que não me parece apropriado é estender este julgamento e pretender impor novas regras ao povo. Esta é uma distinção muito importante que as pessoas não conseguem entender direito.

Numa entrevista após a entrega do Grammy, este ano, Paul McCartney declarou-se "em cima do muro" no que diz respeito a esta questão. Como artista ele condena qualquer tipo de censura,

> **“O rock ainda é uma expressão impossível de ser contida por governos e corporações”**

mas ao mesmo tempo ele se preocupa com as filhas dele.

Exatamente. O fato é que os 2 Live Crew não são Lenny Bruce nem D.H. Lawrence; não são Van Gogh nem são os Beatles! Mas isso não quer dizer que eles não merecem proteção ao seu direito de livre expressão. Infelizmente o que eles fazem é ofensivo, grosseiro. Para uma pessoa de onze, catorze ou quinze anos que ainda não tenha completado a formação de uma bagagem própria de valores intelectuais, sociais, culturais e morais, talvez seja difícil conseguir discriminar e compreender. Então é preciso que a sociedade crie meios para proteger a mente dos jovens. Concordo plenamente com isto. Não me agrada a idéia de colocar decalques de aviso nos álbuns, mas não vejo outra saída.

Essa discussão nos leva a pensar na situação em que se encontra o rock and roll hoje. Como você mesmo já definiu a música do Oil como sendo “agit rock”, acredito que você ainda tenha esperança quanto às possibilidades do rock como instrumento social e cultural muito importante...

(*Cortando a frase pelo meio.*) Ah, não! Não, mesmo! Eu não superestimo as possibilidades do rock, de forma alguma. Acho que elas são claramente limitadas. Mesmo assim, o rock ainda tem uma vantagem: você ainda consegue achar no rock uma expressão impossível de ser contida por governos, corporações, publicitários ou opressores. Não acho que este seja um poder exclusivo da música: é o poder da arte e da criatividade. O rock, como forma, é estereotipado, badaladíssimo, comercializado em excesso, muitas vezes venal e muito vazio. Se alguns artistas ocasionalmente transcendem estas limitações, aí sim vale a pena. Caso contrário, é um assunto morto.

Não importa quão preocupada uma banda possa ser com questões importantes, existe sempre o risco de o artista de rock ser transformado em um deus todo-poderoso.

Não acho que devam endeusar os músicos. Isso é uma coisa perigosa que acontece nos Estados Unidos, onde você vê pessoas dando declarações a respeito de qualquer coisa, dando opiniões sobre assuntos que na verdade desconhecem.

Em várias ocasiões *Blue Sky Mining* foi comparado a *The Joshua Tree*, do U2, e a posição atual do Midnight Oil pode ser considerada equivalente à do U2 quando eles estavam prestes a virar gigantes pop. Você vê como real esta possibilidade de o Oil virar não apenas uma banda megastar mas também ícone pop “respeitável”? E a possibilidade desta transição é uma coisa que o preocupa em algum sentido?

Não acho que o disco seja igual a *The Joshua Tree*, que, aliás, achei muito bom. Se tivermos de andar lado a lado com alguém, tudo bem que seja com o U2. Mas as duas bandas, o Oil e o U2, são bastante diferentes. O ponto principal da discussão é que nós não nos propusemos, de vontade própria, a criar uma proposta sonora para a América. Ainda estamos nos alimentando da nossa própria comunidade, do nosso próprio meio ambiente. Além disso, provavelmente somos mais “afiados”, mais dogmáticos, mais pungentes do que o U2. Quanto a sermos “the next big thing”, acho que esse é o pensamento mais estarrecedor que se pode ter. Nos vejo existindo literalmente de acordo com nossos próprios termos. Não almejamos virar uma megabanda. E, com isso não estou querendo criticar o U2. Adoro Bono, e acho que o que eles fizeram só demonstra o valor deles. Mas honestamente não almejamos a posição deles. Pelo menos eu não almejo.

Vamos falar um pouco sobre o passado do Oil. Você era fotógrafo de surf, e, aparentemente, foi esta a razão de você ter raspado a cabeça: fotografando no mar, o cabelo caía toda hora na frente da lente da câmera.

Não é bem assim, e não sei como a história verdadeira — eu estava tentando ajudar meu irmão, que estava querendo se estabelecer como fotógrafo de surf — acabou se transformando em outra coisa, fazendo parecer que eu era fotógrafo de surf. Juro a você que não sou fotógrafo de surf, *mate* (*risos*). Eu apenas adorava ficar no mar fotografando surfistas com meu irmão e alguns amigos dele que estavam tentando ganhar uma grana extra vendendo fotos para revistas de surf.

Antes de responder ao anúncio colocado num jornal por Jim, Rob e Martin quando eles estavam procurando um vocalista, você trabalhava com uma banda de covers chamada Rock Island Line. Como era essa banda — ouvi dizer que vocês faziam covers do Genesis — e como era o Farm, a banda que, eventualmente, virou o Midnight Oil?

Não, o Rock Island Line fazia covers de rockabilly, embora tivesse algumas composições originais, e tinha também uma espécie de sintetizador bastante primitivo. Então, a gente era mais ou menos uma mistura de Kraftwerk e Stray Cats. Um troço completamente louco! Um cara fazendo barulhos no teclado enquanto outro tocava uma guitarra Epiphone dos anos 50! Era mais por falta de equipamento: a gente ia fazer shows em pequenos pubs no outback (*interiorzão da Austrália*). O Farm era uma banda muito musical. Numa época em que o punk estava começando, esses caras sabiam como tocar seus instrumentos — isso foi a primeira coisa que notei. E achei interessante. Era uma banda bastante diversa. A gente tocava de tudo, de Cream a baladas pop heavy metal. Eu nunca sabia as letras, mas... (*risos*).

Parece que quando você entrou para o Farm/Oil você não era tão ativo politicamente quanto os demais integrantes da banda.

Sempre fui mais ativo politicamente do que o resto da banda. Eles eram ape-

Divulgação

"A afluência está matando o mundo"

nas musicos, garotos recém-saidos da escola, não tinham qualquer atividade politica, descontada a preocupaçao com questoes politicas, que a banda sempre teve. O que me tornou mais ativo ainda na politica foi ver o que estava acontecendo no mundo e decidir que eu devia fazer algo mais do que apenas reclamar de tudo.

Embora tenha dado o início a banda contasse com um grande contingente de fãs, as gravadoras australianas relutaram em contratar o Oil. Foi muito difícil assinar um contrato?

Sacamos logo que os executivos estavam fora da realidade: eles não sabiam o que faziam. O que, na verdade, ainda acontece na maioria dos lugares. Conseguimos afinal lançar um disco quando assinamos com um selo pequeno que acabamos gerenciando nos mesmos, o selo Going, que funcionava apenas até certo ponto, porque nós tambem não sabiamos o que estavamos fazendo. Assinamos o contrato e gravamos um disco em quatro dias!

Como eram as coisas no Royal Antler (pub onde o Oil começou, tocando para um publico cada vez maior, e que acabou se tornando uma espécie de QG oficioso da banda)?

É raro achar um momento como foi aquele dos tempos do Antler, porque dali surgiu um "cult following" tão grande... As vezes tinha mais gente do lado de fora do que dentro! A gente convidava outras bandas para tocarem no estacionamento... Era uma coisa extraordinária, porque acabávamos ocupando toda aquela área ao redor do pub quando nos apresentavamos, embora fossemos completamente desconhecidos em qualquer outro lugar.

O Royal Antler ainda está de pé?

Sim, ele acabou de ser reformado, virou uma discoteca espalhafatosa. Não é [illegible].

Vem crescendo gradualmente o lado politico de sua vida. Houve algum momento em que estas atividades chegaram a atrapalhar o trabalho da banda; algum integrante do Oil teria reclamado disso com você, em algum momento?

Houve momentos, até mesmo enquanto estavamos gravando *Blue Sky Mining*, em que eu passava a maior parte do meu tempo trabalhando com questões ativistas australianas, mais do que eu gostava, mais do que outras pessoas da banda gostavam. É algo que sempre foi um cabo-de-guerra para a gente. E tentamos lidar com isso da melhor maneira possivel, sem brigas. Todo mundo tem sido razoavelmente compreensivo. É dificil falar sobre o que acontecerá no futuro. Suspeito que as excursões do Midnight Oil ficarão cada vez mais raras, porque estou tão envolvido nos acontecimentos lá em casa. E estamos vencendo batalhas, estamos tendo conquistas, o que é essencial. Precisamos salvar regioes selvagens na Austrália e estamos conseguindo. O que temos de fazer é tentar equilibrar essas atividades com a carreira do Oil a longo [illegible].

Por vezes um país é tão cioso de seus artistas que acaba virando uma espécie de amante muito ciumento. Seu publico australiano tem ciume do sucesso internacional do Oil?

É difícil dizer. Pode ser que isso tenha acontecido numa fase mais antiga. Mas acho que agora é uma atitude diferente: ficam contentes que esta banda tenha conseguido se estabelecer enquanto tantas pessoas diziam que isso seria impossível. Num certo sentido, este sucesso justifica o sentimento dos que achavam que tinha gente prestando atenção à nossa musica desde o inicio.

Embora os próprios australianos tenham apelidado a Austrália de "o país sortudo", existe uma série de problemas políticos, sociais e ecológicos que precisam ser resolvidos lá. Como você vê o futuro da Austrália? Você consideraria a possibilidade de se mudar para algum outro país?

Não acho que me mudaria, pelo menos para a Europa ou para os Estados Unidos. Pode ser que me mude para a Nova Zelandia, caso o partido conservador assuma o poder na Australia. Pode ser que tentem nos botar na cadeia! O futuro da Australia é uma questão muito vasta, não dá para se comentar rapidamente. Acho que é extraordinário o potencial para que o país se torne uma força pacifica naquela região, um lugar com altissimos padrões sociais e ecologicos, mas onde o estilo de vida talvez não seja tao afluente. Para ser franco, acho que a afluencia ocidental está assassinando o mundo, não apenas pelo uso dos recursos e dos subprodutos da Revoluçao Pos-Industrial mas tambem devastando florestas, produzindo lixo poluente e dai por diante. Nao acho que vamos conseguir ser "afluentes" por muito mais tempo. Portanto, se a Australia tomar determinado rumo, pode-se tornar um lugar muito interessante e positivo para se morar. Caso contrário, ficará à mercê da maior potencia dos dias de hoje: o dinheiro japonês. Pode acabar virando um enorme campo de golfe para os japoneses jogarem.

J.E.R.

PONHA NO PAPEL O QUE VOCÊ TEM NA CABEÇA.

Publicado com autorização do Grupo Coquetel Edições

Criação: em pauta Assessoria e Projetos Editoriais.

VOCÊ ENTENDE DE ROCK Então, é só resolver as palavras cruzadas da página ao lado e descobrir a palavra-chave. E a é composta pelas letras que ficaram nos quadrinhos amarelos. Para quem conhece rock como você, vai ser moleza.

VOCÊ TEM CRIATIVIDADE Agora, é só se inspirar na palavra-chave e deixar a imaginação voar. Crie a maior loucura: uma frase, um poema, uma ilustração, uma foto, uma colagem, uma música, o que você quiser. Para isso, use o espaço reservado no verso desta página ou tire uma xerox. Mas lembre-se: só concorrem as idéias que utilizarem a palavra-chave como tema.

VOCÊ VAI CRUZAR MUITOS PRÊMIOS

1º Discman Sony, uma coleção CD dos Stones e uma assinatura da revista Bizz
2º Rádio Gravador Sony e uma assinatura de revista Bizz.
3º Bicicleta Bizz Tekcicle e uma assinatura da revista Fluir
4º Bicicleta Bizz Tekcicle e uma assinatura da revista Fluir
5º Rádio Gravador Semp Toshiba e uma assinatura da revista Bizz
6º Rádio Gravador Semp Toshiba e uma assinatura da revista Bizz
7º Guitarra Giannini e uma assinatura da revista Bizz
8º Baixo Giannini e uma assinatura da revista Bizz
9º Rema-rema Dcesar e uma assinatura da revista Fluir
10º Relógio Cosmos Soviet e uma assinatura da revista Bizz
11º Relógio Cosmos Soviet e uma assinatura da revista Bizz
12º Prancha Bodyboard Scott e uma assinatura da revista Fluir.
13º Mochila Hands Off e um porta-fitas
14º Óculos Escuros Spy e um porta-fitas.

Os primeiros 50 cupons que chegarem à Editora Azul ganham um porta-fitas.

REGULAMENTO:

O critério de avaliação do concurso levará em conta a criatividade e a originalidade usadas para a realização do trabalho.
O local de exibição dos prêmios: Av. Nações Unidas, 5.777 - Alto de Pinheiros - CEP 05477 - S. Paulo.
Os trabalhos, classificados ou não, pertencerão à empresa.
Os prêmios ficarão disponíveis 60 dias contados a partir do dia da apuração.
Só serão válidos os trabalhos enviados no formato demarcado.
Os trabalhos serão escolhidos por um júri especial formado pela redação da revista Bizz.
A lista de premiação sairá na Revista Bizz, edição nº 63, do mês de outubro.
A apuração será realizada à Av. Nações Unidas, 5.777 - Alto de Pinheiros - CEP 05477 - S. Paulo, no dia 10/09/90 às 14 horas.
Os trabalhos deverão ser entregues até o dia 05/09/90.
Os prêmios serão entregues na Editora Azul, ou nos distribuidores locais, caso o premiado resida fora da Grande São Paulo.
O premiado receberá comunicação por telegrama do local e prazo para a retirada dos prêmios.
Será vetada a participação de funcionários ou parentes de funcionários da Editora Azul.

Participe enviando esta página, com o cupom abaixo devidamente preenchido, para: a Cruzada Bizz
Av. Nações Unidas, 5.777 - Alto de Pinheiros - CEP 05477 - São Paulo. A/C Depto. de Propaganda/Promoções - Div. Segmentados.

Nome _____

_____ Idade _____

Endereço _____

Bairro _____ Cep _____

Cidade _____ Estado _____

Telefone _____ É assinante de Bizz? Sim Não

Assinatura _____

A palavra chave é ☐☐☐☐☐☐☐

RESULTADO DO ÚLTIMO NÚMERO

ESPAÇO RESERVADO PARA VOCÊ CRIAR A MAIOR LOUCURA.

cosmos

MONTAG

SONY

SEMP TOSHIBA

Giannini

SPY

TEKCICLO
Fabricante da Bicicleta Bizz

SCOTT

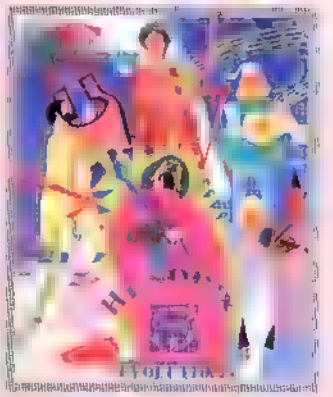
CBS

OLHA QUEM CRUZOU OS PRÊMIOS DA BIZZ

Estes foram os primeiros vencedores da promoção Cruzadas Bizz. Durante todo o mês, recebemos do país inteiro mais de três mil trabalhos de alto nível. Participe você também. Ponha no papel o que você tem na cabeça e cruze muitos prêmios de valor.

1º
Maria de Castro Andrade
São Paulo/SP

2º
Silvio T. Almeida Júnior
São Caetano/SP



3º
Delfim Galisi Domingues
São Paulo/SP

4º
Ricardo José Francisco Vieira
Osasco/SP

5º
Gerson Hermes
Novo Hamburgo/RS

6º
Marco Alberto da Silva
São Paulo/SP

7º
Cláudio Soares Barros
Juiz de Fora/MG

8º
Elvis Lima Costa
Cordeiro/RJ

GOTTA DANCE!

Vender doze milhões de discos é pouco para miss PAULA ABDUL: Bob Dylan está compondo para ela, e o próximo passo é o cinema — num musical, claro

Paula Abdul esta comendo quantidades industriais de pizza na ensolarada e acolhedora cozinha da casa de sua irma, num canyon florido de Beverly Hills. Pizzas so não salada de batata, sanduiche de atum e chips tambem estao no cardapio. Paula, com os pés estrategicamente descalços de seus altissimos saltos, parece mais que aliviada: parece sinceramente feliz. "Aquilo lá está uma loucura , ela diz. "Eu nao conseguiria sobreviver mais um minuto, de onde saiu tanta gente?

Tanta gente" era a multidao de reporteres reunidos num dos saões do hotel Beverly Hills para cobrir mais um momento de gloria da fulminante carreira desta garota morena e baixinha que, em pouco mais de um ano, saiu dos subúrbios do vale de San Fernando, em Los Angeles, para o topo das paradas e a capa das principais revistas. Paula estava assinando contrato de tres milhões de dolares para supervisionar a criaçao e promover uma nova linha de sapatos esportivos para a marca LA. Gear. "Foi uma decisão que tomei com muito cuidado", Paula diz, mastigando mais um pedaço de calabresa. "Essas coisas podem ser uma armadilha, mas, neste caso, eu gostei porque posso criar algo, posso colocar minhas ideias em pratica e, como dançarina, influenciar o design dos sapatos, escolher cores estilos... acho que vai ser divertido.

Agora, enquanto a morna tarde de primavera escorre lá fora entre os azuis de Los Angeles, Paula esta como gosta — sem sapatos, a vontade, brincando com a bola de borracha de seu sobrinho de dois anos, tentando tirar a pesada maquiagem do rosto, bebendo chá gelado na sala espaçosa e avarandada. Enquanto isso, lá dentro, a babá da família ouve o radio a todo volume — a propria voz de Paula, em intervalos impressionantemente regulares, ponbua a conversa com "Opposites Attract", o sucesso mais recente, ou com a versão remixada de "Forever Your Girl", do LP só de remixes *Shut Up And Dance*. "Eu não sei..." Paula diz, quicando a bola azul e vermelha no chão, a cabeça inclinada para o lado

sativa. "As vezes eu acho que tive do o que almejava... Os ultimos dois os foram incriveis. Foram alem de das as minhas expectativas.

Nada mal para uma garota franzina. m52 de altura, a quem os profes res de ginastica, na escola, sempre sseram que não tinha jeito para a nca. Primeiro ela se tornou a estrela time de dançarinas da torcida organizada dos Lakers, superequipe de squete de Los Angeles. Depois virou coreógrafa dos astros, responsavel los passos de Janet Jackson e seus maos. Nada mal tambem para a moa de voz limitada para quem os executivos do disco costumavam torcer o nariz — A reação em geral era: mas ela já dança e coreografa, por que vai meter a cantar?" Paula n.

Hoje, muitos discos de platina depois, Paula esta preparando um segundo LP (terceiro, se contarmos o de remixes), com repertorio escolhido entre musicas originais de nomes como Bob Dylan e Don Was ("Shirley Temple doesn't Live Here Anymore". Paula ficando eu soube que estavam compondo algo para mim, eu não acredi- Izzy Stradlin (do Guns N'Roses) Oliver Leiber (filho de Jerry Leiber, da ilustre parceria Leiber + Stoler) e Billy Steinberg, o hitmaker de Madonna. bem contar um bando de desconhecidos que mandaram toneladas de fitas para os escritorios da Platinum Music, empresa de Paula — fitas que ela estuda, disciplinadamente, uma a uma. Voce nunca sabe de onde vai sair o proximo sucesso , ela explica, acrescentando que, para este novo disco esta compondo em quantidade pela primeira vez. "E otimo, mas no inicio foi meio intimidante" ela diz. "Por que voce esta no meio destes profissionais todos e fica pensando: sera que eu vou ser meio ridicula se der a cara pite e mostar meus rascunhos? Mas, felizmente, as pessoas que trabalham comigo me apoiam bastante.

Nesta mistura de modestia, ousadia e inocencia — mais a capacidade de cercar das pessoas certas — esta o segredo de Paula Abdul. Garota de classe media do vale de San Fernando a mae canadense e judia, o pai americano descendente de libaneses radicados no Brasil ("meu bisavô era brasileiro de São Paulo. Será que isso me qualifica como brasileira?", ela pergunta). Paula Abdul cresceu à sombra dos estudios tanto de cinema onde sua mae trabalhava como assistente do diretor Billy Wilder, como de

gravaçao. "Eu me lembro de ver bem pequena aqueles musicais da Metro, tipo *Cantando Na Chuva*... aquilo era tudo o que eu queria fazer na vida.

Aos sete anos, quando seus pais se separaram, Paula já dirigia numeros de dança nas funçoes da escola. Es-

tudava jazz, sapateado e bale ("as pessoas em geral nao sabem, mas sou muito boa em bale classico tambem. É a base de toda dança"). A festa de formatura do ginasio Van Nuys — onde tambem estudaram Marilyn Monroe e Robert Redford — foi inteiramente coreografada por ela. Mas quando chegou a hora de entrar para a universidade Paula decidiu ser reporter.

Foi como estudante de jornalismo que ela conheceu os L.A. Lakers e decidiu tentar a sorte num teste para dançarina da torcida organizada. "Os anos com os Lakers foram muito divertidos", Paula diz. "Fiz bons amigos la." Entre estes amigos estavam os irmãos Jackson. Paula nem bem tinha acabado de trabalhar num clip dos rapazes, quando uma outra oferta surgiu — desta vez, de Janet Jackson.

Paula trabalhana durante tres anos com Janet, desenvolvendo toda a imagem de dançarina sobre a qual a jovem Jackson construiu sua carreira. Hoje, a amizade entre elas esta estremecida — afinal, as duas competem pelo mesmo segmento de mercado. Mas Paula ainda fala com carinho desta etapa de sua carreira: "Trabalhei muito duro com Janet mas, em compensação, minha associaçao com ela tornou-se visivel no mercado, principalmente com os videos.

A trajetoria do sucesso foi, em si, peculiar. "Straight Up" tornou-se um hit primeiro nos clubes e radios negras. So depois chegou ao grande publico, pegando carona no videoclip que, enfim, mostrava toda a dimensão do charme de Paula Abdul.

Depois disso, das muitas capas de revistas, da coreografia da festa do Oscar e do contrato milionario para fazer seu proprio tenis, o que mais Paula pode querer? "Cinema", ela diz, com os olhos brilhando. "Acho que é minha vocação natural." Paula acaba de assinar com a maior agencia empresarial de Hollywood e esta estudando vários scripts, mas ainda não achou o que esta procurando. "O que eu quero mesmo é um grande musical, como os que eu via quando era garota. Esse e meu maior sonho.

ANA MARIA BAHIANA

PAULA DE PERFIL

Local Data nasc.: San Fernando Valley, 19-6-62

Discografia: *Forever Your Girl*, 88 (dez milhões de cópias vendidas mundialmente, dos quais trinta mil no Brasil); *Shut Up And Dance*, só de remixes (dois milhões em todo o mundo, recém-lançado no Brasil)

Curriculo: A formação de Paula Abdul como bailarina inclui jazz, sapateado e balé clássico. Sua primeira atividade na área pop foi como coreógrafa dos Jackson. Depois trabalhou com Debbie Gibson, ZZ Top, Dolly Parton e durante três anos, com Janet Jackson. Este ano, trabalhou com Oliver Stone na cinebiografia dos Doors, instrumdo Val Kilmer, que faz o papel de Jim Morrison.

Creditos: Paula Abdul é a unica artista que já teve quatro singles tirados de seu LP de estréia no primeiro posto da parada americana: "Straight Up", "Cold Hearted", "The Way That You Love Me" e "Opposites Atract". *Forever Your Girl* permaneceu 53 semanas no *top ten* da Billboard. Paula ganhou quatro prémios no *MTV Video Awards* de 89 (nas categorias clip feminino, clip de dança, coreografia e edição), além de quatro prêmios *Billboard*. Recebeu um Emmy por uma coreografia no programa de TV *The Tracey Ullmann Show*.

TECHNO TRONIC

Dos estúdios da Bélgica aos shows em estádios, a trajetória do grupo que mudou a cara da dance music

Era uma vez um professor de filosofia, belga, que nas horas vagas tinha uma banda de garagem. Autodidata, começou a aprender mais sobre música. Estudou compositores eruditos como os estruturalistas Webern e Messiaen. Passou a compor trilhas sonoras para balés vanguardistas e instalações. Um belo dia, comprou um seqüenciador. O resto é história, porque o nome do rapaz é Jo Bogaert, 33 anos, cérebro do Technotronic, que ascendeu em um ano de grupelho iniciante do chamado new beat belga ao megaestrelato mundial, propulsionado pelo sucesso de "Pump Up The Jam" e "Get Up" e agora pela série de shows que abriu para a *Blond Ambition Tour* de Madonna.

Ame ou odeie o pegajoso e irritadíssimo beat do Technotronic, essa é uma história que merece ser conhecida. No mínimo, porque o grupo de Bogaert é o exemplo mais acabado do que rola na nova dance music — um gênero em expansão explosiva que tornou de assalto as rádios de todo o mundo e começa a influenciar o rock independente de guitarras. Não estranhe se em seis meses Morrissey estiver lançando suas músicas remixadas por algum DJ da moda.

O Technotronic é resultado de três eventos recentes. Primeiro, do avanço da tecnologia, que hoje permite que um cara de classe média que more na metade civilizada do mundo produza música no aconchego do seu lar, com um acabamento final excelente e por um custo baixíssimo — isso é que é democracia. Também é resultado do fortalecimento da máfia dos DJs, que hoje conta com uma organização central, o DMC, capaz de estourar um single simultaneamente nos quatro cantos do planeta.

Terceiro e importantíssimo: o Technotronic não tem face. É da natureza do pop que o público não dê a mínima para quem faz o som — o que interessa é o som em si e a imagem que ele transmite. O momento atual da dance music é o estágio final de um processo de corrosão do mito do "herói do rock n'roll", já detectável na supersegmentação do rock independente nos 80 e na ascensão ao estrelato de "caras comuns" como Phil Collins e Mark Knopfler. Tem a ver com o esvaziamento do conceito de personalidade forte na cultura pós-explosão informacional, em que o mercado musical ocupa lugar estratégico.

Alucinação? Provavelmente, mas o fato concreto é que o processo de produção musical virou de cabeça para baixo nos últimos anos (e com ele, a relação dos criadores com o mercado). Aprendam, rapazes — é assim que se faz. Primeiro você grava uma música no seu estudiozinho de fundo de quintal, usando uma bateria eletrônica e um *sampler*, uma geringonça eletrônica que estoca sons e através da qual você pode simular, digamos, a voz de Enrico Caruso cantando junto com a guitarra de Eddie Van Halen, com Michael Jackson fazendo os *backing vocals*. O mais legal é que o conhecimento musical para realizar essas operações é inexistente, zero. Qualquer um pode fazer música, hoje.

Fazer pronta, é só prensar uns dois mil compactos com uma capinha esperta e distribuir para os caras certos — a saber, imprensa descolada e DJs influentes. Se a música decolar nos clubes acaba chegando às rádios através dos ditos DJs. Mas aí aparece um problema: arranjar alguém para aparecer no videoclip e nas fotos promocionais.

Na foto principal, Ya Kid K, a verdadeira cantora do Technotronic; no destaque, Felly, que não canta nada e foi contratada para promover o grupo em vídeos e fotos

WEA

E (finalmente) voltamos ao Technotronic, que resolveu esse problema da mesma maneira que a maioria dos grupos de *dance* — contratando uma negra bonita para fazer de conta que é a cantora. Ou seja: Felly, a mulata de lábios azuis que você vê nos clips e fotos do Technotronic, não é a cantora, é só uma baiana na bonitinha. A verdadeira rapper-cantora é uma baixinha de dezessete anos que nasceu no Zaire e se chama Manoela Kamosi (ou Ya Kid K). Felly foi contratada para promover o grupo porque os pais de Manoela não permitiram que ela assinasse o contrato com o Technotronic, no início (mais escandalosos são os casos do Black Box e dos 49ers, duas armações italianas cujas front-girls, Katrine Quinol e Dawn Steel, dublam *samples* de, respectivamente, Loleatta Holloway e Aretha Franklin nos hits *Ride On Time* e *Touch Me*)

O homem por trás de tudo, Jo Bogaert, justificou o truque à revista *Musician*: "Coisas estranhas acontecem quando a house cai na estrada. Sou um garoto tímido e não vejo em que eu levaria meu estúdio para o palco ia melhorar a música. Com o som programado, você não precisa de uma banda. *Não é rock n roll*". Ya Kid K, que escreveu o rap de "Pump Up The Jam", é menos descarada: "O som do Technotronic é divertido, bom de ouvir, mas não é arte — é só uma moda passageira"

Que agora serve de trilha para outra moda, o filme *Teenage Mutant Ninja Turtles*. O Hi Tek 3, outro nome do Technotronic, gravou e estourou "Spin That Wheel (Turtles Get Real)".

E é aí que o círculo se fecha. Porque as Tartarugas Ninjas fizeram exatamente o mesmo caminho que o Technotronic. Começaram radicalmente independentes num gibi em preto-e-branco integralmente bancado por seus criadores, Kevin Eastman e Peter Laird.

Seis anos depois, as *turtles* têm um gibi mensal, uma série em desenho animado (passava na Xuxa) e agora um filme, com direção de Steve Barron (que fez o clip de "Billie Jean", de Michael Jackson), criaturas criadas por Jim "muppets" Henson e uma bilheteria que já passou os 150 milhões de dólares. Fora o licenciamento de produtos com as tartarugas, que já renderam mais 350 milhões. Eastman e Laird estão ricos.

E ambos são sinais de uma volta ao que realmente interessa, no reino do entretenimento: diversão escapista. Cultura pop tem que ser barata, descartável e de fácil digestão.

Hey DJ! Spin that wheel!

ANDRÉ FORASTIERI

USINA DE SONS

Se Jo Bogaert tivesse nascido no Brasil, não existiria o Technotronic — não porque não haja talento local, mas porque a maioria dos seus instrumentos não está disponível no mercado nacional, e contrabandistas cobram caro. Cheque o que Jo tem em seu estúdio.

Computador Atari	E-max, da E-mu Systems
Steinberg Pro-24	Prophet 5
Baixo Steinberg Q	Oberheim Matrix 6
Akai S-900 e S-1000	DX7 Yamaha

As músicas do Technotronic são gravadas diretamente num sistema DAT.

APORRINHAÇÕES

Tres coisas estao torrando o saco de qualquer cidadão com um mínimo de sensatez: os clones de **Technotronic**, o massacre da hip house e a italo-house chinfrim. É a velha história: boas idéias que provaram ser lucrativas, vampirizadas por uma legião de gente sem talento e sem imaginação. Veja o caso italiano: zilhões de discos com riffs alucinados de piano, samples vagabundos e obvios e nomes horrendos como **Plaza** e **Rosso Barroco**. De quem é a culpa? Do **Black Box**, **Touch of Soul**, **JT & The Big Family**, **Gino Latino** etc. Todos fizeram singles estupendos, que botaram a Italia no mapa da dance atual — mas arrastaram consigo oportunistas de todo tipo.

Ja o *hip house* foi uma ideia com ciclo de vida limitado: alguns discos bons (**Tyree**, **Fast Eddie**, **Beatmasters**, **Monie Love**) e chega. Não há mais o que tirar dali, senao vira redundante. Mas contem isto para **Mr. Lee**, que está enchendo os bolsos com "Pump That Body", o single mais oportunista do ano: um hip house que usa "Pump Up The Jam" como base.

Sem falar nos milhares de discos vindos da Belgica, todos devidamente technotromizados para as pistas. O pior é que muita gente está engolindo isso como se fosse o mais moderno em materia de dance. Não é. Fuja do óbvio.

KATRIN QUINOL (BLACK BOX)

BILLY RAE MARTIN (ELECTRIBE 101)

A TRIBO ELÉTRICA DE BILLY RAE MARTIN

O **Electribe 101** é um dos grupos mais interessantes da dance music. Saído de Birmingham, o Electribe (nome tirado de uma marca de geladeira russa) se destaca pelo poder vocal de **Billy Rae Martin**, branquissima, olhos claros e rosto de marmore. Quando ela canta, magnetiza os ouvidos, enquanto os arrepios vão subindo a espinha.

Billy e seus três parceiros de grupo (estes sempre no estilo "par de vasos") lançaram em 1988 seu primeiro single, "Talking With Myself", um house hipnotico e carregado de soul, que derrubou queixos e abriu bocas. **Marshall Jefferson** adorou. Tanto que, quando foi convidado a remixar a faixa, recusou, alegando que "ela era absolutamente perfeita do jeito que estava".

"Tell Me When The Fever Ended", de 1989, foi o segundo compacto. Mantendo a mesma força do anterior, conseguiu chegar ao 16.º lugar na parada inglesa de singles. Este ano, o Electribe 101 voltou à cena com o estonteante remix 90 de "Talking..." por Frankie Knuckles (ver BuZZ de julho). Brevemente aparecerá o primeiro LP, *Electribal Memories*. Promete — e muito.

ROBIN FAZ PANDEMÔNIO NA RÁDIO DE SP

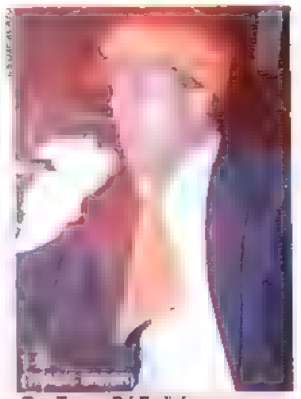
Mauro Borges (locução) e Renato Lopes (tecnica), do **Que Fim Levou Robin?**, estrearam seu programa **Pandemonio**, na Jovem Pan 2 de Sao Paulo. **Electribe 101**, **De La Soul**, **2 In A Room** e **Soul II Soul** foram alguns dos destaques do primeiro programa, um alivio para aqueles cansados de perguntar por dance music nas FMs paulistanas e receber um "Get Out Of My Case" do **Cappella** como resposta.

Ainda nas radios: a famosa "radio rock", paulistana, **89 FM**, entregou os pontos e caiu na real. Agora ela conta com quatro horas de dance music na programação diaria. Infelizmente, nada consta até agora sobre quem serao seus programadores, DJs e produtores.

Badinha, paulistano de 25 anos, comanda as pick-ups da Overnight, uma das maiores e mais bem-sucedidas casas de São Paulo — a ponto de deslocar muludoes de toda cidade para seu absurdo endereço na desprezada Mooca, na Zona Leste. Através da Stiletto, acaba de sair uma metanea de remixes com o nome da casa. O disco tem tudo para dar certo: sucessos de pista da Overnight, como **Front 242**, **Jam Tronik** e **Bomb the Bass**, remixados por Badinha no estudio Fantastic Voyage, do DJ Cuca.

Badinha ja remixou **Gilberto Gil** (com o DJ Grego) e **Lumi**, alem de montar alguns medleys para gravadoras. Recentemente abriu em Moema a sua loja de importados junto com um estudio de 24 canais (o primeiro no Brasil a pertencer a um DJ) e uma escola para DJs. Badinha pretende agora realizar projetos proprios em seu estudio. E esperar para ver.

Overnight: Rua Juvenal Parada, 35 — tel 92 1070
Loja do Badinha: R. Cotovia, 25



Top Ten — DJ Badinha
"The Last Song" **Trissomie 21**
"Cinema" **Ice MC**
"Sequence" **In Sotto Voice**
"Enjoy The Silence" **Depeche Mode**
"Vogue" **Madonna**
"Dirty Harry" **D. Bop Sound**
"Headhunter" **Front 242**
"Get Busy" **Mr. Lee**
"Propetria" **Signal Out 42**
"Klastche In Die Handle" **Tragic Error**

CLUB CLASSICS

"A Lover's Holiday" **Change** (1980), Mauro Malavasi é o patrono da dance music italiana. Atualmente envolvido com o **Black Box**, Malavasi produz desde a epoca da *disco*, quando inventou alguns grupos, entre eles o **Change**. Clone perfeito do Chic, o Change tinha um apelo pop irresistivel, produção impecável e participação de vocalistas soul americanos, como **Diva Gray** e **Luther Vandross**. Ganhou as paradas e pistas da epoca e durou quatro LPs, sendo que o ultimo, de 1985, foi produzido por **Jimmy Jam & Terry Lewis** (os mesmos de **Janet Jackson**). Mas foi com "A Lover's Holiday", do LP homonimo que se atingiu a perfeicao: uma *disco* sofisticada e contagiante, o melhor exemplo do talento de Malavasi.

Innocence "Natural Thing"
Já atravessei seus dez minutos de duração várias vezes, mas ainda não decidi se é para dançar ou para escutar chapado, deitado no sofá. Imagine: batida no tempo Soul II Soul, teclados e vocais cosmicos e um longo solo de guitarra do Pink Floyd sampleado (com permissão).

Adamski Killer
Agora com vocal e bastante superior ao anterior "N-R-G", este chegou ao primeiro lugar da parada inglesa. Uma faixa bizarra, mas com cara de coisa nova.

Tribal House "Motherland"
Uma faixa engajada na conscientização afro-americana. O que provocara simpatia, porem, é o fato de ser *garage house* de primeira.

Blaze "25 Years Later"
Após quatro anos de estrada, o tão aguardado *debut* do fundamental trio de Nova Jersey, inventor do garage house. Recomendadissimo.

Touch of Soul "We've Got Love"
As duas da manhã, ensonado, ouvi isso e foi melhor que um balde de cafe. Nao ha como questionar que e um dos melhores italo-house ja feitos. Tem ainda um otimo "Uh Yeah!" na voz de uma crianca de quatro anos.

Janet Jackson "Escapade"
Tirado do album *Rhythm Nation* e violentamente remixado por CJ Mackintosh e Dave Dorrell (ex Marrs). Funkissimo, fabuloso.

Cover Girls "All That Glitters Isn't Girls"
Miami ou latin house, seja la o que for, as vozinhas infanto-juvenis das Cover Girls nem chegam a incomodar sob a produção buldozer dos geniais Richard Cirules & David Cole.

2 In A Room "Do What You Like"
Sera este o ultimo vestigio, na face da Terra, de um hip house decente? O groove é irresistivel e o rap, pontuado com samples de Jimmy "Bo Home", é muito divertido.

Black Box "Fantasy" / **49ers** "49ers"
São completamente dispensáveis.

CAMILO G. ROCHA

CONEXÃO BRASIL

BELO HORIZONTE

Contrariando o ditado popular, aos poucos alguns santos da casa vão operando seus milagres. O registro mais recente cabe ao **Pouso Alto**. Tendo conseguido de vinte a trinta execuções diárias (!) para sua nova fita demo nas FMs locais (Terra, Ativa e Extra, entre outras), o grupo — Samuel (vocal, guitarra, letras), Dinho (bateria), Alexandre (baixo) e Henrique (teclados) — pode finalmente se impor diante da galera rocker das Alterosas. Na citada gravação, o maior êxito deu-se com a música "Capitão Marvel", um petardo que recebeu a providencial ajuda vocal de um velho admirador da banda: Arnaldo Brandão, do Hanoi Hanoi.

Em que pese a boa fase atual, a trajetória dos rapazes não tem sido um mar de rosas. Há três anos, eles amargaram uma estréia infeliz ao participar da coletânea *Rock Forte* (Plug/RCA), em que acabaram prejudicados pela mixagem e uma certa indefinição sonora. Mais vividos, repensaram os primeiros passos, deram uma guinada radical em termos de propostas — passando a destilar uma bem tramada mistura de pop, ska, reggae e outros ritmos caribenhos — e vem agora dispostos a repassar sua história a limpo através de um EP de lavra independente, provisoriamente batizado *Salto No Asfalto*.

Contando com a produção de Carlos Savalla (Paralamas do Sucesso, Legião Urbana), o disco deverá sair com seis faixas, trazendo como destaque uma parceria inédita com o letrista Tavinho Paes, "O Homem Que Sabia Demais", que não só reverencia a clássica obra de Hitchcock em seu título como também inclui uma citação do tema "Que Sera, Sera" no fraseado de guitarra e sampleagens das vozes de Doris Day e James Stewart — e uma releitura dub para "Shot In The Dark", de Henry Mancini, com direito a alterações na câmera de eco e tratamento adicional de metais e percussão.

Enquanto o trabalho não aporta nas lojas, Henrique aproveita para dar uma esticada até Miami, onde — dando mostras de polivalência — registra bases para o novíssimo LP do Sepultura. Como vêem, muita eletricidade no ar.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

PORTO ALEGRE

O pavio curto de Porto Alegre está soltando faísca. Com a liberação do preço da cerveja nos dias de show, os bares da cidade reabriram suas portas para o rock, transportando muitas bandas do sufoco dos estúdios para os palcos enfumaçados.

*Até os veteranos **Replicantes** saíram da toca, com nova formação — e um hit, "Os Cegos Também Vão Ao Cinema" — bem mais pop que o **Sangue Sujo**, novo grupo do vocalista debandado Wander Wildner. Os grupos do final dos 80 aproveitaram para matar a fome de palco. **Pere La Chaise**, **Smog Fog** e **Colarinhos Caóticos** abriram caminho para a primeira leva de alucinados da nova década. De algum porão úmido emergiu o **NSU**, com um rock furioso, digno dos Stooges. As cidades vizinhas (Novo Hamburgo e Esteio) supriram os ouvidos da moçada com a poética agressiva do **Zohrba** e o hard pop do **Van Gogh**, uma das grandes promessas. O **Ceres**, outro destaque da safra, vem com ficha completa na próxima edição. Confira.*

CARLOS EDUARDO MIRANDA

RIO DE JANEIRO

***Clash City Rockers**, mais que simples jam sessions, é um projeto itinerante de Philippe/Guyer/André X (vulgo Plebe Rude) que conta com diversos convidados especiais. Na primeira apresentação, em fevereiro deste ano, o trio foi acrescido de Dado Villa-Lobos (Legião Urbana) e Fernando Magalhães (Barão Vermelho). Da segunda vez, em maio, adentraram à lona do Circo Voador com George Israel (Kid Abelha) e Serginho Serra (Ultraje a Rigor). O repertório é o do Clash, tem "London's Burning", "Should I Stay Or Should I Go?", "Spanish Bombs" e outras treze canções, culminando com "Rock The Casbah". No bis, eles tocaram novidades da Plebe.*

CLAUDIO MENEZES

SÃO PAULO

*[illegible]ando uma banda surge do [illegible] e revela algumas virtudes, dá [illegible] tirar o chapéu. Vendo o primei[illegible] show do **Rucula** no Dama Xoc fi[illegible] surpreso. Lembrei do Gueto de [illegible]tação Primeira e do U2 de Boy [illegible] um bom crooner, bons instru[illegible]istas, bom repertório (nada co[illegible] mas regular) e covers bem [illegible]hidas ("Tercer Mundo", Secos [e] Molhados, e "All Along The [Wa]tchtower", Bob Dylan) a banda [illegible] prato cheio para as grava[doras] [illegible] pode vender muito disco, tocar [no] rádio numa boa e encher as [casas] noturnas. Pop é isso. Antes de [en]frentarem o palco pela primeira [vez] os músicos (Murilo Lima, voz [illegible] e harmônica; Paulo, guitarra [illegible] baixo; Júnior, bateria; e Cássia[no], teclados) gravaram dez músicas [illegible] transformá-las [illegible] sem problemas. O [illegible] chamar Bozo Barretti para a p[illegible] Faro, quem não sabe [illegible] Capital Inicial [illegible] [illegible] [illegible] os [illegible] mais que o Rucula mostra ao [illegible] e trocar aquela sonoridade [illegible] que já [illegible] entiado [illegible] e que nunca funcionou [illegible] de ninguém. Mas a culpa [n]ão é só do Bozo. O Rucula acei[to]u tudo e saiu perdendo, talvez [illegible] ou talvez porque [illegible] caminho [illegible] [illegible] ele o que [illegible].*

CELSO MASSON

Conheça a mais importante coleção do maior detetive de todos os tempos: Sherlock Holmes

A imortal criação de Conan Doyle, Sherlock Holmes, é hoje o personagem de uma vasta obra que faz parte da história da Literatura Inglesa

- Aventuras de Sherlock Holmes
- Cão dos Baskervilles (O)
- Histórias de Sherlock Holmes
- Memórias de Sherlock Holmes
- Signo dos Quatro (O)
- Último Adeus de Sherlock Holmes (O)
- Vale do Terror (O)
- Volta de Sherlock Holmes (A)
- Um Estudo em Vermelho

Você curte músicas em inglês?

Então é importante para você conhecer e possuir os mais completos dicionários de Inglês/Português- Português/Inglês, da Linha Michaelis.

- Michaelis Minidicionário Inglês-Português/Português-Inglês
- Michaelis - Pequeno Dicionário Inglês-Português/Português-Inglês

Estes livros podem ser adquiridos em todas as livrarias do Brasil ou nas **Livrarias Melhoramentos**
São Paulo — Largo do Arouche, 167 — tel.: (011) 220-5540
Rio de Janeiro — Rua Santo Afonso, 52 — Tijuca tel.: (021) 234-3592

Visite a BIENAL Internacional do Livro, no período de 25 de agosto a 2 de setembro de 1990, no Pavilhão da Bienal — Parque do Ibirapuera. Conheça, no estande 105 da Editora Melhoramentos, várias novidades eletrônicas ligadas ao livro.

100 ANOS
MELHORAMENTOS

ROBERT PLANT

Enquanto Alannah Myles — a canadense que chegou às paradas americanas e britânicas com o hit "Black Velvet" — entretem parte da platéia com seu *soft metal* requentado, prefiro ficar lá fora e observar o público. A idade média é de trinta anos. Onde estão os garotos de catorze anos que andam pelas ruas de Londres com suas camisetas do Led Zeppelin? Onde estão os cabelos compridos?

Apesar do fracasso de seu primeiro trabalho solo, *Shaken 'n' Stirred*, e dos LPs nunca muito bons que o seguiram, Robert "Percy" Plant deu a volta por cima e voltou com *Manic Nirvana*, um disco cheio de sexo e riffs à la Zeppelin. Embora não seja a obra-prima do ano, serviu para ressuscitar a carreira deste homem que ainda é um semideus: para mim, para a platéia do excabeludo, para a garotada que ouve Guns N'Roses. Com John Bonham morto, John Paul Jones saindo do esconderijo apenas para produzir uma pobre banda gótica (o Mission) e Jimmy Page engordando sem parar, Percy é o ex-Led Zeppelin mais em evidência no momento. Após as últimas aparições do grupo — no Live Aid, no aniversário da Atlantic Records e, duas semanas atrás, no casamento de Jason Bonham, que substituiu seu pai — fala-se muito na reunião "definitiva". É esperar para ver. Enquanto isso...

Quando, no escuro, ouvimos bateria e teclado introduzindo a levemente marroquina "Watching You", a emoção é quase insustentável. A banda vai entrando: Chris Blackwell na bateria, Charlie Jones no baixo, Doug Boyle na guitarra e Phil Johnstone nos teclados. Todos jovens, cabelos compridos. Mas ainda é Percy quem provoca gritos, com seu jeans preto, camiseta roxa, colete psicodélico e a velha pulseira de prata e turquesa.

O repertório é bem escolhido: a base é o novo LP e, é claro, Led Zeppelin. Para aqueles que não apreciam o trabalho solo de Plant, é preciso dizer que ao vivo as músicas sobrevivem admiravelmente bem às inevitáveis comparações. "Tie Dye On The Highway" é adequadamente pesada e "Liar's Dance", com apenas voz e violão, nos lembra que o primeiro amor de Plant sempre foi o blues. Em "Nirvana", ele aproveita para desenterrar seus famosos gritos orgasmicos. Do LP *Now And Zen* há "Dance On My Own", "Billy's Revenge" e "Tall Cool One". O guitarrista Doug Boyle decepciona especialmente quando tenta em vão imitar o estilo "guitarra nas coxas" de Page.

Seria injusto dizer que a qualidade do show está apenas nas músicas do Led Zeppelin, mas nada é melhor que a combinação de boa música e boas lembranças. A escolha é inesperada e bem distribuída ao longo do show. "No Quarter" é arrepiante. "Nobody's Fault But Mine", do LP *Presence*, uma surpresa. Para "Immigrant Song", as projeções no fundo do palco nos mostram cenas do filme *Rock E Rock Mesmo*. Plant vestido de viking, lutando para salvar sua princesa.

O bis final ultrapassa todas as expectativas: com violões e bandolins, "Going To California" quase nos leva às lágrimas. "The Hurting Kind", com seu riff que parece o de "Living Loving Maid" *(Led Zep II)* é a melhor música do LP novo.

Percy se despede com "Communication Breakdown". Os quadris e a voz que sacudiram o mundo estão em plena forma. Os Stones, Aerosmith e Who que saiam da frente... se o Led Zeppelin se reunir para a despedida final, o mundo nunca mais será o mesmo.

ANAMARIA G. DE LEMOS

ERIC CLAPTON

Usada para abrir a noite com o mesmo espírito de fanfarra heróica dos clarinetes que anunciam a entrada do toureiro na arena, a fita pré-gravada que precedeu a chegada de Eric Clapton ao palco do Forum deu o tom de tudo que estava certo e de tudo que estava errado com o espetáculo que ia começar: um meladíssimo arranjo de "Layla" tocado em teclados, que a platéia saudou com isqueiros acesos.

Este arranjo de "Layla" fez a ponte cruel que liga o Clapton purista do blues, supremo mestre branco das seis cordas, ao Clapton tímido, domesticado por orquestrações rastaqueras, kitsch, embaraçosas para a enormidade do talento de Eric. Estes dois Erics se digladiaram espiritualmente no decorrer de duas horas e quinze de um show esquizofrênico, que patinou descontrolado entre o sublime e o pueril.

Apoiado por uma banda desnecessariamente inchada — baixo, duas guitarras, dois teclados, bateria, percussão, duas backing vocalistas —, ocasionalmente Eric deslizava numa estilização excessiva, que comprometia a intimidade de determinadas canções ou trava delas qualquer aparência de humanidade. A forma exagerada enfraquecia mais ainda o conteúdo de canções mediocres, ocas, como a nova "No Alibis" e "Tearing Us Apart".

A versão-pastiche de "Layla" não era o único indicativo de que algo de errado estava acontecendo: duas páginas inteiras do programa oficial do show eram dedicadas à biografia do estilista italiano Gianni Versace, que desenha os temos de Clapton. Mesmo assim, Eric conseguiu reclamar sua reputação de maior bluseiro branco vivo.

Clapton revisitou todas as etapas de sua carreira. Foi do Cream ("White Room") ao Blind Faith ("Can't Find My Way Home", cujo vocal, antes cantado por Stevie Winwood, ficou a cargo do baixista Nathan East, aos Derek And The Dominoes ("Layla", enfim vingada depois da palhaçada da abertura — e da fase *comeback* ("You Look Wonderful Tonight") à ressurreição comercial dos anos 80 ("Pretending", a canção que abriu a noite).

"I Shot The Sheriff" foi a primeira grande surpresa do show, apresentada numa versão mais lenta, cadenciada mais para o blues do que para o reggae, com uma introdução que requisitou atenção máxima do público até que fosse reconhecida e saudada com aplausos. Infelizmente, os picos de excitação eram danificados por um sequenciamento de canções mal coordenado, que matava qualquer possibilidade de dinâmica e evolução dramática com pop songs pífias ou temas instrumentais nada inspirados. Quando parecia que o show estava tomando um ritmo desabalado, Eric pisava no freio e jogava o proverbial balde de água fria na platéia. Um antigo cavalo de batalha, "Cocaine", surgiu em uma postura tão conservadora, que os vocalistas faziam o sinal de "não" toda vez que cantavam um refrão recém-criado para o velho hit "Cocaine, That Dirty American". Novos tempos, *indeed*. Mas, o sangue do público voltava a ferver toda vez que Clapton sacava da manga um blues faiscante, como "Before You 'Cuse Me", de Bo Diddley.

O clímax perfeito, porém, acabou neutralizado. Na hora do bis, George Harrison e Clapton subiram ao palco para, sozinhos, se emaranharem num blues de Robert Johnson, um momento de rara poesia. Juntos — e com a banda — os dois engataram imediatamente "Sunshine Of Your Love". Na hora em que as portas do paraíso pareciam se escancarar, os dois desapareceram e a canção foi encerrada com um patético, contraproducente, ridículo... solo de bateria.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

YOUNG GODS

Young Gods é uma banda singular no rock industrial — tem um baterista que não só é de carne e osso como usa inúmeras variações rítmicas, usa teclados com parcimônia e flerta com a melodia. Os jovens deuses da Suíça podem não ter a fúria de um Ministry ou Skinny Puppy, mas cativam pela ousadia e atitude cool.

O tecladista Al Comet pilota um sintetizador Oberheim, que não emite sons próprios. Funciona como disparador de três samplers. As samples são basicamente de guitarras distorcidas (quem toca é o vocalista Franz Treichler). Às vezes surgem ruídos inesperados, como o de teclas de uma máquina de escrever, ou um acordeão que remete ao folclore francês.

A maior surpresa fica para a bateria, tocada por Use. Nada de elementos mínimos repetidos até cansar. Use imprime todo tipo de variação, com uma surpresa a cada música.

Aí fica clara a vantagem dos Young Gods sobre o Ministry, companheiro deles de gravadora. O Ministry usa ao vivo dois bateristas humanos, que se limitam a executar o que um computador rítmico faria com mais competência.

Franz Treichler (que depois do show explicou, em português OK, ter pai brasileiro e conhecer o interior paulista) é dono de uma voz cavernosa como poucas. Acertou o crítico David Anthony — da revista inglesa *International Musician* —, para quem o Young Gods é uma espécie de Birthday Party pós-silício.

Treichler ainda não tem a precisão poética de Nick Cave, mas faz coisas boas. Exemplo: "Foi a filha da morte que me mostrou seu corpo/mas foi a filha do promotor que roubou meu coração/foi a filha da morte que me mostrou seu corpo/mas foi o broto do boulevard que apunhalou meu coração". Se não chega a Baudelaire, também não baixa a Lulu Santos.

O destaque estranho fica para o spot de luz que Treichler prende paralelo ao pedestal do microfone, com o facho voltado para o próprio rosto. Durante o bis, ele o usou para iluminar a platéia. Foi o máximo de comunicação (para piorar, todas as letras são em francês). Ninguém entendeu nada, mas todo mundo adorou.

ÁLVARO PEREIRA JR.

GRACE JONES

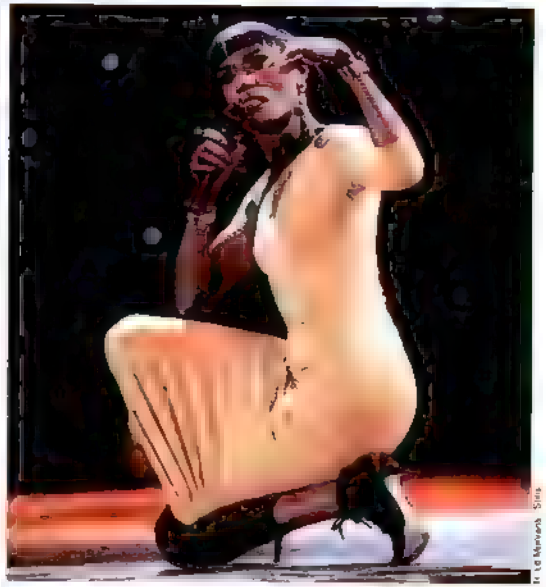
Há oito anos que Grace Jones não dava as caras na Inglaterra. Quando ela resolveu voltar, foi sob o formato de um mega-*rave*, com DJs especialmente convidados para o evento. Mas mega é o que não foi. A platéia, predominantemente gay, esperou pacientemente pela diva, famosa por seus atrasos. Mas, às onze horas, metade do público já havia partido em busca do último ônibus da noite.

Após horas de espera, uma voz grave anuncia: "Senhoras e senhores, Miss Grace Jones". A cortina sobe. O palco é simples, todo preto. À esquerda, uma poltrona giratória de couro negro; à direita, um palanque. E de lá de cima que ela começa, com "I'm Not Perfect", coberta dos pés à cabeça. Lá embaixo, um homem nu a espera. As luzes ficam roxas, Grace tira algumas peças de roupa e se senta para cantar "Slave To The Rhythm". Ao seu lado, seu "escravo" vai girando a cadeira.

Grace Jones ficou famosa com seu coquetel de reggae declamado e *chanson française*, por sua figura andrógina, por seu teatro. Hoje em dia, porém, ela não impressiona tanto. Aprendeu a cantar, e até tem uma voz boa, mas agora ela está procurando uma nova imagem, mais "feminina" e "vulnerável". Quanto ao teatro... seu famoso estilo foi reduzido a passinhos sem graça, e o drama foi substituído pelas roupas criadas por grandes designers. Sem nenhuma superprodução, sua performance com tapes fica fraca. Uma banda de verdade faz falta.

Miss Jones gosta de conversar com o público e aproveita toda oportunidade para fazê-lo: são declarações de amor e longos discursos sobre sexo, enquanto se acaricia numa tentativa de sedução. Alguns membros do público sobem ao palco, beijam Grace e a carregam no colo. Os melhores momentos do show são em nome da nostalgia, como "La Vie En Rose". "Pull Up To The Pumper", embora não seja nenhum clássico, ganha de longe do material do disco novo, *Bulletproof Heart*. O show parece durar horas. Quando Grace nos pergunta "estou cansando vocês?", a famosa turma do bar — os entediados — responde com um sonoro "sim!". Finalmente, ela canta algo sobre estar precisando de um homem e parte — nos deixando com a memória de um show mal-alinhavado e totalmente esquecível.

ANAMARIA G. DE LEMOS



ANGÉLICA

Querida Angelica:

Fui ver o show que você fez lá no Projeto SP. Tenho que confessar que nunca tinha visto um show seu, nem ouvi seus discos. Nem o *Clube da Criança* eu vejo, porque eu trabalho e não dá tempo e acho disso eu não gosto nem dos desenhos que você passa e nem do Jaspion.

Sabe por que eu fui ver o seu show? Porque eu sou jornalista. Escrevo sobre música e portanto todo mundo que vende muito e está se tornando uma estrela me interessa. Também fui ver seu show porque nunca entendi bem a razão do seu sucesso. Você é bonita, mas não é sexy. Não sabe cantar — sem ofensa, é só uma constatação. Tua voz é pequeninha, nas gravações ela é sempre multiplicada e melhorada. Eu ouço música para caramba, lembra, reconheço uma voz "tratada" quando ouço uma. Você também não dança muito bem — apesar de pular bastante como uma menininha. Aliás você fala como uma menininha, faz caretas e tudo como se fosse uma pivete.

Só que você não é, né? Você já tem dezesseis anos. O John Lennon já tinha uma banda com essa idade. O Sid Vicious entrou para os Sex Pistols com dezessete. Os caras do De La Soul são pouco mais velhos que isso. Eu quando tinha dezesseis anos matava aula com meus amigos repetentes para ouvir Clash. A coisa que eu mais queria era crescer e virar dono do meu nariz o mais rápido possível. Você parece encanar que é uma versão loirinha do Peter Pan, que não queria crescer.

Aí eu estava sentado lá no Projeto SP e fiquei pensando sobre você, o seu sucesso e o seu show. Não gostei muito dele, não, achei que faltava ritmo — pô, toda hora tinha interrupções para você falar com as crianças e cada vez que você ia trocar de roupa demorava um tempão e aquele cara vestido de macaco eu achei muito metido a gostosão e pentelho.

Do que mais eu não gostei? Daquele cenário com umas rosas vermelhas, era muito brega. A iluminação era legal e o playback estava bem gravado, as suas músicas são super bem arranjadas, bem pop, lembram um pouco o que aqueles produtores ingleses da Kylie Minogue fazem. Também gostei das suas roupas, principalmente daquele conjuntinho de couro preto e PVC, com as meias de rede e a capa vermelha. Só não entendi por que você escolheu ele para cantar aquela versão de "If", que eu não ouvia desde os tempos de bailinho. Também adorei aquele momento anos 50, você de peruca bolo-de-noiva e vestidinho branco (sem sutiã por baixo, notei, mas não se preocupe que não dava para ver nada).

O principal problema do teu show, das tuas músicas e da tua imagem, Angelica, é que esse charme infantil vai durar muito pouco. Em três anos você já vai ser uma mulherona, e não tem nada mais ridículo que gente grande fazendo beicinho. No seu estágio atual, você está fazendo sucesso porque é bem moderna — no sentido que o Milli Vanilli é moderno. Mas, se você quiser que sua carreira tenha um futuro, tem de tomar umas providências.

Primeiro, aprenda a cantar — se a Madonna conseguiu, você também consegue. É o que a Patrícia, que é esperta, fez. Dois, para de trabalhar tanto e vive um pouco. Sei que você tem uma empresa para sustentar, mas invista um pouco no teu lazer senão você acaba maluca e vazia que nem o Michael Jackson.

E três, que tal se apaixonar logo? Agarra o primeiro menino que te interessar e arrasta ele para a cama. Sem experiência não se chega a lugar nenhum — e isso inclui e exige experiência sexual e afetiva. Nada como apanhar um pouco da vida para perder o excesso de açúcar. Se você cair na vida, pode muito bem se tornar uma estrela pop de primeira. Se insistir em ser criança para sempre, vai passar como passam todas as modas. Boa sorte e beijos do teu possível futuro fã,

ANDRÉ FORASTIERI

AO VIVO

GUITAR HEROES

Semi-anônimos, eles enfiaram o rock'n'roll na tomada

Heróis da guitarra pertencem ao passado. Alguns "dinossauros" resistem bravamente, outros mal se equilibram nas patas, o que nos leva a pensar que aposentadoria para rockers deveria ser compulsória. Não existe na música pop atual o culto ao músico — nenhum desses meninos que se sacodem ao som do Front 242 está interessado em *quem* toca o *que* nesta maçarocada eletrônica. Esses "heroísmos" são coisa de meados dos anos 60 em diante; duraram até a explosão disco no final dos 70 e consequente diluição da música pop, atirando o músico de volta ao anonimato.

Nos anos 50 e até início dos 60, a situação era a mesma de hoje: o que contava era o vozerio do disco, ninguém ligava para o *who's who* da ficha técnica. Aliás, ela praticamente inexistia, raros eram os discos de rock que continham créditos. Hoje é necessário um trabalho de arqueologia para se saber quem estava na retaguarda, alicerçando essa música rebelde e vigorosa, pavimentando o caminho para todos os outros que vieram depois.

Mesmo nos primórdios do rock'n'roll, a guitarra era o instrumento capaz de transformar um disco ordinário num clássico. Entre os principais *guitar heroes* dos anos 50 estão:

Cliff Gallup Brilhou no primeiro LP de Gene Vincent e em seguida voltou para Norfolk, Virgínia, e nunca mais saiu de lá.

Scotty Moore Principal artífice da Sun Records na fase Elvis.

James Burton Construiu sólida reputação, passando pelas bandas de Bob Luman, Rick Nelson e Elvis.

Roy Buchanan Reemergiu nos anos 60/70, mas iniciou sua carreira anonimamente nos anos 50, acompanhando primeiro Dale Hawkins e depois Big Al Downing e Freddy Cannon.

Al Casey Creditado em quase todos os discos produzidos por Lee Hazlewood, foi particularmente brilhante acompanhando Sanford Clark.

Paul Burlison Do genial "Rock'n'Roll Trio", de Johnny Burnette.

O começo dos anos 60 viu surgir os últimos grandes guitarristas da primeira geração do rock'n'roll: **Dick Dale** e **Lonnie Mack**. Dale foi o responsável pelo mais inventivo trabalho de guitarra ligado à *surf music*, à frente dos Deltones; e Mack, depois de um enorme hit ("Memphis", em 63) desapareceu, ressurgindo apenas em 69, no selo Elektra, no qual prosseguiu uma carreira errática.

Joe Maphis Veterano músico country (utilizava uma estranha guitarra de dois braços, adotada nos anos 70 por alguns músicos) que tocou o mais puro rockabilly acompanhando The Collins Kids e — imitando o estilo de Carl Perkins — Rick Nelson, no primeiro LP de Rick.

Rolland James *Sideman* da Sun Records, chegou a gravar solo no selo Judd.

Johnny Meeks Acompanhou Gene Vincent durante anos, depois passou pelos Champs e nos anos 70 estava com o ex-Monkee Michael Nesmith.

Ainda, "pelo conjunto de obras", devemos lembrar **Merle Travis**, **Hank Garland**, **Chet Atkins**, **Grady Martin** e tantos outros que acompanharam Elvis, Brenda Lee, Wanda Jackson, Sonny James, Janis Martin e muitos outros rockers que gravaram em Nashville, onde moravam todos esses guitarristas talentosos.

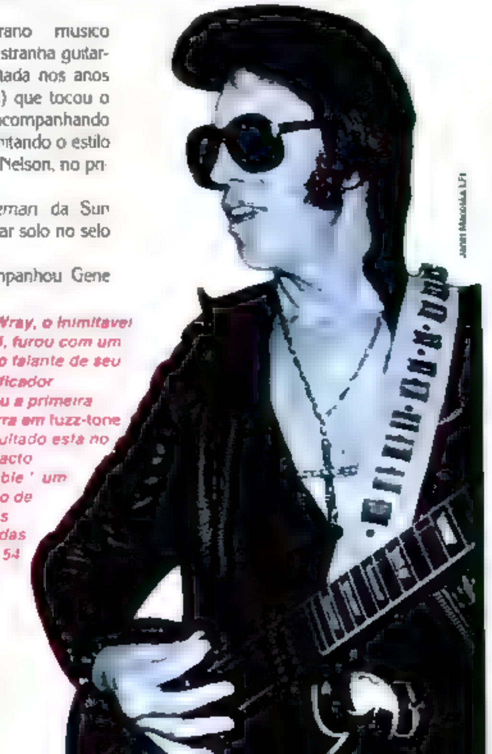
Tudo isso, incluindo os "dinossauros" que se recusam a deixar a cena, pertence ao passado. Às vezes, a gente acaricia a lembrança de um ou outro desses heróis. *Guitar heroes* são os principais responsáveis pela história do rock'n'roll — e também alguns dos seus mais interessantes personagens. Nesse contexto se encaixa o lendário **Link Wray**. Quem, empunhando uma guitarra, foi mais influente, original e intrigante do que aquele meio-índio?

RENE FERRI

DISCOGRAFIA SELECIONADA

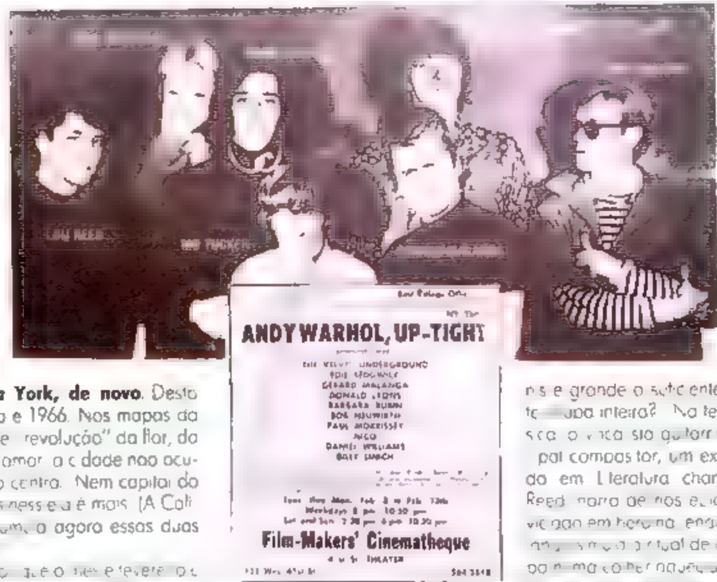
(LPs, todos lançamentos americanos, exceto quando indicado)

Buchanan, Roy *Susie Q*, Dale Hawkins (Chess)
Burlison, Paul *Tear It Up*, Johnny Burnette (Solid Smoke)
Burton, James *Ricky Nelson* (Imperial) *Ricky Sings Again* (Imperial)
Casey, Al *The Fool*, Sanford Clark (Ace/inglês) *Surfin Hootenanny* solo (Stacy)
Dale, Dick *King Of The Surf Guitar* (Capitol) *Summer's Surf* (Capitol)
Gallup, Cliff *Blue Jean Bop*, Gene Vincent (Capitol)
Mack, Lonnie *The Wham Of That Memphis Man!*, solo (Fraternity)
Maphis, Joe *Ricky* Ricky Nelson (Imperial) *Rockin Rollin*, The Collins Kids (Bear Family-alemão)
Meeks, Johnny *GV Rocks And The Blue Caps Roll* Gene Vincent (Capitol) *Go, Champs, Go*, The Champs (Challenge)
Moore, Scotty *The Sun Sessions* Elvis *Golden Records*, *50 000 000 Elvis Fans Can't Be Wrong*, Elvis Presley (RCA), *The Guitar That Changed The World* solo (Epic)
Wray, Link *Link Wray & The Wraymen*, solo (Epic), *Jack The Ripper* solo (Swan), *Rumble* solo (Line-alemão)



Link Wray, o inimitável: Em 54, furou com um lápis o falante de seu amplificador e criou a primeira guitarra em fuzz-tone. O resultado está no compacto "Rumble", um milhão de cópias vendidas entre 54 e 58

SONGS FOR DRELLA — LOU REED/JOHN CALE (SIRE/WEA) [illegible]



Nova York, de novo. Desta vez o ano é 1966. Nos mapas da [illegible] "revolução" da flor, da [illegible] amor, a cidade não ocupa [illegible] centro. Nem capital do [illegible] business e já é mais [illegible] agora essas duas [illegible]

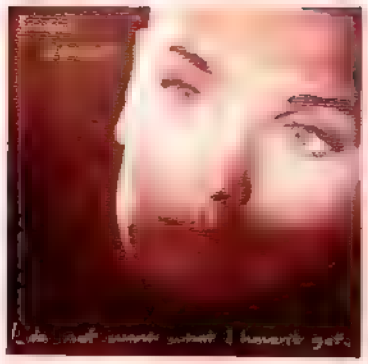
[illegible] endereço [illegible] oeste da rua 41 [illegible] Manhattan [illegible]. Para alguns trocados, você [illegible] presenciar um momento histórico [illegible] show Andy Warhol Up-Tight. Filmes e slides produzidos por Warhol e Paul Morrissey, iluminação de Danny Williams, os dançarinos Gerard Malanga e Edie Sedgwick [illegible] da troupe de Warhol, modelo [illegible] de Afrodite e Ophelia [illegible] not least, rock'n'roll com uma [illegible] sem anônima: o Velvet Underground. Algum tempo depois, Marshall McLuhan colocaria em seu [illegible] O Meio É A Mensagem o evento como pioneiro [illegible] multimídia, mas esta é a noite de estreia e nem você [illegible] ninguém sabe disso.

Depois do filme *Lupe*, estrelando Edie, claro —, a banda escondida no escuro, toda de preto e de óculos escuros, começa a afinar seus instrumentos. A tela [illegible] por uma versão [illegible] de *Vinyl* (a interpretação warholiana de *Laranja Mecânica*) e um segundo projetor joga no fundo do palco um *close* de Nico cantando "I'll Keep It With Mine". Outra modelo-atriz, esta uma valquíria dos Bálcãs, transferida da Europa com um filho de Alain Delon e uma ponta em *La Dolce Vita*. A música foi composta especialmente para ela por um admirador que já havia escrito "Just Like A Woman" inspirado em Ms. Sedgwick. A Nico de carne e osso é iluminada e inicia um duelo consigo mesma. Quando termina, o Velvet Underground des[illegible] sua adaptação para rock'n'roll hipereletrificado de *Vênus das Peles*, de Sacher Masoch. Os dançarinos entram em cena [illegible] como dois [illegible] chicotes e botas de couro preto. Uma garota (Barbara Rubin) percorre os corredores entre os espectadores fazendo perguntas como: "O seu pênis é grande o suficiente? [illegible] Ele [illegible]?" Na terceira música, o violinista, guitarrista e principal compositor, um ex-graduado em Literatura chamado Lou Reed, narra [illegible] de um viciado em heroína, enquanto Malanga [illegible] ritual de dissolver a [illegible] o braço [illegible] inacreditável. O show permaneceria em cartaz mais algumas semanas e [illegible] a costa [illegible] *The Exploding Plastic Inevitable*.

Durante seu ano e meio de vida, a parceria Andy Warhol/Velvets renderia apenas um LP, *The Velvet Underground & Nico*. [illegible] levantaria voo [illegible] Lou Reed [illegible] e dispensando primeiro Nico [illegible] grande [illegible] John Cale, que [illegible] America por uma bolsa de estudos com Aaron [illegible] Xenakis [illegible] LaMonte Young. [illegible] dos conflitos com Reed — rock'n'roll e literatura versus vanguarda erudita [illegible] a disputa pela exclusividade do amor de Nico — Cale também [illegible] colaborou com Terry Riley e Brian Eno, produziu *Horses*, de Patti Smith e os melhores discos de Nico nos anos 70.

[illegible] então, para o ano de 1988. Nova York onde [illegible] criador e propagandista máximo da chamada *pop art* está morto e — enquanto se acumulavam os [illegible] tributos e homenagens — Lou Reed, profundamente tocado, compõe "Dime Store Mystery". Nico também está morta. Andy [illegible] não se falavam há anos [illegible] ressentimentos mútuos. Lou e John [illegible] que a dupla enterra o [illegible] e compõe o verdadeiro tributo aquele que sua *troupe* de [illegible] chamava Drella (Drácula + Cinderela). Depois de [illegible] apresentações ao vivo, chegam em disco estas "Canções Para Drella", executadas apenas por [illegible] guitarras e Cale, teclados e violino. O envelope interno [illegible] letras [illegible] cada canção na cronologia de Andy Warhol. Se sua boca está [illegible] e seu cérebro [illegible] um pouco é pouco.

JOSÉ AUGUSTO LEMOS



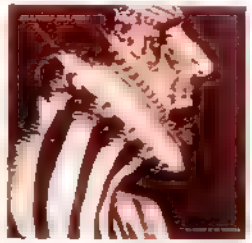
I DO NOT WANT WHAT I HAVEN'T GOT — Sinead O'Connor (Chrysalis/EMI-Odeon) ★★★★

A coisa mais interessante a respeito de Sinead O'Connor é sua capacidade de confundir — e ela sabe disso. Uma festa de signos diversos — extremo fragilidade e arrogância, delicadeza e dureza, intimismo e agressividade —, Sinead representa o contraponto perfeito para um mundo pop onde tudo é exatamente o que parece ser, entre a máscara e a face, existe rigorosamente nada. O fato dela ter emergido numa época em que a indústria do disco havia redescoberto "a mulher" — não importando que "ela" fosse, na verdade, um conjunto de indivíduos tão díspares quanto Michelle Shocked e Madonna, Tracy Chapman e Paula Abdul, Neneh Cherry e Bonnie Raitt — e apenas mais irônico e exemplar de sua situação. Quem mais individual que este admirável conjunto de peculiaridades de cabeça raspada como um punk e grandes olhos anzol como os de uma donzela medieval, dona de uma voz capaz de gritos lancinantes e sussurros sensuais na mesma respiração?

The Lion And The Cobra, seu LP de estréia, era um amplo exercício sobre o poder do individualidade, um disco freqüentemente angustiado e claustrofóbico em que ela purgava, ainda, os conflitos de uma das eras mais traumáticas na vida de qualquer ser humano: a adolescência. Era, contudo, de uma beleza violenta e refrescante, uma espécie de rombo único na parede de platitudes que a indústria tem tendência de construir quando não está insone.

I Do Not Want... é obra de diferente calibre. Sim, Sinead está mais controlada, quase mais pop. O fato do disco estar sendo maciçamente executado significa tanto que as rádios tornam-se eventualmente flexíveis quanto que Sinead transformou-se em algo mais digerível. No final das contas, o carro-chefe deste álbum é uma balada ao melhor estilo Motown ou Stax/Volt, composta por Prince para uma obscura banda de Minneapolis e repescada por Sinead: "Nothing Compares 2U".

No geral, este é um disco mais sereno e maduro, um disco não de grito, mas de reflexão. Guiado pela "prece da serenidade" que Sinéad entoa antes da primeira faixa — um disco sobre como mudar o possível, aceitar o impossível, e saber distinguir entre os dois. *Ana Maria Bahiana*



O SER E O NADA — Hanoi Hanoi (EMI-Odeon) ★★★

Annoy annoy, more likely. Apesar da bela capa e de ser a melhor gravação produção da banda, não há combustão. O que impede Amalaia Brandão de cortar no acetato o som que a gente imagina que eles têm na apresentação? O baixista foi peça-chave na última guinada interessante de Caetano Veloso. *Bicho* e *Muito* e suas parcerias — dentro e fora do Hanoi — revelam um compositor habilidoso e versátil. Não é muito difícil adivinhar em que curva derrapa nosso amigo. Com um pouco mais de humildade e menos pretensão, não baixaria um LP com um título de Sartre, passaria uma laca nas diarréias de "poesia de mimeografo das letras e — se pretende ser dançante! — contrataria um(a) cantor(a) decente e não transformaria ouro em chumbo, como no caso "Vicious"/"Vi Shows". Viu e não aprendeu. *J.A.L.*

DAYS OF OPEN HAND — Suzanne Vega (A&M PolyGram) ★★★

Ao substituir a suavidade folk de seus dois primeiros álbuns — produzidos em colaboração com Lenny Kaye — por um instrumental sofisticado e repleto de efeitos eletrônicos, Suzanne saiu-se mal. Os penadores a Joni Mitchell deram lugar a uma vã tentativa de soar como Laurie Anderson. E pior: as canções do LP — em boa parte compostas junto ao co-produtor Anton Sanko — mostram-se afogadas, numa maçaroca *techno* em que aparece até uma cópia do minimalista Philip Glass. *C.P.*

I'M BREATHLESS — Madonna (Warner) ★★★

Madonna [illegible] Bowie Cretinos [illegible] disco de [illegible] [illegible] Broadway [illegible] Sondheim — "Sooner Or Later" [illegible] More" e "What [illegible] — ex-[illegible] alguém [illegible] mas [illegible] com Warren Beatty [illegible] e Ginger Rogers [illegible] e techno americano [illegible] esmera-se [illegible] faixa de Madonna desde "Like A Virgin". *A.F.*

AFFECTION — Lisa Stansfield (Arista/MCA) ★★★

Lisa tem um daqueles semblantes de aparência doce e inocente, mas que podem esconder formidáveis travessuras. No entanto, este seu álbum de estréia demonstra exatamente o oposto. Lançada pelo Coldcut em "People Hold On" e aprovada por todo um esquema de promoção, era de se esperar um LP ao menos mais contundente. *Affection* é apenas uma ingênua coleção de pop/funk/soul/house, em que usa prova ter uma bela voz mas muito mal aproveitada. *C.G.P.*

EM CANTO PRA SUBIR — Margareth Menezes (Polygram) ★★★

A primeira visita deste LP promete ser pouco mais que um calço raso de ritmos latinos temperados por [illegible] [illegible] [illegible]

DISCOS

HALLELUJAH — Happy Mondays (Factory/WEA)

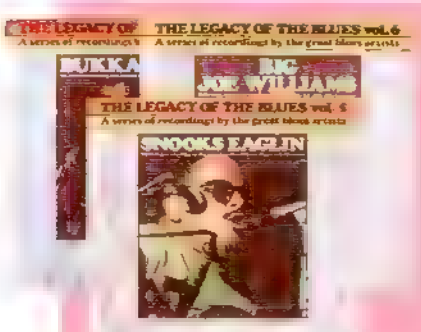
Para quem em 86 fazia uma linha espacial ao grupo A Certain Ratio chegar aos primeiros lugares das paradas e virar um dos xodós da imprensa britânica significou uma grande mudança. Este sexteto de Manchester percorreu um caminho inteligente, do *grey funk* ao *hips* psicodélicos que acabou desembocando numa sui generis disco music. Este mini-LP mostra o auge do grupo, que aqui consegue um resultado em que o insólito convive com o lugar comum. Graças a nuances sutis, sua música torna-se um dançante caleidoscópio em estilhaços, no qual as faixas "Rave On" e "W.F.L. (Think About The Future Mix," são as grandes destaques. *F.N.*

METAL GIANTS COLLECTION — Various (Metal Blade/WEA)

Com dez álbuns de grupos heavy e uma coletânea com [illegible] coleção, a [illegible] traz diversos [illegible] Mountain, Tommy Bolin, Blue Oyster Cult e Aerosmith, entre outros. Dentre os álbuns, as bandas mais atarracadas entre os *bangers* são a Kreator (*Extreme Aggression*) com seu *speed thrash* e o Quiet Riot (*Q.R.*) em sua nova formação. Nessa linha ainda se apresenta o Riot (*Thunder Steel*), também totalmente reformulado pelo guitarrista Mark Reale. Entre as novidades, nada de muito especial: o Fifth Angel (*Time Will Tell*) e os Pretty Maids (*Future World*) vêm com um estilo heavy tradicional e cheio de teclados; o Gothic Slam (*Just A Face In The Crowd*) apresenta um *speed metal* sem muita convicção, enquanto o Meliah Rage (*Kill To Survive*) prima pelos vocais agudos, guitarras e letras melosas. O Sanctuary (*Refuge Denied*) consegue melhores resultados em seu *thrash metal* sob a produção bem cuidada de Dave Mustaine (Megadeth), mas os duas maiores surpresas ficam por conta do Beau Nasty (*Dirty But Well Dressed*) e dos Dangerous Toys no LP homônimo: ambos fazem uma mescla de hard rock e pop muito eficiente, com influências que vão desde o Aerosmith até o Kiss. *L.R.*

MISSING... PRESUMED HAVING A GOOD TIME — The Notting Hillbillies (Vertigo/Phonogram)

Por mais que seus fãs o idolatrem ou o presenteiem com discos de ouro, Mark Knopfler mostra-se, nos últimos anos, incapaz de retomar a garra e o despojamento de seus primeiros trabalhos com os Dire Straits. Em busca desse encanto perdido em meio ao megaestrelato de seu grupo, ele surge com um "projeto paralelo", eminentemente acústico, ao lado do tecladista Guy Fletcher (também dos Straits e colaborador de Mark em trilhas sonoras) e dos guitarristas Steve Phillips e Brendan Croker. Decantadas as boas intenções de Knopfler, o resultado é extremamente pobre, com seus *hillbillies* limitando-se a arranjos folk-genéricos e sem inspiração, com sombras de Johnny Cash, Elvis e J.J. Cale. Bem que Mark tentou sair de seu marasmo habitual, mas presumo que foi em vão. *C.P.*



THE LEGACY OF THE BLUES: VOL. 4 — Bukka White/VOL. 5 — Snooks Eaglin/VOL. 6 — Big Joe Williams (Sonet/WEA)

A continuação desta série dedicada ao blues, cujos três primeiros volumes (Champion Jack Dupree, Memphis Slim e Lightnin' Hopkins) foram editados por aqui no ano passado, merece um destaque especial. Mesmo com a crescente onda de lançamentos de blues no mercado brasileiro, que veio a reboque do *boom* das dos festivais, é impossível deixar de ressaltar a importância destas gravações (doze álbuns no total) selecionadas e/ou produzidas pelo inglês Sam Charters e lançadas originalmente pelo selo Sonet.

O quarto e o sexto volumes da coleção vão fundo no blues acústico do delta do Mississippi, trazendo dois grandes expoentes do estilo. Bukka White é o primo mais velho e grande influenciador de B.B. King e representado pelo primeiro álbum que gravou, 63. Foi esse LP que popularizou sua voz rasgada e o toque pesado de violão, um estilo desenvolvido em meados da década de 30 e que legou canções memoráveis como "Snake Em On Down", "Aberdeen Mississippi Blues" e "Parchman Farm Blues", todas presentes no LP. O álbum dedicado a Big Joe Williams foi gravado em 72 e retratou fielmente o estilo rude baseado no *bottleneck* — uma das principais características do *bluesman* — em doze composições próprias, dentre elas "Lone Wolf" e "Levee Break Blues". Dois discos impregnados da mais pura essência do delta.

Mas a maior sensação desta fornada está no quinto volume da coleção — ou mais precisamente em New Orleans. Foi lá que nasceu (em 36) e se criou Snooks Eaglin. Apesar de usar os mesmos elementos — violão e voz — de tantos outros *bluesmen*, Snooks insere várias vertentes musicais ao seu modo de interpretar. O resultado é uma combinação peculiaríssima de *beats*, na qual se fundem formas embrionárias de vários estilos. Desta maneira, canções como "Boogie Children" e "Drive It Home" rescendem a *soul music*, bem como as baladas "That Same Old Train" e "Young Boy Blues". Igualmente deliciosas são suas *mesures* pelo jazz ("Tomorrow Night") e melodias flamencas ("Funky Malaguena"). Mas o máximo mesmo é ouvir a famigerada "Lucille" — gravada e regravada por n grupos ao longo da história do rock — em sua versão original.

Celso Pucci

LEO E UMA FESTA — Léo Jaime (CBS)

Ou Leo Jaime engambela todo mundo reempacotando o jovem guarda para a garotada de hoje, ou o cérebro dele é mesmo o baba que suas canções sugerem. Espero que não ninguém mereça ser tão cruel e superficial. Mas é perda de tempo, o fato é que Leo Jaime é um monumento aos dias que passam. O cara não sabe cantar, não sabe tocar, não sabe compor e é feio como um urubuzinho de pelúcia com síndrome de envelhecimento precoce. E, apesar disso, é um "astro" com direito a horrendos discos de remixes como esse. *A.F.*

BLUE SKY MINING — Midnight Oil (CBS)

Ao contrário da retomada do panorama dos autoproclamados "popstars" politizados (Paul McCartney e Sting, por exemplo), membros do Midnight Oil sabem do que estão falando quando abordam em suas canções temas como a asbestose ("Blue Sky Mine"), os contrastes sociais ("Bedlam Bridge"), o colonialismo ("River Runs Red"), ou a devastação ambiental engendrada pela industrialização ("Mountains Burma"). E o melhor de tudo é que esse engajamento jamais implica em enfadonhos hinos chatos, sim num pop-rock raçudo e visceralmente emocional. Neste novo trabalho, a entrada do baixista "Bones" Hillman em nada alterou a sonoridade lapidada desde o LP *Diesel And Dust*, com suas dez faixas presentes guardando [illegible] a expressividade. *A.G.C.D.*

STAY SICK! — The Cramps (Emi Odeon)

Pílulas de antetanho! Garotas de biquíni com metralhadoras! Todas as mulheres são mais! Viagem ao centro de uma mina. Vale tudo!!

Não, não é um ataque da tradicional esquizofrenia paulistana de inverno. São só os títulos de seis das treze músicas do novo disco dos Cramps, o monstruoso quarteto californiano que inventou o *psychobilly* e que finalmente estreia no Brasil depois de doze anos sendo ignorado pelos perdulários cabeças-ocas que controlam as gravadoras deste país.

Os Cramps eram um grupelho obscuro até 80, quando apareceram no vídeo *Urgh! A Musical War*. Quem viu, não esqueceu: o vocalista Lux Interior parecia um Iggy Pop possuído por Belzebu, lambia e cuspia no microfone, rolava no chão, suava como um suíno. O som era puro rockabilly/rock de garagem sessentista só que encharcado de ácido e triturado num moedor de carne, que é a fórmula musical de tudo que os Cramps fez e faz. As letras são baixarias alucinatórias inspiradas pelo sumo do lixo classe Z da cultura *trash* americana. Se você já viu *Massacre Da Serra Elétrica*, qualquer filme psicodélico do Roger Corman tipo *The Trip* ou aquele vídeo pornô *New Wave Hookers*, sabe perfeitamente do que se trata.

Stay Sick! é o disco de maior sucesso na carreira dos Cramps (o que explica por que ele foi lançado aqui). O single "Bikini Girls With Machine Guns" chegou a entrar na parada oficial inglesa, o que nunca tinha acontecido antes. Até esse ano, o maior hit dos Cramps tinha sido a explícita "Can Your Pussy Do The Dog?" do sexualmente ensandecido LP *A Date With Elvis*, de 86.

Como *Elvis*, este *Stay Sick* mostra um Cramps menos barulhento que em seus primórdios: o evangelho do *noise* cramponiano é "TV Set", do disco *Songs The Lord Taught Us* (80). Na prática isso quer dizer que dá para diferenciar sem esforço uma faixa da outra, entre as nuvens de *feedback* pandas por "Poison" Ivy Rorschach, mulher de Lux Interior, produtora de *Stay Sick!* e melhor guitarrista incompetente do universo. Clássicos instantâneos como Nescafé "God Damn Rock'n Roll", "Bop Pills" e "The Creature From The Black Leather Lagoon". Os Cramps continuam doentes e do cacete. Se estiver com a grana em cima, compre dois.

Andre Forastieri

COLOUR — The Christians (Island/PolyGram)

De forma similar, mas bem menos convincente que grupos como os Fine Young Cannibals e Simply Red, o trio britânico The Christians requenta em sua marmita musical bocados de soul e r&b dos anos 50, numa combinação palatável mas carente de qualquer inventividade. Foi assim [illegible] seu álbum de estreia (87) e [illegible] neste segundo LP, *Colour*. Esta postura é agravada pelo fato de o trio concentrar o repertório nas baladas. O resultado são nove composições [illegible], devidamente maquiadas por uma produção requintada e vários músicos convidados. Ou seja, adereços demais para disfarçar tão pouco conteúdo. *C.P.*

HEROIS DE RESISTÊNCIA — Heróis Da Resistência (EMI)

Como o nome dos Engenheiros [illegible] parece ser a intenção dos Heróis com este LP. O caminho para "chegar lá" é simples melodias insistidas com refrões repetidos exaustivamente, guitarras de hard rock, pitadas de folk e um pouco do açúcar das babas melosas que Leoni trouxe do Kid Abelha. De entrada, "Greenpeace" com um violão solo eruditoide e "Digo Não", a música de trabalho. Pela lógica do grupo tem de dar certo. Veremos. *C.M.*

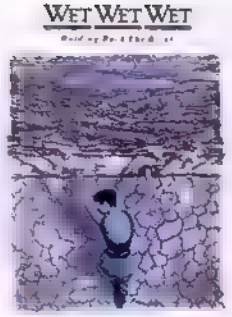
HEROIS TRÊS — Heróis Da Resistência (EMI)

DIRTY MIND — Prince (Warner/WEA)/**MORRISON HOTEL — The Doors** [illegible]/**STEPPENWOLF LIVE — Steppenwolf** [illegible]/**BARE TREES — Fleetwood Mac** (Reprise/WEA)

Já saíram mais quatro volumes da série *Discoteca Básica*, da WEA. Entre as presenças indiscutíveis [illegible] veja-se Prince e Doors — a escolha mais correta recaiu sobre o primeiro, *Dirty Mind* (80), terceiro álbum de Prince, cristalizando as diretrizes do pop/soul/funk mirim e lascivo com que ele conquistou o mundo por todas uma década (para maiores informações, vide *Discoteca Básica* B ZZ 48). Menos sorte tiveram os Doors, com a reedição de *Morrison Hotel* (70). Apesar de contar com algumas músicas memoráveis ("Roadhouse Blues", "Waiting For The Sun", "Indian Summer"), o LP está longe de se inscrever no melhor da produção do grupo. Os dois álbuns restantes não são nada essenciais. O melhor deles — o duplo *Steppenwolf Live* (70) traz o quinteto ao vivo sob John Kay revisando ao vivo os hits de seus cinco primeiros LPs, um resumo da fase áurea da banda. Quanto ao Fleetwood Mac, supondo-se que merecesse participar desta série deveria ser com um dos álbuns de fase inglesa (liderada pelo guitarrista Peter Green). A edição do insosso *Bare Trees* (72) só reafirma a falta de critérios dos responsáveis por esta coleção. *C.P.*

O melhor desta leva de discos é o segundo LP da banda escocesa **Wet Wet Wet**, que transita entre o pop e o soul com desenvoltura e elegância. Apesar do pompo de algumas faixas, **HOLDING BACK THE RIVER** (Mercury/PolyGram) é boa pedida. O que não mata, engorda... ou fortalece, garante **Bruce Willis** em seu segundo álbum, **IF IT DON'T KILL YOU, IT JUST MAKES YOU STRONGER** (Motown/BMG-Ariola). E não é que o "rato" conseguiu fazer um disco bem interessante de r&b? Razoável é o máximo que se pode dizer de **MLAH** (Sire/WEA), álbum de estréia do grupo **Les Negresses Vertes**. O tão esperado cruzamento de folk francês e ritmos dançantes fica restrito a duas boas faixas. O resto são canções folclóricas francesas com toques exóticos. O que deu nos americanos, para premiar o veterano **Bonnie Raitt** com quatro Grammies? Certo, ela tem uma boa voz e um toque pessoal de guitarra, mas seu **NICK OF TIME** (Capitol/EMI-Odeon) é um dos discos pop mais convencionais dos últimos tempos. Mistério... Outra veterana que volta à cena é **Carly Simon**, a preferida das FMs "classe A". **MY ROMANCE** (Arista/BMG-Ariola) é intragável, uma verdadeira baba-de-moça. Açúcar é o que não falta também no novo investido de **Olivia Newton-John**. A ex-namoradinho do Travolta atoca agora de Xuxa, com direito a "baixinhas" na capa e tudo mais. **WARM AND TENDER** (Mercury/PolyGram) é uma coleção de canções de ninar para "pais e filhos". Se o objetivo era induzir ao sono, ele foi plenamente alcançado... Mas talvez seu filho prefira algo mais brasileiro! Nesse caso, você pode optar por **MAIA**, primeiro disco solo do baixista **Arthur Maia**, ou **DOIS**, com **Nelson Marques** (violão) e **Ricardo** [illegible] (piano). Dois soníferos instantâneos, lançados pela gravadora Som Da Gente e preparados com doses iguais de virtuosismo e apatia. É claro que um saxofone pode surtir o mesmo efeito — especialmente se for o de **Nivaldo Ornelas** no LP **COLHEITA DO TRIGO** (Chorus/Som Livre). O instrumento é bem melhor aproveitado por **Mauro Senise** em **JADE** (Visom), um interessante mergulho nas possibilidades do sopro. Ainda no terreno instrumental, **Toninho Horta** convocou músicos brasileiros e americanos (inclusive o guitarrista Pat Metheny) para gravar seu **MOONSTONE** (Verve/PolyGram). O resultado é um LP morno, com indisfarçável sotaque mineiro. Por fim, o lixo do lixo: os metaleiros frustrados do **Heart** prosseguem com seu heavy de arena grudento em **BRIGADE** (Capitol/EMI-Odeon), e o rock nacional ganha (?) mais um pretendente a uma vaga na sua Divisão Especial: a banda paulista **Civil SOMBRAS NA CALÇADA**, lançado no ano passado pelo selo independente Esfinge, ressurge agora pelo PolyGram. O som pode até ter melhorado, mas este segundo LP da banda — produzido por Bozo Barretti, da Capital Inicial — continua parecendo um compêndio dos piores momentos do rock brasileiro. Nesse sentido, é até didático. O próximo, por favor!

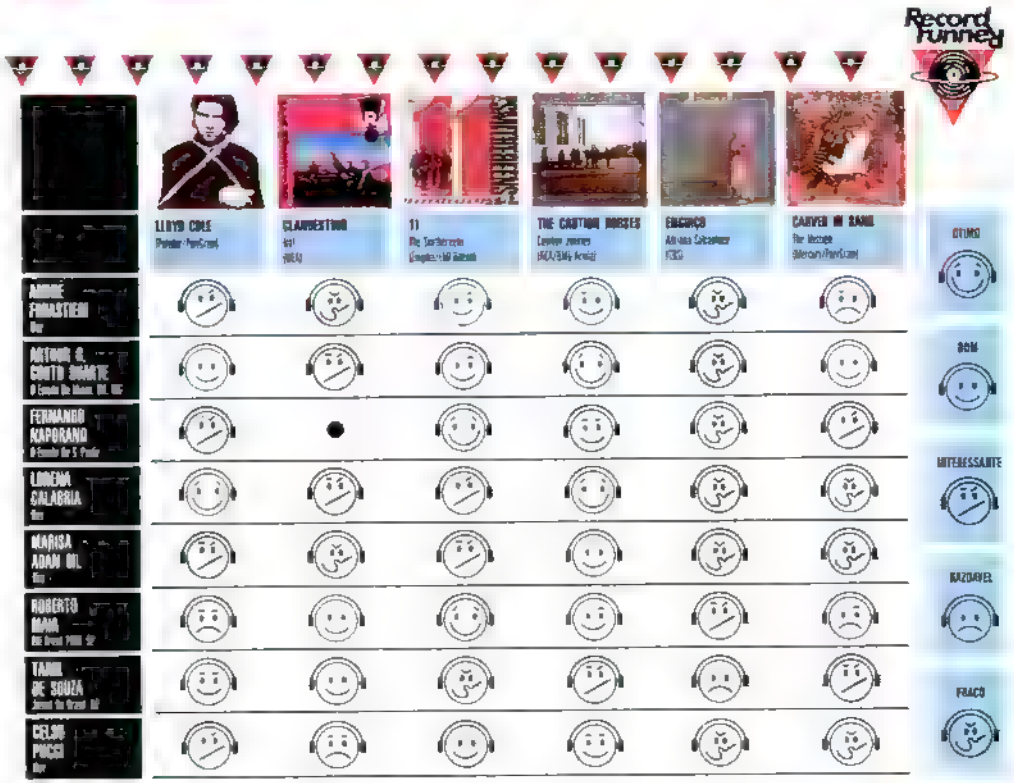
MARISA ADÁN GIL



GRAVADORAS INDEPENDENTES [illegible] R. Lopes Cançado 41, Rio de Janeiro (RJ). 1021; 285 3394. K. Soares Cabral 41, Rio de Janeiro (RJ). [illegible] 62 7911/ Visom

Com um catálogo de mais de uma centena de títulos de jazz e música clássica, a gravadora portuguesa Movieplay (Av. São João, 834, São Paulo, tel. 011-288 0445) decidiu investir incisivamente em blues, rock'n'roll e soul. De início, foram editados dezoito CDs do selo Roots, focalizando alguns dos luminares desses gêneros. A primazia cabe ao blues, com treze volumes muito especiais. Há para todos os gostos. *bluesmen* lendários (**DON'T START ME TALK IN**, de **Sonny Boy Williamson**, **WALKING THE BLUES**, de [illegible] **Lee Hooker**, **LIVE**, de **Muddy Waters**, **SMOKESTACK LIGHTNIN'** e **THE LONDON SESSIONS**, de **Howlin' Wolf**), *blues singers* (**MOTHER OF THE BLUES**, de **Bessie Smith** e **TELL MAMA**, de **Etta James**,, guitarristas (**STONE CRAZY**, de **Buddy Guy** e [illegible], de [illegible]), pianistas (**WORKED LIFE**, de **Memphis Slim** e **THIS IS THE BLUES**, de **Otis Spann**), um gaitista (**BLUES WITH A FEELING**, de **Little Walter**) e uma boa coletânea (**THE BLUES VOL. I**, com **Big Bill Bronzy**, **Elmore James**, **Albert King** e outros). O rock'n'roll também está devidamente representado com **I'M A MAN**, de **Bo Diddley** e [illegible] de **Chuck Berry**, enquanto o soul comparece em outros três lançamentos [illegible], com [illegible], **SINCERELY**, dos **Moonglows** e [illegible] dos [illegible].

CELSO PUCCI



Em seu primeiro álbum solo após o "aposentadoria por tempo indeterminado" do X, o guitarrista e vocalista **John Doe** se distancia da ironia corrosiva de sua antiga banda para dedicar-se a canções de amor. **MEET** (DGC) soa mais como um disco country virado do avesso do que como a enxurrada de adrenalina que transbordava dos álbuns do X. Não pense, contudo, que ele foi "domado". Entre os integrantes reunidos para o LP está o guitarrista Richard Lloyd (ex-Television) e Exene Cervenka — também do X — é co-autora de uma das faixas, "Take 52".

Se o Poison tivesse sido convocado para substituir o vocalista Brian Johnson no AC/DC, o resultado seria muito parecido com o do LP de estréia da banda anglo-americana **Johnny Crash**. Para quem gosta de metal com humor sacana, **NEIGHBOURHOOD THREAT** (WTG/CBS) é um prato cheio de bravatas pós-adolescência ("Hey Kid"), sexismo ("No Bones About It") e devassidão ("Halfway To Heaven", com seu curioso parentesco com "Highway To Hell", do AC/DC).

De Los Angeles a Miami, surgem os primeiros ecos do rap com sotaque — e ponto-de-vista — latino. Saído da zona leste de LA, reduto histórico da comunidade hispânica, **Kid Frost** estréia com o álbum **HISPANIC CAUSING PANIC** (Virgin). O disco apresenta também outros polaróides urbanas de Frost, feitas com um tanto da violência de Ice T (não por coincidência, um dos rappers para quem ele abriu shows no ano passado).

JOSE EMILIO RONDEAU

Loop e o barulho no fim do túnel. Desde 87, este trio londrino rouba capas da imprensa britânica. Para a história resumida: vide *Eternal*, a melhor coletânea de singles dos últimos tempos. Seu novo álbum chama-se **A GILDED ETERNITY** (Situation Two). A versão inglesa traz dois singles em 45 rpm, a americana é um LP simples. O som: um motor de moto agonizando num pântano. O peso de uma carcaça de metal de encontro aos dois acordes da era punk. Guitarras sobre letras metafísicas em tom de prece. Psicodelismo com o P maiúsculo de um palavrão. Como os Stooges e MC 5, o barulho no fim do túnel do tempo.

MARCEL PLASSE

Originários de Bristol, os **Flatmates** surgiram durante a conturbada *class of '86* e estão entre as mais injustiçadas bandas dos últimos quatro anos. Eles anteciparam o *regressive rock*, o *blonde fever*, o estilo *anorak* e chegaram mesmo a ser mais expressivos que os consagrados Primitives e Darling Buds. Gravaram uma porrada de singles, mas somente em maio passado foi lançado o seu primeiro LP, na verdade uma antologia de catorze faixas, ironicamente intitulada **LOVE AND DEATH** (Subway). Frages vocais femininos, guitarras *noisy* e ácidas cores de rock, envoltas num peculiarissimo senso pop.

Entre os mais diversos grupos que, nos anos 80, sofreram influências da *country music*, o **Thin White Rope** é um dos mais contundentes. Seu mais recente LP — **SACK FULL OF SILVER** (Frontier) — é uma obra-prima. Em meio a ricas melodias, harmonias originais e uma alomentada aura de baladas e idiossincráticos acepções de rock, cintilam as fantásticas cordas vocais de Guy Kyser, que soam com a mesma emoção dos melhores lagrimas derramadas por John Kay pelo Steppenwolf.

FERNANDO NAPORANO

Stamp
CAMISETAS · BLUSÕES · JAQUETAS
CAMISETAS MANGA CURTA E LONGA
BLUSÃO DE MOLETON
JAQUETA DE MOLETON ESTAMPADA NAS COSTAS
PREÇOS
MANGA CURTA (MC) CR$ 1.400,00
MANGA LONGA (ML) CR$ 1.800,00
BLUSÃO (MT) CR$ 2.600,00
JAQUETA (JQ) CR$ 3.600,00
VÁLIDOS ATÉ A PRÓXIMA BUZZ

PARADA BIZZ

SINÉAD O'CONNOR

© EMI-Odeon

LEITORES

1. *As Quatro Estações* (1) — **Legião Urbana** — EMI-Odeon
2. *Wild!* (N) — **Erasure** — WEA
3. *Õ Blésq Blom* (4) — **Titãs** — WEA
4. *Big Bang* (3) — **Paralamas Do Sucesso** — EMI-Odeon
5. *The Album* (5 — **Technotronic** — PolyGram
6. *Po. Qué ?* (N) — **Ultraje a Rigor** — WEA
7. *A Night To Remember* (9 — **Cyndi Lauper** — CBS
8. *The Stone Roses* (5 — **Stone Roses** — BMG-Ariola
9. *Um Contrato Com Deus* (N) — **Ed Motta** — WEA
10. *Todos Os Lados* (10) — **Capital Inicial** — PolyGram
11. *Violator* (N — **Depeche Mode** — WEA
12. *Here Today, Tomorrow Next Week* (N — **Sugarcubes** — WEA
13. *I Do Not Want What I Haven't Got* (N — **Sinead O'Connor** — EMI-Odeon
14. *Shut Up And Dance* (N — **Paula Abdul** — EMI-Odeon
15. *Amor Imediato* (2 — **Engenheiros Do Hawaii** — BMG-Ariola
16. *Club Classics Vol. 1* (R) — **Soul II Soul** — EMI-Odeon
17. *Presto* (N — **Rush** — WEA
18. *Master Of Puppets* (N — **Metallica** — PolyGram
19. *Automatic* (N) — **Jesus & Mary Chain** — WEA
20. *L'Eau Rouge* (N) — **Young Gods** — Stiletto

Lojas consultadas: Câmbio Negro e Cogumelo Discos (Belo Horizonte), Pop Som e Casa Coelho (Porto Alegre), Modern Sound e Sub Som (Rio de Janeiro), Baratos Afins, Musical Box e Woodstock Discos (São Paulo)

LOJAS

1. *I Do Not Want What I Haven't Got* (N) — **Sinead O'Connor** — EMI-Odeon
2. *Presto* (N) — **Rush** — WEA
3. *The Album* (5) — **Technotronic** — PolyGram
4. *ChangesBowie* (1) — **David Bowie** — EMI-Odeon
5. *Skid Row* (5 — **Skid Row** — WEA
6. *The Stone Roses* (7) — **Stone Roses** — BMG-Ariola
7. *Master Of Puppets* (N — **Metallica** — PolyGram
8. *Slip Of The Tongue* (2 — **Whitesnake** — EMI-Odeon
9. *I'm Breathless* (N) — **Madonna** — WEA
10. *Space Oddity* (N) — **David Bowie** — EMI-Odeon
11. *As Quatro Estações* (3 — **Legião Urbana** — EMI-Odeon
12. [illegible] (N) — **Joy Division** — Stiletto
13. *Plural* (8) — **Gal Costa** — BMG-Ariola
14. *Wild!* (7) — **Erasure** — WEA
15. *Reading, Writing And Arithmetic* (9 — **Sundays** — Stiletto
16. *Lloyd Cole* (8) — **Lloyd Cole** — PolyGram
17. *Benção Bossa Nova* (N — **Leila Pinheiro** — PolyGram
18. *Dark At The End Of The Tunnel* (N) — **Oingo Boingo** — WEA
19. *Um Contrato Com Deus* (R) — **Ed Motta** — WEA
20. *G N' R Lies* (12 — **Guns N' Roses** — WEA

LPs (EUA)

1. (2) *Please Hammer Don't Hurt 'em* — **MC Hammer** (Capitol)
2. (1) *I Do Not Want What I ...* — **Sinead O'Connor** (Ensign)
3. (N) *Pretty Woman* — **Trilha Sonora** (EMI)
4. (5) *Brigade* — **Heart** (Capitol)
5. (9) *Poison* — **Bell Biv DeVoe** (MCA)
6. (N) *I'm Breathless* — **Madonna** (Sire)
7. (N) *Fear Of A Black Planet* — **Public Enemy** (Def Jam)
8. (N) *Shut Up And Dance* — **Paula Abdul** (Virgin)
9. (8) *Violator* — **Depeche Mode** (Sire)
10. (N) *Wilson Phillips* (SBK)

LPs (GB)

1. (N) *Vol. 2 — 1990 A New Decade* — **Soul II Soul** (10)
2. (N) *I'm Breathless* — **Madonna** (Sire)
3. (2) *Only Yesterday* — **Carpenters** (A&M)
4. (N) *Between The Lines* — **Jason Donovan** (PWL)
5. (N) *Through A Big Country* — **Big Country** (Mercury)
6. (1) *...But Seriously* — **Phil Collins** (Virgin)
7. (3) *Now That's What I Call ...* — **Varios** (Virgin/EMI)
8. (N) *Classic Experience 2* — **Varios** (EMI)
9. (N) *Natural History* — **Talk Talk** (EMI)
10. (N) *Greatest Hits* — **Bangles** (CBS)

LPs Independentes (GB)

1. (1) *Life* — **Inspiral Carpets** (Mute)
2. (N) *Joy 1967-1990* — **Ultra Vivid Scene** (4AD)
3. (9) *The Internationale* — **Billy Bragg** (Utility)
4. (N) *Pod* — **Breeders** (4AD)
5. (8) *Alvin Lives In Leeds* — **Varios** (Sound Of Spasm)
6. (N) *Turtle Soup* — **Mock Turtle** (Imaginary)
7. (7) *Violator* — **Depeche Mode** (Mute)
8. (4) *The Stone Roses* — **Stone Roses** (Silvertone)
9. (N) *Come Down Heavy* — **The Hypnotics** (Situation 2)
10. (6) *Love God* — **Soup Dragons** (Big Life)

Compactos (EUA)

1. (5) "Hold On" — **Wilson Phillips** (SBK)
2. (N) "It Must Have Been Love" — **Roxette** (EMI)
3. (10) "Poison" — **Bell Biv DeVoe** (MCA)
4. (2) "Vogue" — **Madonna** (Sire)
5. (N) "Step By Step" — **New Kids On The Block** (Columbia)
6. (N) "U Can't Touch This" — **MC Hammer** (Capitol)
7. (3) "All I Wanna Do Is Make Love To You" — **Heart** (Capitol)
8. (7) "Alright" — **Janet Jackson** (A&M)
9. (N) "Do You Remember?" — **Phil Collins** (Atlantic)
10. (N) "Ready Or Not" — **After 7** (Virgin)

Compactos (GB)

1. (3) "Killer" — **Adamski** (MCA)
2. (N) "World In Motion" — **New Order** (Factory)
3. (N) "Venus" — **Don Pablo's Animals** (Rumour)
4. (N) "Hear The Drummer" — **Chad Jackson** (Big Wave)
5. (4) "Dirty Cash" — **Adventures Of Stevie V** (Mercury)
6. (N) "I Still Haven't Found What ..." — **Chimes** (CBS)
7. (N) "Doin' The Do" — **Betty Boo** (Rhythm King)
8. (N) "Hold On" — **En Vogue** (Atlantic)
9. (7) "Better The Devil You Know" — **Kylie Minogue** (PWL)
10. (N) "Papa Was A Rolling Stone" — **Was Not Was** (Fontana)

Compactos Independentes (GB)

1. (N) "The Only One I Know" — **Charlatans** (Situation 2)
2. (N) "Policy Of Truth" — **Depeche Mode** (Mute)
3. (N) "World In Motion" — **New Order** (Factory)
4. (2) "Glider" — **My Blood Valentine** (Creation)
5. (N) "The Ingredients" — **Ned's Atomic Dustbin** (Chapter 22)
6. (N) "Hey! Wire" — **Cud** (Imaginary)
7. (4) "Stepping Stone" — **Farm** (Produce)
8. (N) "Shall We Take A Trip" — **Northside** (Factory)
9. (N) "Venus" — **Don Pablo's Animals** (Rumour)
10. (N) "Star" — **Erasure** (Mute)

Fontes: Billboard e Cash Box (EUA), Melody Maker e New Musical Express (GB). Para a Parada dos Leitores foram consideradas as cartas recebidas até 22/6/90

CONVENÇÕES
( ) Posição na Parada anterior
(N) Novidade
(R) Retorno

Leitor: sua participação é importantíssima! Escreva para "BIZZ — Parada Dos Leitores", av. Nações Unidas, 5777, CEP 05477, Alto de Pinheiros, São Paulo — SP, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Acrescente seu telefone, para que possamos voltar a ...

PROGRESSIVE ROCK

Rock'n' Roll - The First Option

Importados e Nacionais

Videoshows — Lps — Lasers — Camisetas — Patches — Posters

Compra, venda, troca e consignação de discos

Raros e fora de catálogo

• Gnidrolog • Budgie • Floy • Clearlight • Camel • Dust • Latte E Miele • Van der Graaf • Q.V.L. • Acqua Fragile • Reale Accademia di Musica • Paese dei Balocchi • Ibis • Anyone's Daughter • Wallenstein • Aquarelle • Pell Mell • Grobschnitt • Jane • Nektar • Omega • Novalis • Jonathan • Neuronium • Fruupp • Pekka Pohjola • Satin Whale • Agitation Free • Mythos • Parzival • Curved Air • Greenslade • Hawkwind • Wolf • Marillion • I.Q. • Machiavel • Finch • Mike Oldfield • Hoelderlin • Maneige • Asia Minor • Mona Lisa • Wapassou • Fireballet • Frank Zappa • Gentle Giant • Cactus • Jefferson Airplane • Gary Moore • Ten Years After • Grateful Dead • Yardbirds • Biglietto per L'inferno • Chicken Shack e outros...

Distribuidor autorizado de camisetas e patches by TIPGNOSIS — Tudo pelo rock

Rua Arthur de Azevedo, 760 - Pinheiros
São Paulo - SP - CEP 05404
Tel. (011) 881 8943
De 2ª a sábado, das 11 às 19:30 horas

LOU REED & JOHN CALE

TROUBLE WITH CLASSICISTS

(Lou Reed/ John Cale)

PROBLEMA COM CLASSICISTAS

The trouble with a classicist — *O problema com um classicista*
he looks at a tree — *é que ele olha para uma árvore*
that's all he sees, he paints a tree — *e tudo que ve, ele pinta uma árvore*
the trouble with a classicist — *o problema com um classicista*
he looks at the sky — *e que olha para o céu*
he doesn't ask why, he just paints a sky — *não se pergunta por que, apenas pinta um ceu*

The trouble with an impressionist — *O problema com um impressionista*
he looks at a log — *e que ele olha para um tronco*
and he doesn't know who he is, standing — *e não sabe quem ele e, parado em pe*
staring at this log — *de olhos fixos neste tronco*
and surrealist memories — *e memorias surrealistas*
are too amorphous and proud — *são por demais amorfas e orgulhosas*
while those downtown macho painters — *enquanto aqueles pintores machoes downtown**
are just alcoholic — *são apenas alcoolatras*
the trouble with impressionists is (2x) — *este e o problema com os impressionistas (2x)*

The trouble with personalities — *O problema com as personalidades*
they're too wrapped up in style — *e que estão por demais encoltas em estilo*
it's too personal — *e pessoal demais*
they're in love with their own guile — *estão apaixonadas por sua propria malicia astuciosa*
they're like illegal aliens — *são como alienigenas clandestinos*
trying to make a buck — *tentando ganhar uma grana*
they're driving gypsy cabs — *dirigem taxis ciganos*
but they're thinking like a truck — *mas pensam como um caminhão*
the trouble with personalities is (2x) — *este e o problema com as personalidades (2x)*

I like the druggy downtown kids — *Gosto da garotada meio drogada de downtown*
who spray paint walls and trains — *que picha muros e trens*
a lack of training, their primitive technique — *gosto de sua falta de treino, de sua tecnica primitiva*
I think sometimes it hurts you — *acho que as vezes voce se machuca*
when you stay too long in school — *quando fica tempo demais na escola*
I think sometimes it hurts you — *acho que as vezes você se machuca*
when you're afraid to be called a fool — *quando tem medo de ser chamado de tolo*
the trouble with classicists is (2x) — *este e o problema com os classicistas (2x)*

**Esta divisão é comum nas cidades norte-americanas, designando como uptown a parte residencial, e como downtown, o centro comercial. Em Nova York, porem — cenário da historia de Andy Warhol narrada por Lou Reed e John Cale em Songs For Drella —, a divisao tem conotações mais especificas. Alem do centro comercial, downtown Manhattan reune bairros boemios de grande concentração de artistas — como o SoHo e o Greenwich Village — alem de áreas pobres, povoadas de guetos de imigrantes — como o Lower East Side.*

RELANÇAMENTO

RAUL SEIXAS

ATACADO E VAREJO
Rua Itabuna, 35 - Osasco
Tels.: (011) 703-0264 / 703-9238 / 702-5360
ACEITAMOS ENCOMENDAS PELO CORREIO

CARTAS

BIZZ

IRA! OUTRA VEZ

Estou escrevendo para apontar algumas das incoerencias que encontrei na revista *(BIZZ 58)*. Comecemos pela capa: uma foto do Pink Floyd das antigas, com Syd Barrett e tudo mais. Eu acho ótimo, muito ousado e bonito graficamente. Mas aí eu observo, ao lado da foto, destaque para uma matéria com o Milli Vanilli. Aonde vocês querem chegar com esta salada mal temperada? Aonde está a informação de uma revista que estampa sobre a foto de Jimi Hendrix o selo "Acid Pop"? O que é isso? Acid Pop? Eu nunca ouvi falar que Jimi Hendrix fazia parte de uma tribo, ou fazia parte de um estilo levando este medonho nome. O que vai achar um garoto de catorze anos que de repente não tenha ainda ouvido um disco como *Are You Experienced*? Provavelmente vai pensar que Jimi era um D.J. que inventou a acid house. Medíocre. Continuando, li a crítica do show dos Paralamas do Sucesso no Olympia, do Sr. Andre Forastieri, que me deixou perplexo! Fala bem do show na matéria inteira e no fim diz que faltou sangue na apresentação da banda. Bem, eu vi o show e sei que não faltou energia aos Paralamas, que em mais de duas horas levaram a platéia ao delírio. Onde o jornalista quis chegar? É como se um doceiro fizesse um delicioso bolo de chocolate com nozes e avelãs e depois cobrisse-o com merda. Incoerente. Chegamos então na seção de lançamentos onde lemos a crítica sobre o Fellini, com um destaque que acho que eles merecem, mas nem tanto. Afinal 99,9% dos leitores não conhecem a banda, não assistiram a um só show, nunca ouviram uma música sequer e provavelmente nunca encontrarão este disco em loja alguma. Pessoal, se marcar é bom. Agora vou chegar na matéria sobre minha banda, o Ira! OK Bia, OK Marisa, valeu o esforço, mas o Ira! merece muito mais do que uma matéria digna de um trabalho de escola de primeiro grau. Duas páginas é pouco para uma banda como o Ira!, de quase dez anos de estrada e com quatro LPs e muitas histórias para contar. Merecíamos muito mais. Uma matéria em que não há uma palavra de nenhum de seus integrantes presentes à entrevista é de se estranhar. Também não fizeram nenhuma pergunta para o Gaspa. Bem, na verdade não fizeram perguntas a nenhum de nós. O Ira!, repito, merece muito mais e o público também. Chega de caretinhas de bom, regular, fraco etc. Vamos às informações, afinal vocês são os únicos nas bancas. PS.: Não me venham com as costumeiras respostas orgulhosas de quem não sabe ouvir críticas e vive se defendendo mesmo sem razão. Sem manguices, por favor.

Edgard Scandurra, Ira!

OK, Edgard. Vamos por partes: (1) Pink Floyd x Milli Vanilli. Acreditamos que a melhor resposta esteja na carta do leitor que publicamos abaixo. Acrescentaríamos apenas que, sob a égide de "salada mal temperada", esconde-se uma democrática linha editorial que garante a viabilidade comercial da revista. Há leitores que detestam Pink Floyd e adoram Milli Vanilli e, com gostos e estilos tão diversificados como os do universo popirock, queremos manter a família unida nas páginas de BIZZ. Se "coerência significa uniformidade de pensamento e limitação de pauta, seremos sempre incoerentes. (2) O box Acid Pop, na matéria Renascença Psicodélica, não pretendia criar um novo rótulo e sim estabelecer o elo perdido entre os primórdios do psicodelismo, seus compactos mais representativos, o acid rock e a acid house. Mas isto o texto introdutório já explicava... (3) Sobre o show dos Paralamas. Andre Forastieri responde: "Não gostei muito do show e critiquei; você não gostou da crítica e meteu o pau em mim. A democracia não é maravilhosa?" (4) Fellini. Repudiamos qualquer insinuação — e não é a primeira vez que ouvimos — de que a revista só deveria dar espaço a bandas conhecidas do grande público, com discos lançados por grandes gravadoras e músicas executadas nas rádios não-alternativas. Se fosse assim, não teríamos publicado uma reportagem com o Ira! em nossa primeira edição, de julho/85. Não mais, se até a revista italiana Per Lui deu destaque ao Fellini em sua matéria sobre pop brasileiro, por que nós não podemos? Só porque um dos membros da banda já trabalhou na BIZZ? Vamos respeitar a banda independente que já está no quarto LP! (5) Concordamos que a matéria sobre o Ira! poderia ter ficado muito melhor, mas foi iniciada por Bia Abramo e concluída por Marisa Adan Gil, após a saída de Bia da revista. Ficamos devendo essa para futuro próximo, já que o Ira! — junto com Paralamas — está escalado para nossa série de matérias históricas, como as feitas no ano passado com Legião e Titãs, OK? Um abraço especial, e desejo que mais músicos/artistas escrevam para a revista, como fez o Edgard, em vez de ficar remoendo ressentimentos em silêncio. Este nível de diálogo é fundamental para o amadurecimento da produção e do jornalismo culturais do país.

(...) Sobre o Milli Vanilli, achei o máximo, é sempre bom desmascarar esses farsantes do universo pop. Valeu. Uma das melhores matérias que já li. Achei um baratão as matérias sobre o Ira!, Alice Cooper, Elminha e a volta do entrevistão. Agora, legal mesmo foi saber mais sobre os anos sessenta *(Renascença Psicodélica)*. Para nós, que temos dezoito anos e estamos acostumados ao som das FMs, é sempre muito legal "aprender" algo sobre a história da música e tudo o que ela criou.

André L. M. Biondo, Bauru — SP

RENASCENÇA PSICODÉLICA

Primeiramente eu queria parabenizar a edição da BIZZ de maio, onde aparece o Pink Floyd como a banda central da "Renascença Psicodélica". Embora não divulgada anteriormente pela imprensa, a volta ao psicodelismo está mesmo acontecendo, assim como está havendo, de um tempo para cá, uma "Floyd Renascença".

Alexandre Batalli, Ponte Nova — MG

(...) O rock é interessante não só do ponto de vista musical, mas também ideológico, cultural, social. Desta forma, não pude deixar de respirar aliviada e de me extasiar ao me deparar com o conteúdo de "Renascença Psicodélica", em que reencontrei palavras de ordem do rock na silhueta da contracultura: revolucionar o pensamento, repensar a evolução. (...) Com relação à "descentralização musical", penso ser uma estratégia delicada de se conduzir. Embora o rock sempre tenha sido aberto a influências enquanto movimento, é sempre intrigante encontrar Kaoma ou Campeonato de DJs (por exemplo) nas páginas desta revista. (...) De qualquer jeito, a BIZZ 90 me entusiasma à medida que se propõe a melhorar, de forma que seu público possa encontrar dentro dela um universo contagiante, além de um instrumento muito útil.

Ciça Dantas Vieira, São Paulo — SP

Queria parabenizar a revista BIZZ pela excelente matéria sobre o retorno do psicodelismo, explicando de maneira acessível as novas gerações um dos movimentos mais marcantes que a juventude já viveu. (...)

Paulo Santos, Porto Alegre — RS

Parabenizo-os pela edição 58 de BIZZ. Há muito tempo não há uma edição da revista tão boa como esta. A reportagem sobre psicodelismo estava excelente, achei muito completa e interessante. (...) É sempre importante lembrar um movimento tão revolucionário como este. (...) Espero que continuem com o mesmo dinamismo característico da revista.

Bianca Braga, Rio de Janeiro, — RJ

(...) Gostaria de parabenizar a BIZZ pelo excelente artigo sobre a renascença do psicodelismo dos anos 60. Para pessoas como eu, que não viveram esse período, a revista presta um grande serviço de informação, sobre um período de grandes conquistas sócio-culturais deste século. E de inovações na música. (...)

Max Jesus Pinez, São Paulo — SP

(...) Sou leitor da BIZZ desde seu lançamento em julho de 1985 e venho acompanhando as mudanças pelas quais a revista vem passando, por isso tenho uma certa "autoridade" para opinar. Ultimamente, de um ano para cá, alguns fatores me fizeram perder o interesse pela revista e quebrar esta assiduidade. As matérias estavam chatas e sem graça, era como se a revista estivesse "perdendo o pique", e eu fui perdendo o interesse também. Com esta edição (BIZZ 58), pela última matéria sobre o psicodelismo 60-90 e principalmente pela volta do *Entrevistão* com o Morrissey, senti meu entusiasmo retornar aos tempos dos primeiros exemplares. (...)

Sérgio Paulo da Rocha, Ibicaraí — BA

(...) A sensação que eu tive ao comprar a BIZZ 58 foi a mesma que senti ao comprar o número um. Valeram as mudanças! Nos últimos tempos, BIZZ estava muito fraca e fria, mas agora está pegando fogo. As matérias estão todas excelentes, a começar pela capa (e que capa!). As matérias que vão da página dez à dezesseis também são uma idéia muito boa pois a extensão de um artigo deve variar conforme a quantidade de informações. E viva a volta do *Entrevistão*, seção muito boa que nunca deveria ter saído do ar. (...) Enfim, a revista está cem por cento ótima, e eu nem esperei para escrever depois de ler tudo, pois quero ser um dos primeiros a dar os parabéns a todos aí. (...)

Sérgio Lourenço da Silva, Carapicuíba — SP

Este ciclo de mudanças ocorrido na revista veio bem a calhar. Estou escrevendo para dizer o que achei dando sugestões, e espero que elas sejam aceitas. Quanto às mudanças, iniciadas em julho de 89, achei cool o novo visual mais dinâmico, mais anos 90, me agradou muito. Apenas achava que a revista estava bonita mas com pouco conteúdo, sinceramente um pouco monótona. Mas essa edição de maio corrigiu esta falha, tendo conteúdo para c*, e melhor com muita qualidade. (...)

Marcio Renato Pinheira da Silva, Paiçandu — PR

MERCADO PARALELO

Vendo qualquer exemplar de BIZZ do número 15 até o último exemplar em banca. **André Garcia de Assis, Passeio Lambari, 101, CEP 15378, Ilha Solteira — SP**

ERRANTES

Na edição 58, página treze, foi mencionado que Margareth Menezes, em seu primeiro LP solo, regravou "Elegibô", do grupo Alaketu. O nome correto do grupo é Araketo.

DISCOTECA BÁSICA

É PROIBIDO FUMAR

ROBERTO CARLOS

É PROIBIDO FUMAR (1964)

Na história da música brasileira não há nada tão pitoresco. Aos seis anos de idade, um garoto pobre de Cachoeiro do Itapemirim é colhido por um trem e perde a perna direita. Quem o socorre é um madeireiro, que o leva para o hospital local após ter improvisado um garrote com seu próprio terno. É o madeireiro quem arca com as despesas do hospital — mais tarde ele seria homenageado pelo garoto com um convite para ser seu padrinho de batismo. Mais uma peculiaridade: até os vinte anos, Roberto Carlos ainda não tinha sido batizado.

No final dos anos 50 Roberto inicia sua carreira, tocando violão e cantando músicas de bossa nova na boate Plaza, no Rio de Janeiro. Em 61 grava seu primeiro LP *Louco Por Você*. Sem sucesso imediato, algumas de suas canções começam a ser executadas em programas como *Peça Bis Pelo Telefone* e *Hoje É Dia De Rock*. Surgem os primeiros convites para apresentações, mas até aí nada de excepcional.

Os primeiros sucessos vêm com seu segundo LP, lançado em 63, que traz "Parei Na Contramão" e "Splish Splash". Com estas músicas Roberto Carlos começa a ser conhecido em todo o Brasil via programas de TV. O grande estouro e a "coroação" já se esboçam, mas só chegam de fato após o álbum *Roberto Carlos Canta Para A Juventude* (65). Motivada pela explosão mundial da beatlemania, a TV Record cria um programa de auditório voltado exclusivamente para o público jovem, convocando Roberto Carlos para comandá-lo — ao lado de Erasmo Carlos e Wanderléia. A *Jovem Guarda* rapidamente vira uma febre. Bate todos os recordes de audiência. Gírias como "é uma brasa, mora?", "bicho" e "carango" são incorporadas ao linguajar dos aficionados pelo programa, que também usam roupas e adereços à maneira do ídolo. A coisa rola como uma bola de neve. O cineasta Roberto Farias transforma o LP *Em Ritmo De Aventura* (67) num filme que vira paixão nacional. Em 68, na Itália, o rei vence o festival de San Remo. A coroa está definitivamente conquistada.

A história mais recente, dos anos 70 para cá, dispensa comentários. Mas nada disso teria acontecido se em 64 a frase fixada em ônibus, trens e elevadores não tivesse parado na capa de um LP: *É Proibido Fumar*, obra-prima que deu à música brasileira moderna seu maior mito.

O disco estava em sintonia com a música jovem do mundo todo e contou com várias colaborações. Rossini Pinto, o tradutor dos grandes sucessos internacionais (inclusive "Hey Jude", gravada por Kiko Zambianchi), contribuiu com uma canção de seu próprio punho, "Um Leão Está Solto Nas Ruas". Roberto verteu dois sucessos: "Unchain My Heart" (originalmente gravada por Ray Charles) que virou "Desamarre o Meu Coração", e "Amapola", de Lacalle, continuou com o título original. Erasmo, mais dois: "Bom To Cry", de Dion DiMucci ("Nasci Para Chorar"), e aquela que marcaria para sempre a carreira de Roberto: "O Calhambeque" ("Road Hog"), de Gwen e John Loudermilk. A dupla Roberto e Erasmo compôs, além da faixa-título, e "Louco Não Estou Mais", a primeira *surf music* destas praias: "O Broto Do Jacaré". A vertente romântica também aparece em *É Proibido* nas músicas Rosinha (Oswaldo Audi e Athayde Julio), "Jura-me" (Jovenil Santos), "Meu Grande Bem" (Helena Santos) e "Minha História De Amor" (José Messias). É curioso que a maior parte do repertório não seja de Roberto ou Erasmo. Como intérprete ele também não é nenhum rei da voz. Mas é o rei. Para entender as razões que lhe garantiram o trono, ouça *É Proibido Fumar*.

CELSO MASSON

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria: Angelo Rossi, Edgard de Silvio Faria, Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Diretor: José Augusto Lemos
Editor: André Forastieri
Editores-Assistentes: Celso Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adán Gil, Lorena Calábria (Rio de Janeiro)
Assistente de Redação e Atendimento ao Leitor: Celso Fernandes Masson
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan
ARTE
Editora: Jesse Bittmas
Diagramação: Angelo Assan, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cevni Heredia
Colaboradores
Texto: Ana Carmen Foschini, Arthur G. Couto Duarte, Ayrton Mugnaini Jr., Carlos Eduardo Miranda, Camilo Rocha, Claudio Menezes, Fernando Naporano, José Júlio do Espírito Santo, Leopoldo Rey, Marcel Plasse, René Ferri
Fotos: Ana Cecília, André Barcinski, Jorge Rosemberg, Luís Dantas, Mariano Coelho, Priscila Lena Farias, Valéria H. Mendes
Arte: Antonio Fernando Morra, Eduardo Barlelo, Marina Kingman Bertan, Wilson Amaral
Revisão de Texto: Thaís Helena de Souza Juarez

Diretora Responsável: Liege de Lima Dora Cassew

PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araújo
SP: Diretor: Eduardo S. Rosa
Supervisor: Arthur de Oliveira Neto
Contatos: Antonio Xavier de Aguiar, Carla Govoto, Marcelo de Almeida
RJ: Diretor: Jairo Carneiro
Contatos: Romualdo Ayres
PRODUÇÃO GRÁFICA
Gerente: Ezra K. Bungo
Coordenadora: Sandra C. Botelho

Representantes
Região Sul: RS: Print Sul ... 9626; SC: Print Sul 0482 ...
SP 2: Intermídia ... 623-476, 623-4.29, Ribeirão Preto, SP
Belo Horizonte: Marco Aurélio Maia ... BH
SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press: Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Ana Maria G. ... (Londres)
Abril Press: Gerente: Justin Barnes; Escritórios: Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3401, New York NY 10165, Phone 001 212 557-5990/5993, Telex 237610, Fax 001 212 983 0972; Paris: 33 rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone 0033 1 4266 ... Telex 660 311 ABRILPA, Fax 0033 1 4266 399
Departamento de Documentação: Dedoc; Gerente: Susana Camargo, Av. Nações Unidas ... 4400, São Paulo, SP ...
Serviços Fotográficos-Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Gerente de Produto: José Carlos Baldassare
PROMOÇÃO E PROPAGANDA
Diretor: A... Barbosa
Gerente: ... Bueno

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, ... Alberto ... Carlos C. Arruda, Pedro ... Helena Mirandez Gomes

BIZZ ... São Paulo: Redação, Publicidade e Correspondência ... Telegramas ... Rio de Janeiro ... Distribuidor em Portugal ... Assinatura anual ... Números atrasados ...

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

HÁ 5 ANOS

Existe um elemento-chave na cultura pop dos anos 80: o 'fator rinsagem'. Trata-se da capitalização do fetiche do cabelo loiro. Descolorido progressivamente, o loiro tende ao branco... a dissolução de todas as contradições." Assim *Pepe Escobar* iniciava a matéria de capa da BIZZ de agosto/85, destrinchando o fenômeno **Madonna**, em particular o filme com ela e Rosanna Arquette, que estreava em nossos cinemas, *Procura-se Susan Desesperadamente*. O grande destaque da edição, porém, estava na cobertura do **Live Aid**, o "Woodstock dos 80" — os dois megashows realizados simultaneamente em Londres e na Filadélfia (EUA), vergonhosamente não transmitidos pela TV brasileira, com Paul McCartney, U2, Dire Straits, David Bowie, a própria Madonna e muitos outros — entre eles, The Who e Led Zeppelin, reunidos especialmente para o evento. Nosso então Editor RJ, *José Emilio Rondeau* milagrosamente descolou uma brecha simultânea nas agendas de **Lobão** e **Cazuza** (recém-saído do Barão) e um entrevistou o outro, sobrevoando temas como rock no Brasil, Pepe Escobar, Madonna, Menuda e a Máfia! BIZZ 2 assinalava também a estréia do popular *Entrevistão*, estrelando — direto de Nova York — **Boy George**, ainda com o Culture Club a todo vapor. Além de uma análise do "neopsicodelismo" de bandas como **Cult** e **Echo & The Bunnymen**, e de um perfil dos **Tears For Fears**, a edição trazia a cobertura exclusiva do Festival da Juventude em Moscou, onde o Brasil foi representado pela **Blitz**, texto de **Marcelo** "Ernesto Varela" **Tas**. Na seção *Discos*, *José Augusto Lemos* babava em cima de *VU*, do Velvet Underground e pedia aos leitores que escrevessem dizendo qual música do Police era chupada em "Ciúme", do Ultraje a Rigor (eles responderam!). *Porão* em nosso n.º zero, o **RPM** reaparecia entrevistado por *Luisa de Oliveira*. Prestes a incendiar a libido de milhões de brasileiras (e brasileiros também), Paulo Ricardo afirmava sua posição e intenção: "O Roger do Ultraje é um explícito debochado. O Renato Russo é um explícito sério. Eu sou implícito, lírico". Fechando a tampa, *Low* (1977) de David Bowie, com mais que uma mãozinha de Brian Eno, sob o microscópio de *José Augusto Lemos* na *Disc. Básica*.

Lehi Sepe-Hines

Peter Easton-Gamma

Cecília Dantas Arruda

Cláudia Dantas Arruda

Mark Leiton

Andy Schwartz-Fox

JOVEM PAN

Pos.	Ant.	Música/Artista
1º	5	**VOGUE** Madonna
2º	1	**MENINOS E MENINAS** Legião Urbana
3º	3	**NOTHING COMPARES 2U** Sinead O'Connor
4º	7	**YO YO** Plaza
5º	27	**MONTE CASTELO** Legião Urbana
6º	2	**WISH YOU WERE HERE** Bee Gees
7º	–	**BLUE SAVANNAH** Erasure
8º	–	**CHILDREN OF THE NIGHT** Richard Marx
9º	–	**BELOS E MALDITOS** Capital Inicial
10º	17	**WOMAN IN CHAINS** Tears For Fears
11º	23	**SENDING ALL MY LOVE** Linear
12º	8	**O PULSO** Titãs
13º	14	**DO YOU REMEMBER** Phil Collins
14º	–	**FALLING SLOWLY** Shana
15º	11	**TODO O MEU OURO** Kid Abelha
16º	13	**THIS BEAT IS TECHNOTRONIC** Technotronic
[illegible]		**TODA NOSSA VONTADE** Legião
18º	17	**SACRIFICE** Elton John
19º	10	**COME HOME WITH ME BABY** Dead Or Alive
20º	25	**SKIN** Oingo Boingo
21º	20	**MOVE THIS** Technotronic
22º	19	**A NOITE** Fernanda Abreu
23º	26	**THE POWER** Snap
24º	6	**LISTEN TO YOUR HEART** Roxette
25º	30	**CINEMA** Ice MC
26º	24	**ESQUEÇA O QUE TE DISSERAM** Paralamas do Sucesso
27º	25	**IT MUST HAVE BEEN LOVE** Roxette
28º	20	**ALL AROUND THE WORLD** Lisa Stansfield
29º	–	**ADVICE FOR THE YOUNG AT HEART** Tears For Fears
30º	–	**WORLD IN MOTION** New Order

SUBINDO NA PARADA

DMC BRAZIL

Pos.	Ant.	Música/Artista	BPM
1º	4	**CINEMA** Ice MC	119
2º	2	**YO YO** Plaza	123
3º	1	**THE POWER** Snap	109
4º	7	**COME HOME WITH ME BABY** Dead Or Alive	121
5º	28	**SENDING ALL MY LOVE** Linear	108
6º	3	**VOGUE** Madonna	116
7º	20	**DO YOU WANT ME** Lee Marrow	128
8º	30	**PUMP THAT BODY** Mr Lee	125
9º	13	**THE PLEASURE OF MUSIC** Ester B	124
10º	8	**SPIN THAT WHEEL** Hi Tek 3	128
11º	14	**DON'T YOU LOVE ME** 49 ERS	122
12º	–	**LET'S JAM THE HOUSE** Pig Boy	124
13º	–	**EVERYBODY EVERYBODY** Black Box	118
14º	12	**LIVE TOGETHER** Lisa Stansfield	111
15º	5	**THIS BEAT IS TECHNOTRONIC** Technotronic	124
16º	6	**JUMP ON THE FLOOR** Black Kiss	128
[illegible]	–	**OUT OF CONTROL** New Scene	132
18º	10	**DO WHAT YOU WANT TO DO** 2 In A Room	119
19º	9	**GET BUSY** Mr Lee	124
20º	–	**OOPS UP** Snap	103
21º	19	**HOW LONGER** 49 ERS	128
22º	–	**GET DUMB** The Crew	124
23º	–	**THE ROOF'S ON FIRE** West Bam	118
24º	24	**ENJOY THE SILENCE** Depeche Mode	120
25º	–	**MOVIN'** Lee Marrow	120
26º	18	**KLATSCH IN DIE HANDEL** Tragic Error	128
27º	29	**PLAY IT AGAIN** Out Of Ordinary	122
28º	11	**MOVE THIS** Technotronic	124
29º	–	**VENUS** Don Pablo's Animals	125
30º	–	**STOMP** Kyze	120

COMPILADO PELOS DJ'S MEMBROS DMC BRAZIL

SUBINDO NA PARADA — BPM: BATIDAS POR MINUTO

CONTÉM OS HITS

BLUE SAVANAH, STAR & DRAMA

JÁ À VENDA EM CD, LP & K7

wea

Clubs	Estilo	Disc Jockey Técnica	Disc Jockey Repertório	Luz	Som	Serviços	Animação
Gallery	Fashion Workers						
Zoom	Pop Dance Music						
Contramão	Dance Music Hip House New Beat						
Ilha de Capri	House Lambada						
Habeas Corpus	Dance Music Hip House						

DJ's

GALLERY
DJ's Giancarlo Sossi/Gilberto Monteiro
Informações: 881-4833
Terças a Sábados: 23h00 até o último cliente

CONTRAMÃO
DJ's Ricardo Grecco/Decio
Informações: 941-8688
Sábados: 22h às 04h
Domingos: Matinê: 14h às 19h30
Noite: 20h às 23h

ZOOM
DJ's Cuca/Paulinho
Informações: 288-6606
Sextas e Sábados: 22h às 6h
Domingos: Matinê: 15h às 18h
Noite: 20h às 24h

ILHA DE CAPRI
DJ's Decho/Coelho/Ivo
Informações: 467-9222
Sextas-feiras e aniversários e Sábados: 22h às 04h

HABEAS CORPUS
DJ's Kapta/Fio
Informações: 881-0940
Quintas e Sábados: 22h até o último cliente
Domingos: 18h às 23h

Pesquisa realizada com os frequentadores dos *clubs* pela Jovem Pan II/DMC Brazil

COOL CUTS

1 (NOVO) **STRAWBERRY FIELDS FOREVER** Candy Flipp
Regravação do clássico dos Beatles nos batidões do Soul II Soul
2 (NOVO) **SNAPPINESS BBG**
Faixa que usa os pianos da música "Happiness" de Soul II Soul
3 (NOVO) **DEVOTION** Kicking Back With The Texman
Ragamuffin produzido por Graeme Park
4 (NOVO) **PEOPLE** Soul II Soul
Faixa de segundo LP recém-lançado na Europa e também aqui no Brasil
5 (NOVO) **TRIPPIN ON YOUR LOVE** A Way Of Life
Gospel com guitarras flamencas. *Italo Soul?*
6 (NOVO) **WHAT U WAITING 4?** Jungle Brothers
Faixa do LP *Doing By The Forces Of Nature – Samples* de Peoples Choice
7 (NOVO) **WE'VE GOT LOVE** Touch Of Soul
Produção italiana com samples de "Let No Man Put Asunder" de First Choice
8 (NOVO) **FAME 90** David Bowie/Queen Latifah
Versão *Hip Hop* com a participação do rapper que está em alta no momento
9 (NOVO) **SWEET DREAMS** Eurythmics
Remix feito por Dave Darrell (Mares) e David Stewart. Nova cara para um antigo sucesso
10 (NOVO) **WANTED** Princess Ivori
Remixada por Montrana com a base de "The Power" do Snap

FAÇA VOCÊ MESMO

Em casa, ou na sua festa particular, você pode mixar com os DJ's. Aqui, duas seqüências atuais em que você terá sucesso garantido feitas pelos DJ's Celso (SUNSET) e Waltinho Bernacca (CIRCUS/DMC):

DJ Celso
1. MR. LEE (Pump That Body)
2. 2 IN A ROOM (Do What You Wanna Do)
3. MAUDE (Get On The Move)
4. THE CREW (Get Dumb)
5. PIG BOY (Let's Jam The House)

DJ Waltinho
1. MUSIC MASTER AGP (No Hip Hop)
2. KYZE (Stomp)
3. ICE MC (Cinema)
4. MR LEE (Pump That Body)
5. OUT OF ORDINARY (Play It Again)

MILÃO LA FORA

MILÃO TOP 10 DANCE CUTS
1. **SOUL II SOUL** (Todo o LP)
2. **SNAP** (OOPS UP)
3. **49 ERS** (GIRL TO GIRL)
4. **ADAMSKI** (KILLER)
5. **LEE MARROW** (MOVIN')
6. **DOM PABLOS ANIMALS** (VENUS)
7. **BLACK BOX** (EVERYBODY EVERYBODY)
8. **EN VOGUE** (HOLD ON)
9. **DIANA BROWN** (MASTERPLAN)
10. **MOVEMENT 98** (JOY AND HEARTBREAK)

DISCOS

1. **MARIPOSA:** Importante e completa loja de discos de Milão, situada em Corso de Porta Romana. Possui completo acervo de variedades. O estoque é setorizado, com completa coleção dos astros de *soul*. Recebe diariamente os lançamentos de *Dance Music* de Londres, Nova York e Bruxelas.

CLUBS

1. **PLASTIC KILLER CLUB:** O mais mitológico club de Milão. Existe há oito anos. Frequentado por exóticos da cidade, possui a melhor e mais ecética discoteca-gem. TUTTI I GIORNI.
2. **SHOCKING CLUB:** Frequentado pelo inglês de moderos americanos que moram na cidade, o Shocking às quartas oferece sua melhor noite.

COMPRAS

Milão é a capital européia das compras, um Shopping Center ao ar livre, onde a principal atração de consumo é a moda. Duas ruas se destacam: Via della Spiga e Via Montenapoleone, onde se localizam lojas como GAULTIER, ARMANI, CHANEL, KENZO, VENTURI e tantas outras. Para aquele sem dinheiro, o SALVAGENTE (uma espécie de penta de estoque) oferece as opções acima por um terço do preço. Na Via Bronzetti, 130.

RÁDIO

RADIO DJ: A rádio jovem de lá. É de propriedade de vários DJ's e criadora de modismos. É de lá que saiu Jovanotti e Gino Latino. Saiu de lá também "I love my radio", do Taffy, que deu início à onda de Italo Dance.
RADIO MILANO INTERNATIONAL: Mais sério que sua arqui-inimiga Radio DJ, esta emissora se preocupa em divulgar o *Soul Music* e todas as suas variações.

Mauro Borges

Esta publicação foi produzida eletronicamente pela Intek Editora Ltda., ficando a cargo da Jovem Pan as responsabilidades editoriais.
INTEK (011) 852 2160
Colaboraram neste número: Alexandre Rocco (Diretor de Arte), Claudia Rocco (Diagramação), Marcos Ribeiro Franco (Produção Gráfica).

THE STONE ROSES

A MAIOR REVOLUÇÃO DO ROCK INGLÊS DESDE OS ROLLING STONES

AS PEDRAS VÃO ROLAR NOVAMENTE

BMG SILVERTONE

DMC BRAZIL

Imagine-se num evento de Dance Music com 8 horas (!!) de música non-stop, sem intervalos entre as apresentações.

Imagine ainda que, mantendo a seqüência, o DJ no comando mixa o som da banda que estiver entrando no palco. E a música não pára! A banda vai terminando sua apresentação e o DJ vai mixando a próxima hit internacional. E a música não pára! A noite inteira!

Se você não se imaginou num evento similar, o DMC BRAZIL e a SUNSHINE PROMOÇÕES imaginou fazê-lo pra você. Dia 08 de Setembro, no OLYMPIA, você poderá presenciar tudo isso!

Inspirado nas raves, as festas piratas que acontecem na Inglaterra e que arrastam multidões de jovens para shows de DJ's ao ar livre, sons dos melhores disc-jockeys do país e seis bandas de Dance Music nacional farão a noite. Nos toca-discos: **Renato Lopes, Irai Campos, Marcelo Mansur (RJ), Grandmaster Ney, Leandro e Waltinho Bernacca. No palco: Fernando Abreu, Tek Noir, Que Fim Levou Robin? Gabinete Caligari, Thayde e DJ Hum e o grupo Código 13.** Todos apresentando seu ritmo próprio de Dance Music.

O Dance Music Fest trará vários gêneros dançantes. Cada qual com sua interpretação de palco, sua coreografia e espetáculo.

Nos dois telões do OLYMPIA serão projetados slides com temas da Dance Music.

Agora imagine você, absorvido por uma loucura dessas, recebendo focos de raio laser, tornando os neurônios numa seção ininterrupta de música dançante.

E nem imagine quantas surpresas uma noite destas reserva pra você. Aliás, é melhor mesmo não ficar imaginando. Perde a graça, e você não conseguiria prever o que estamos preparando pra você.

Dia 06 de Setembro, toda a turma do DMC e da PAN 2 estarão no OLYMPIA com você. Até lá!

LANÇAMENTOS

YAZZ – "Treat Me Good" *(119 BPM)*: Após o nascimento de sua filha, Rio, a rainha dos *clubs* e do *blender* volta em ritmo mais *funky*. Como não podia deixar de ser, tem o toque mágico do Soul II Soul na produção de Simon Law.

SNAP – "Oops Up" *(103 BPM)*: O vocal *cool* feminino de Jackie, o *rap* pesado de Turbo B, guitarras e batida européias. Esta é a receita do sucesso deste grupo alemão, agora aplicada em cima de um velho *hit* do GAP BAND.

SHE ROCKERS – "Do Dat Dance" *(119 BPM)*: Provando que o *rap* já não tem fronteiras nem preconceitos, estas duas meninas inglesas vêm no embalo do *Hip House*, com produção dos belgas do TECHNOTRONIC. Obrigatório!

LEE MARROW – "Movin'" *(120 BPM)*: Mais uma italiana causando sensação nas pistas. Uma produção na linha *Hip House* usando *samples* de Roberta Flack, Aretha Franklin e a base de "Movin'", do BRASS CONSTRUCTION, grande sucesso dos anos 70.

JANE CHILD – "Don't Wanna Fall In Love" *(108 BPM)*: Ela canta, produz e escreve suas músicas e é apontada como a revelação *pop* do ano nos E.U.A. TEDDY RILEY, o inventor do *Swing Beat*, é um dos melhores produtores e remixadores da nova geração americana. Desta união sai a versão *KNIFE FEELS GOOD*, um estouro nas paradas de todo o mundo.

LOUIE LOUIE – "Sittin' In The Lap Of Luxury" *(102 BPM)*: Nada como ser protegido de Madonna e contar com os serviços de remixagem de SHEP PETTIBONE no seu primeiro disco... Mas LOUIE LOUIE prova que veio para ficar com sua primeira produção. Mistura criativa de *Jazz* e *Dance Music*.

Paulo Tavares

A Explosão Pop da Música dos Guetos (Conclusão)

Tecnicamente, o *Rap* evoluiu muito através dos anos. Muitos dos *raps* de hoje falam de problemas sociais e raciais que muito afligem nossa sociedade. Ele é um dos únicos veículos de expressão e manifestação dos guetos. Por muitos anos, devido à sua origem, o *Rap* foi marginalizado pela grande mídia. Era até tido como ameaça pública.

Mas através dos anos 80, e depois de vários sucessos que lentamente foram se infiltrando nas paradas de sucesso *Club e Pop*, o *Rap* hoje é aceito e respeitado tanto artisticamente como comercialmente.

Os grandes sucessos de *Rap* têm vendido mais que muitos artistas *Pop* já consagrados. Por exemplo: o último LP de MC HAMMER já vendeu mais que os novos LP's e Carly Simon, Fleetwood Mac, Basie e Rod Stewart, todos lançados mais ou menos na mesma época. O LP já está na posição nº 7 na lista da revista *Billboard*.

No final dos anos 80, um novo tipo de *rap* foi criado. Utilizando *samplers* os produtores manipulam trechos de músicas e sons reconhecíveis e compõem uma nova música: o *Hip Hop*. Recentemente, um estilo muito popular também é o *Hip House*. Uma combinação de *Pop* com House music.

Muito se deve também à veiculação dos vídeos nas maiores emissoras e programas de TV, como o "Yo MTV Raps" e "Friday Night Videos". A TV abrange os cantos mais remotos do país e levou o *Rap* para a *White America*.

Realmente o *Rap* conquistou o seu espaço dentro da música *Pop* nos Estados Unidos e através do mundo. Espero que continue se regenerando e nos trazendo novas idéias para o mundo da música.

Tuta Aquino (New York)

NA PONTA DA AGULHA

Como já dizia seu professor de física: NADA SE PERDE TUDO SE TRANSFORMA. A onda do momento na *Dance Music* são as regravações.
BEATLES ("Strawberry Fields Forever") e PHILL COLLINS ("Another Day In Paradise") já foram atualizados para as pistas por CANDY FLIP e J.L. LINE. Os próximos na lista: PINK FLOYD ("Shine On You Crazy Diamond"), feito pelos italianos do DREAM IN GOA, e EAGLES ("Hotel California"), dos ingleses JAM ON THE MUTHA.

DJ SHOPPING
A LOJA DOS DISC JOCKEYS
Discos importados, acessórios e cursos para Disc Jockeys. Há 3 anos atendendo DJs, casas noturnas e rádios de todo o Brasil.
Av. Paulista, 2001 SBL 28 Tel. 011-2513239
CEP 01311 – Remetemos para todo o Brasil

Esse é o Time da Pan que vem fazendo a FM com ...

DANCE CHART

JOVEM PAN

número 3– agosto de 1990

A CARA DE SÃO PAULO

Bem que a gente desconfiava. A pesquisa confirmou: o Jovem Pan é mesmo a cara de São Paulo.
Esse foi o resultado, na categoria "rádio", da mais séria e mais completa pesquisa sobre a cidade, realizada pelos irmãos Rose e Wanderley Saldiva, que revelou o perfil de São Paulo.
Claro que isso deixou a gente com a maior cara de felicidade. Porque se São Paulo fosse uma rádio, certamente seria a Jovem Pan.
Pra começar, a Pan fica na Av. Paulista, a mais paulista das avenidas.
A programação da Pan leva o que há de melhor em todo o mundo, nos clubes onde você dança, nas lojas onde você compra.
A Pan tem as promoções mais sacadas, levando pra você 24 horas por dia tudo que você mais precisa pra viver em São Paulo: informação, lazer e muito prazer...
Pra você que adora essa cidade, pra você que é a cara da Pan, nosso super obrigado.
A Jovem Pan é a *cara* de São Paulo. O resto é caretice.

1. **PLAZA** – Yo Yo
2. **MADONNA** – Vogue
3. **LINEAR** – Sending All My Love
4. **TECHNOTRONIC** – This Beat Is Technotronic
5. **DEAD OR ALIVE** – Come Home With Me Baby
6. **SHANA** – Falling Slowly
7. **SNAP** – The Power
8. **SHOCKING BLUES** – Venus (versão 90)
9. **BLACK KISS** – Jump On The Floor
10. **TRAGIC ERROR** – Klap In Die Handel

RADIO DANCE 100,9

Escreva para o Dance Chart
Av. Paulista, 807, 14º andar CEP: 01311 - São Paulo

A MAIOR SENSAÇÃO DAS PISTAS DO BRASIL!
PolyGram

Promoção

A NOITE EM NOVA YORK

Você vai poder conhecer o que há de melhor na noite de Nova York, como...

...São 5 dias e 5 noites, em Nova York, com direito a acompanhante e tudo pago pela Pan.

A promoção é a seguinte: você escreve para a rádio dando o número do seu telefone e o número de mais três amigos que sempre ouvem a Pan. Assim que rolar a música A Noite, da Fernandinha Abreu, o locutor vai ligar pra sua casa. Durante a programação, a Pan vai telefonar para os três números que você deu. Se todos os 3 estiverem ligados na Pan, você ganha o prêmio!

Escreva agora mesmo, agite os amigos e arrume uma companhia... Você não vai querer passar 5 noites em Nova York sozinho...

CARTAS DOS LEITORES

A redação do Dance Chart recebeu um monte de cartas. Tanto é que nós conseguimos montar dois baralhos completos. Aqui vai a resposta de alguns coringas que não pegaram o batman porque caíram no acid house.

Oi, gente da Pan!
Achei o Dance Chart uma parcaria. Aliás, o que a gente podia esperar de vocês? Aproveito pra sugerir que vocês lancem a novela Jovem Pan-Tanaí, mostrando mulheres nuas, ecologia e passarinho fazendo cocô.

Joce Valadinho

Joce, meu bem, obrigado pelos elogios, são pessoas como você que estimulam a gente pra continuar tentanto o suicídio. A idéia da novela Pan Tanaí já foi experimentada e não deu certo. No primeiro capítulo, uma piranha comeu a atriz principal e em seguida os locutores comeram a piranha. Quanto ao passarinho, não se preocupe — já mandamos o cocô pra você pelo correio.

Amigos da Redação
Eu li tudo quentinha no Dance Chart. Tudo mesmo. Mas não entendi nada. Era pra rir ou era pra chorar? Gostaria também que vocês publicassem uma receita de cuscuz de beringela.
Um beijão. Dona Benta

Benta, amor! Que bom que você escreveu, flor. Olha lá, o Dance Chart não é pra rir nem pra chorar. É pra dançar e fazer avacalho, embrulhar chucha na farra. A gente só escreve pra não ficar tudo em branco que é muito feio. Quanto à receita de cuscuz, nosso departamento jurídico já providenciou um contrato exclusivo com duas beringelas, que vão pessoalmente à sua casa. Quando uma beringela bater em sua porta, responda: — Cuscuz na Jovem Pan.
Um abraço.

Ao pessoal do Dance Xart
Eu vim do norte faiz dois meis e tô morando debaixo da ponte. Paço fome todos dia. Faiz uma semana que eu num como nem pão velho. Meus fio tão vendendo alho nos Cemitoforo. Meu marido tá fingindo de morto pra poder dormi no IML. Eu tô desesperada. Por isso gastei meus ultimo dinheiro pra comprar o célo e mandar essa cartinha. Me responde, por favor.
Adalgiza Silva

Oi, Dadá! Se precisar de alguma coisa, manda um Fax pra gente!
Redação: Rosana Hermann

Onde achar as novidades musicais de São Paulo

Pandemonio	Hot Mix	Radio Flight
Sexta-feira das 22 às 24 h	Domingo das 04 às 19 h	Sábado das 21 às 24 h

Nosso raio X mostra pra você os segredos e mistérios da Jovem Pan... (Porque o que vale é o que a gente tem por dentro...)

RADIOGRAFIA

- **Emilio Surita** ainda está p. da vida porque um certo jornal chamou nosso galã de "Chato boiaza". Injustiça, chamar ele de chato. Só de raiva ele anda dormindo num envelope.
- **Leandro**, o locutor mais janotinha da rádio, sofreu um duro golpe no bolso e no ego. Ao estacionar perto de uma casa noturna, teve a capota do seu "XR3-conversible" totalmente destruída. Deve ser a turma do "já-que-eu-não-tenho-ninguém-mais-pode-ter".
- **Julinho Mazzei** é filho do professor Julio Mazzei, aquele que passou a copa toda comentando o Apito Final com Luciano do Valle, na Rede Bandeirantes. Cá entre nós: o filho é bem mais bonitão!...
- **Quem vê o Beto Rivera** na TV Gazeta, no Clip Trip, não imagina como o rapaz fica usando touca. Não, gente. Ele não dorme de touca. É que o Beto pratica natação uma escola do al. Lorena e tem que usar aquela touquinha justa na cabeça. E na piscina, Beto confirma que é bom, até debaixo d'água...
- **Paulinho Ribeiro** está arrasando na programação coruja, da meia noite às 4 da manhã. O esquadrão da insônia em peso telefona e escreve pro rapaz, inclusive com propostas nada publicáveis...
- **Aqui na rádio**, só tem gente querendo reservar convite e credencial. É que o Technotronicks vem vindo aí. Comecem a fazer a sua tecno-poupança) desde já.
- **A audiência da Pan** é super qualificada mesmo. Quando a perua vai às ruas, é um tal de juntar gatos e gatinhas que não acaba mais. Na Pan, a única *perua* é a nossa viatura...

DJ EMILIO SURITA

Nome: *Emilio por parte de mãe, Surita por parte de pai, e Chato Beleza por parte da Falha de São Paulo.*

Endereço: *Jovem Pan. Ele não sai de lá nem pra fazer naninha.*

Roupa: *Camiseta de brinde, sapato de bi... co e calça de via... gem.*

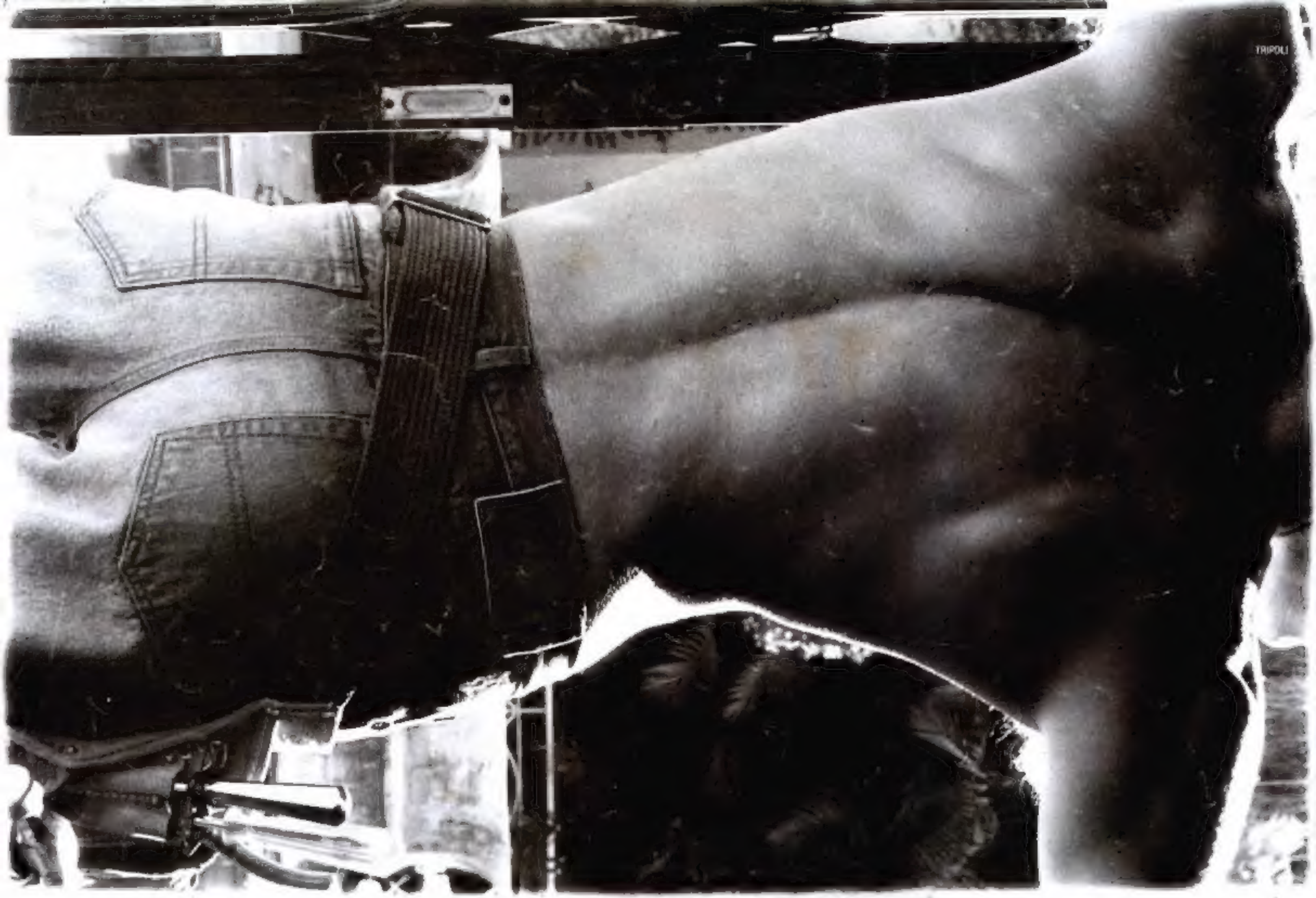
Mulher: *Já experimentou uma vez. Achou interessante.*

Sexo: *É bom, mas atrapalha muito durante a locução.*

Comida: *Qualquer uma, contanto que os outros paguem.*

Cor predileta: *Tons pastéis, de preferência de queijo e palmito.*

Se fosse um bicho: seria um bichopapão...
Se fosse uma roupa: seria um minhocão...
Se não fosse locutor: seria um ca... nastrão.



SETE SETE CINCO BRASIL

(011) 828 1716